

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Dartagnan Abdias Silva

HÁ BRUXAS NA CIDADE:
A WICCA A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DA UWB

Juiz de Fora

2017

Dartagnan Abdias Silva

Há bruxas na cidade: a Wicca a partir da representação da UWB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Religião, Sociedade Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Juiz de Fora
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Dartagnan Abdias.

Há bruxas na cidade : a Wicca a partir da representação da UWB / Dartagnan Abdias Silva. – 2017.

119 p. : il.

Orientador: Marcelo Ayres Camurça

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, 2017.

1. Wicca. 2. Paganismo. 3. Bruxaria Moderna. 4.

Contramodernidade religiosa. I. Camurça, Marcelo Ayres, orient. II. Título.

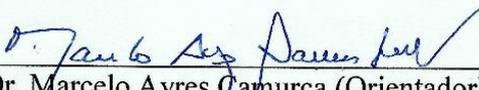
Dartagnan Abdias Silva

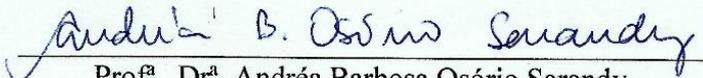
Há bruxas na cidade: a Wicca a partir da representação da UWB

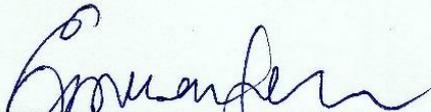
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Religião Sociedade e Cultura, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 24 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora


Prof. Dr. Andréa Barbosa Osório Sarandy
Universidade Federal Fluminense


Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Aos meus pais pelo apoio, estímulo e crença depositados em minha jornada acadêmica. À Professora Elizabeth Pissolato, que me ajudou a direcionar olhares e lacunas presentes nas pesquisas do tema. Ainda que não tenha chegado lá, acredito ser essa pesquisa um passo maior na direção da resposta à pergunta “o que fazem as bruxas?” levantada na defesa de meu Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Ciências Sociais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que recebem meus agradecimentos de maior importância, pelo amor, apoio, crença e suporte oferecidos de maneira incondicional e pelo incentivo crescente em minha jornada acadêmica; e sem os quais nada disso teria sido possível, meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

À minha família e ao meu irmão, cujo apoio e suporte não podem ser descritos nesse papel.

Ao Professor Marcelo Camurça pela amizade, apoio e orientação sempre aberta que culminou nesse trabalho.

Ao Professor Emerson Silveira, pela amizade, apoio e contribuição prestados desde a graduação.

À Professora Andréa Osório, pelo material, incentivo e contribuições prontamente prestados.

À Professora Elizabeth Pissolato, pelo direcionamento prestado em meu TCC que abriu caminho para que essa pesquisa fosse pensada e através dela rumar em busca da resposta à pergunta “e o que fazem as bruxas?”.

À Ligia Amaral Lima, que enfaticamente me apoiou e deu todo suporte necessário para minha inserção no campo pesquisado.

Ao Og Sperle e todos da União Wicca do Brasil, pela abertura e parceria prestados de prontidão à pesquisa.

À “família real” que me acolheu durante a pesquisa, pelo maravilhoso acolhimento, apoio e amizade.

A todos os sacerdotes e bruxos que contribuíram com a pesquisa em suas peculiaridades.

Aos amigos presentes e apoiadores dessa formação: Luísa Correard, Bruna Assis, Humberto Miranda e Silas Lima, que muito me apoiaram e contribuíram com todo o processo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF, pelo acolhimento, incentivo, formação e contribuição com meu Mestrado.

Ao CNPq, pela ajuda financeira.

RESUMO

Criada no século XX, a Wicca pode ser enquadrada compondo o espectro da chamada Nova Era. Caracteriza-se por ser uma religião autonômica, ecológica e de privatização religiosa. Herda dessa constituição um processo de reencantamento do mundo e, ambigualmente, de manutenção do mundo secularizado em que vivemos. Da mesma forma, em sua formação atual, ela pode ser considerada, simultaneamente, um processo de *communitas*, enquanto também se articula a partir de comunidades emocionais. Esses dois conceitos, aparentemente distintos – um vindo de Victor Turner, o outro de Danièle Hervieu-Léger –, parecem se entrelaçar, quando analisamos a dinâmica desse campo: em sua estrutura ritualística e religiosa/social. Compondo a ambientalização moderna dessa religião essa dinâmica constante provoca tensões e porosidades no campo. O primeiro descreve com exatidão o processo da traçagem do Círculo Mágico e o segundo se dirige aos seus *covens*. Desse modo, o presente trabalho propõe algumas reflexões a respeito da realidade wiccana encontrada na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Busca-se compreender, portanto, a pergunta “quem são os bruxos modernos?”. A resposta a essa pergunta nos leva à compreensão crescente e profunda desse tema tão recente e tão vasto de pesquisa.

Palavras-chave: Wicca. Paganismo. Bruxaria Moderna. Contramodernidade religiosa.

ABSTRACT

Created in the 20th century, Wicca can be framed composing the New Age spectrum. It is characterised for being an autonomic and ecologic religion and also for religious privatization. For its constitution, it inherits a process of re-enchantment of the world and, ambiguously, of maintenance of the secularised world that we live in. In the same way, in its current formation, it can be considered, simultaneously, a process of *communitas*, as it comes from emotional communities. These two concepts, apparently distinct one from another – the first coming from Victor Turner, and the other from Danièle Hervieu-Léger –, seem to interweave when we analyse the dynamics of this field: in its ritualistic and religious/social structure. Composing the modern environmentalization of this religion, the constant dynamics causes tensions and porosity in the area. The first describes with exactitude the drawing process of the Magic Circle; the second heads to its *covens*. Therefore, the present work proposes some reflexions concerning the Wicca reality found in the city of Rio de Janeiro (RJ). Thus, it is an attempt to comprehend the following question: “Who are the modern witches [Wiccans]?” The answer to this question lead us to the crescent and deep comprehension of this very recent and wide topic.

Keywords: Wicca. Paganism. Modern Witchcraft. Religious Counter-Modernity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01:	Família wiccana que me hospedou no Rio de Janeiro	43
Imagem 02:	Altar simbólico montado para exposição na Expo Religião 2016	52
Imagem 03:	Vista superior do altar exposto	53
Imagem 04:	Itens da loja Essência Pagã	62
Imagem 05:	Itens da loja Essência Pagã (2)	62
Imagem 06:	Prateleiras com itens da loja Jeito de Bruxa	63
Imagem 07:	Prateleiras com cosméticos da loja Art Zoe	64
Imagem 08:	Altar demonstrativo exposto no estande da UWB	65
Imagem 09:	Banner descrevendo o Paganismo	66
Imagem 10:	Banner descrevendo o Neopaganismo	67
Imagem 11:	Ligia Amaral conduzindo a espiral do palco	71
Imagem 12:	Início e preparação do círculo para espiral	72
Imagem 13:	Cientes comprando mercadorias das lojas do estande da UWB	75
Imagem 14:	Visitantes no estande da UWB	76
Imagem 15:	Participação da UWB junto a outras associações e autoridades religiosas na Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa	88
Imagem 16:	Panfleto informativo distribuído pela UWB na entrada do I Seminário sobre Paganismo	92
Imagem 17:	Foto das lideranças religiosas e organizadores da Expo Religião 2016	93
Imagem 18:	Convite distribuído como meio de divulgação do I Seminário sobre Paganismo	94
Imagem 19:	Parte externa do folheto contendo a programação do I Seminário sobre Paganismo	95
Imagem 20:	Parte interna do folheto contendo a programação do I Seminário sobre Paganismo	95
Imagem 21:	Foto com a bruxa Ligia Amaral Lima	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 01:	Os oito Sabás da Roda do Ano	57
Tabela 02:	Os quatro Esbás	58
Tabela 03:	Programação do II Seminário sobre Paganismo da UWB	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABraWicca	Associação Brasileira de Arte e Filosofia Wicca
PFI	Pagan Federation International
UWB	União Wicca do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: “WICCA: A RELIGIÃO DOS BRUXOS”	19
1.1. ESOTERISMO, WICCA E NOVA ERA: UMA TEIA HISTÓRICA DE SINCRETISMO	21
1.2. WICCA E A NOVA ERA: UM CIRCUITO DE AUTONOMIA	28
1.3. OS BRUXOS URBANOS: O NATURAL VIVENDO NA CIDADE	34
CAPÍTULO 2: O CÍRCULO DENTRO DO CÍRCULO.....	45
2.1. UM CÍRCULO NO CIRCUITO: A WICCA COMO RELIGIÃO.....	48
2.2. A ESPIRAL ÀS SENHORAS: A WICCA NA EXPO RELIGIÃO, 2016.....	61
2.3. CÍRCULOS E COVENS: UM RITUAL LIMINAR E UMA ORGANIZAÇÃO EMOCIONAL.....	78
CAPÍTULO 3: O MOVIMENTO PENDULAR E AS POROSIDADES DO CAMPO ...	84
3.1. A UNIÃO WICCA DO BRASIL: A POLÊMICA DA REPRESENTATIVIDADE....	87
3.2. A “GUERRA DOS EGOS”: A DISPUTA POR LEGITIMIDADE E LIDERANÇA ..	98
3.3. A ACADEMIA: UMA RELAÇÃO DE LEGITIMIDADE E DESCONFIANÇA	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
BIBLIOGRAFIA	115
BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA	115
BIBLIOGRAFIA NATIVA	118

INTRODUÇÃO:

Sim, existe de fato um mundo de magia além dos limites do mundano. Logo além daquela colina, ou dentro daquela floresta, ou atrás daquelas portas, ou seguindo aquela estrada de terra, há pessoas mágicas que se reúnem. Todos em longos mantos ondeantes e capas e capuzes escuros, o rosto misterioso escondido em pintura ou máscaras... as mulheres usam lindos vestidos de seda e veludo, espartilhos e corpetes ou lindos saris e sarongues balineses com belas estampas, joias fantásticas, braceletes, colares, anéis, tornozeleiras e cintos de dança do ventre, penteados, tiaras e chapéus de bruxa pontudos com largas abas... homens de kilt, quítton, couro, calções, togas, túnicas, mantos e coletes – capacetes e bandanas com chifres... e mesmo visões mais fantásticas do que se poderia descrever.

Venha comigo à reunião...

Quando você chegar ao local de reunião, é recebido com sorrisos calorosos e abraços. Todos dizem “Bem-vindo ao lar!”, e você sabe que é verdade, pois sente em seu coração que, de fato, chegou em casa. (ZELL-RAVENHEART, 2008, p. 258)

Essa linda forma poética, mais parecida com a cena de um filme épico, é a maneira com que o feiticeiro Oberon Zell-Ravenheart apresenta o mundo mágico em sua quinta aula do terceiro curso presente em seu livro *Grimório para o aprendiz de feiticeiro* (2008). Com certeza a visão de uma cena como essa encanta e muito, e parece descrever com perfeição um cenário fantasioso, talvez uma festa a fantasia. Mas na verdade essa é a descrição passível de ser observada em um encontro, feira ou convenção de bruxos wiccanos, como a que acontece em Paranapiacaba (SP) anualmente em maio.

Sim, existem bruxos¹ na cidade. Eles estão por aí, espalhados nos mais variados apartamentos, alguns em casa, outros em granjas e sítios mais afastados. A maioria em seus carros, trabalhos e estresses diários. Mas apesar da secularizada vida que levam em seus dias, os bruxos continuam buscando uma reconexão com um passado longínquo em que homem e natureza viviam em perfeita harmonia.

A Deusa é o centro de seu culto, uma *pan-deidade* imanente e transcendente. Ela é a própria natureza, tudo o que existe é parte e criação da Deusa, e mais, é a condutora do ciclo da vida e da morte e assim se perpetua através do tempo. Os seres da natureza também são cultuados por esses bruxos urbanos. Oferendas de incenso, de doces e até de moedas são deixadas em casa ou em praças para fadas, duendes e gnomos. Há uma relação de troca de favores entre eles, dentro de uma profunda parceria e reverência. Encantos, poções, feitiços e

¹ “Entre os adeptos da *Wicca* o termo ‘bruxa(o)’ assume outros sentidos daqueles utilizados tradicionalmente. Neste caso, o termo não remete a indivíduos envolvidos com a prática de malefícios através de feitiços e encantamentos; ao contrário, valorizado positivamente, o termo faz referência a um tipo de saber tido como ‘intuitivo’ e mais próximo de um ideal de natureza.” (RIBEIRO, 2003: 09)

rituais mágicos são realizados cotidianamente, todos visam moldar a energia que permeia o espaço, as coisas e o próprio tempo a fim de alcançar circunstâncias mais favoráveis. Mas tudo tem que ser realizado de acordo com a lei do amor e da confiança, pois essa é a lei da Deusa.

O romantismo e encanto dessa espiritualidade atrai as pessoas críticas ao excesso de pragmatismo e de objetividade de nossos tempos modernos. A Wicca se torna uma religião crescente no mundo todo e que facilmente se adapta ao campo religioso onde se instaura. Sua articulação com essa espiritualidade encantada e com campo no qual se insere parece conviver bem com o pluralismo moderno e suas atitudes permeiam ambos os campos do encantamento e da secularização; atraindo portanto jovens com alto grau de escolaridade, urbanos, geralmente de classe média, com predominância do público feminino.

Cada adepto exerce religiosamente o direito de vivenciar sua fé de maneira autonômica e privatizada. “Trata-se de um fenômeno heterogêneo, uma vez que os praticantes possuem liberdade para realizar seus próprios arranjos, implicando num exercício de permanente construção dessa religiosidade” (RIBEIRO, 2003, p. 10-11). A magia e a Deusa estão no foro mais íntimo do indivíduo: suas emoções. É através delas que o processo de (re)conexão com o divino acontece. A postura e pensamento não são mais pragmáticos, lineares e racionais, se tornam globalizantes, circulares e encantados.

Contudo, nem só flores enfeitam os altares vivenciados da Wicca. Há bastante tensão em suas relações, provocada por um movimento pendular contínuo entre encantamento e secularização, gerando conflitos e disputas internas.

A presente dissertação nasceu de reflexões levantadas na banca de defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso, em 2012, quando falei da relação entre a bruxaria moderna e a mídia e da ressignificação da sua imagem social. Desde esse trabalho, percebeu-se a complexidade do objeto estudado e sua multiplicidade e polissemia. A cada passo dado rumo à compreensão da Wicca, outros tantos caminhos ainda não trilhados se abrem em nosso horizonte. Isso talvez seja possível, pois a Wicca é uma religião pluralista por natureza, holística e inserida na rede Nova Era. Sua dinâmica e arranjos privados, autônomos, atribuem-na características bastante peculiares, colocando-a como uma religião de contracultura, fundada de maneira a rever os valores tão estreitos da modernidade.

A linha que levamos aqui é a de alçar reflexões sobre alguns temas a respeito da Wicca e sua formulação, e o campo escolhido foi a cidade do Rio de Janeiro (RJ), mais precisamente na circunscrição dos grupos filiados ou parceiros a União Wicca do Brasil (UWB) e, principalmente, a própria UWB. Os arranjos e costuras particulares dessa religião inviabilizam uma observação geral, o foco aqui, portanto, será partir do particular para entender o global.

Passei cerca de um ano e meio em contato com meu campo, visitando constantemente os grupos estudados, participando de cursos, palestras, feiras e workshops. Me integrei às ritualísticas de um grupo wiccano, localizado na zona sul do Rio de Janeiro (RJ), mas por solicitação de seu sacerdote e coordenador, fui levado a ocultar seu nome e práticas.

Ribeiro (2003) constata que a Wicca não separa o nativo do pesquisador, e, assim, ou somos vistos com olhares puramente desconfiados lançados à ciência como um todo, ou como bruxos com conhecimentos científicos a serviço da comunidade. Na coleta de dados, usando a roupagem pesquisadora, encontrei com cordiais esquivas ou restrições diretas. O grupo de que participei ritualisticamente me deu subsídios para entender o porquê. Há mistérios e vivências que são consideradas sagradas, e, portanto, secretas. Não devem ser expostas ou abertas ao público, segundo a visão nativa. Por outro lado, a ciência, sistematicamente, passou os últimos séculos tentando desacreditar a magia, o que traz profunda incerteza e receio em suas demandas.

Assim sendo, optei por usar rituais e participações de foro público, evitando os solavancos que poderiam ser encontrados. Concomitante, trago reflexões de ritualísticas e participações que pude acompanhar durante esse um ano e meio de pesquisa – aqui sem citar ou descrever práticas e nomes, obedecendo a Lei de Silêncio que vigora entre os praticantes e convidados do grupo.

Por um lado, minha pertença próxima ao campo – como druidista, pagão que sou – abriu caminhos para uma aproximação maior de tipo político. Por outro lado, criou o mesmo dilema enfrentado por Ribeiro:

se por um lado, meu contato prévio com este universo facilitou a inserção no campo, por outro, constituiu um problema em determinados momentos. Especialmente neste primeiro grupo, que não me via como pesquisadora, mas como alguém “de dentro”. Esta foi uma postura que se repetiu com outros “bruxos”: ao ser apresentada a Heimdall e Aradia, Ártemis definiu-me como “bruxa” e, iniciada nos “mistérios”. Minha condição de pesquisadora foi interpretada por estes “bruxos” como vantajosa, pois se entendia que a pesquisa serviria para promover a prática *wicca*, divulgando-a no âmbito da academia. (2003, p. 15)

Igualmente, fui apresentado pela bruxa Ligia Amaral Lima à comunidade da UWB como um bruxo, “antropólogo” e cientista da religião. Isso pareceu me dar determinada autoridade sobre muitas pessoas do meu campo, que me viam como alguém de um conhecimento maior que também deveria ser usado em favor da Wicca, legitimando-a cientificamente.

Diferentemente de Ribeiro (2003), não optei por mudar de grupo, iniciar uma pesquisa onde eu fosse desconhecido, para poder ser visto meramente como pesquisador. A autora aponta que o máximo que conseguiu era ser vista como uma novata, pois os wiccanos não fazem

diferença entre profissional e espiritual; sua visão holística do mundo, sempre leva a enxergarem uma realidade única, difícil de ser fragmentada e sempre principiada pelo espiritual e pelo emocional.

Meu posicionamento, portanto, foi de realizar uma dupla flexão². Em primeiro momento, entender como meu campo me enxergava e compreendia minhas ações. Em segundo, compreender-me enquanto nativo e pesquisador, buscando me pautar de maneira sempre coerente metodologicamente com a pesquisa. Inserir-me no contexto da pesquisa se tornou crucial para uma articulação mais ampla com o campo. Enfatizo que meu próximo pertencimento confessional orientou e influenciou olhares e perspectivas elencadas nessa pesquisa, como sujeitos, torna impossível a objetividade pura, principalmente quando referidas a um estudo de objetos também tão subjetivos (VELHO, 2007). A relação mantida é a de “sujeito-sujeito”, ou seja, me reconhecer enquanto sujeito, ao mesmo passo reconhecer as subjetividades e nuances do meu objeto.

Alguns bloqueios foram sequenciados por adentrar esse campo como pesquisador. Além da restritiva Lei de Silêncio que preponderou sobre o grupo que participei ritualisticamente, não consegui acesso às filmagens dos seminários realizados pela UWB como havia me sido prometido pelos seus presidentes. Cordial e discretamente, eles foram atrasando a entrega desse material, até que, por inviabilidade técnica e inconveniência, desisti de solicitá-lo. Parte disso se explica pelo receio de plágio do material ou de proteção da comunidade de possíveis “difamações”, outra parte, sem dúvida, está relacionada à desconfiança em relação à ciência.

Esse bloqueio foi decisivo para o final de minha pesquisa. Ao ter negada a permissão de utilizar material colhido nos rituais e estudos em que participei, perdi uma considerável parte de exemplos e material que usei de base comparativa e analítica, criando uma possível defasagem na pesquisa. Igualmente, a negativa do material digital referente às filmagens dos Seminários, me impediu de um uso mais aprofundado das discussões e falas prestadas pelos palestrantes durante suas realizações. Quando tais obstáculos se levantaram, minha pesquisa já estava bastante adiantada e a reinserção em outro grupo se mostrava ineficaz por conta do prazo final de entrega do presente trabalho. Como tantos outros antes de mim, fui ludibriado pelo meu nativo.

O que observo, portanto, é um temor da exposição científica, do método e do objetivismo que desencanta o mundo (GUERRIERO, 2003). A chave então foi o uso de fotos tiradas em eventos públicos, de conversas dirigidas, da observação participante e da pesquisa

² Seguindo as indicações de Otávio Velho no texto “Religiosidade e Antropologia”, encontrado em “Mais Realistas que o rei”, publicado pela TopBooks em 2007.

por contraste como metodologia. Dessa forma, optei por manter oculta as informações que me serviram de base analítica e, muitas vezes, levanto minhas conclusões referindo-me a elas sem explaná-las, obedecendo assim as prerrogativas e exigências finais do meu campo.

Existe uma tensão clara entre a Wicca e a Ciência: uma apropriação e um receio, que são frequentemente levantados... Os wiccanos buscam na ciência uma fonte de legitimação no mundo secular, contudo, temem o desencantamento científico, acreditando que o objetivismo poderia matar a magia. Essa tensão sutil perpassa toda essa dissertação, uma vez que muitas vezes fui levado a me posicionar e conduzido sistematicamente a assumir um posicionamento nativo, em que minha formação científica me angariava autoridade nas falas e permanência nos espaços. Mas quando tentava trazer as experiências coletadas e vivenciadas para a análise científica fui sistematicamente censurado até, como mencionado, ter negadas autorizações de publicações dessas mesmas experiências. Essa tensão trabalharemos melhor no terceiro capítulo desse trabalho, quando discutiremos essas interações político-sociais da Wicca.

Parte significativa dos trabalhos de nossa área perpassa pelos informantes nativos, com relação a eles, os nomes listados foram alterados, e optei por usar nomes tidos como “comuns”, pois é uma prática recorrente na Wicca que os adeptos recebam ou adotem nomes diferentes. Dada a possibilidade de conflitos, optei por nomes convencionais em nossa sociedade. Pela mesma razão, o verdadeiro nome de umas lideranças foi substituído, uma vez que ele não participou efetivamente da pesquisa e já teve polêmicas bem explícitas com outros pesquisadores da área. Mas, dada sua liderança e ênfase, é impossível se pesquisa Wicca no Brasil sem referenciá-lo, mesmo que o façamos mantendo o máximo possível de seu anonimato na pesquisa. As exceções a essa regra são os nomes de lideranças públicas, como o sacerdote Og Sperle, presidente da UWB, e a bruxa e escritora Ligia Amaral Lima – com quem já tenho contato e amizade a longa data, o que facilitou minha inserção no campo, apesar de gerar uma estima exagerada de minha pessoa por parte dos adeptos pesquisados.

Outros grandes interlocutores foram Marcos, meu principal informante. Marcos é um jovem de 23 anos, estudante da Wicca desde os 18 anos. Atualmente trabalha como lojista e é nativo do Rio de Janeiro. Pedro e Camila, sacerdotes do grupo ritualístico que participei, ambos casados e proeminentes na Wicca há mais de 10 anos. Bernardo e Gabriel, wiccanos que também colaboraram muito com conversas e exposições de seus pensamentos. Bernardo possui 25 anos, é wiccano há 4 anos, trabalha em uma empresa multinacional e cursa graduação em História. Gabriel tem 19 anos, está na Wicca desde os 16 anos, não pratica formalmente de nenhum grupo e atualmente é apenas universitário, fazendo graduação em Letras. Além desses, um grande interlocutor meu foi a (chamada por Ligia Amaral) “família real”, o pai, mãe e filha

que me acolheram em toda a estadia no Rio de Janeiro (RJ) – aqui não nomeados –, a mãe é professora de educação básica do Estado do Rio de Janeiro e o pai é autônomo, terapeuta holístico, já a filha está tentando ingressar numa boa faculdade de cinema. São uma família de classe média que parece vivenciar o paganismo desde sempre, extrapolando os limites da Wicca. O que saliente é que entrar na intimidade de uma família wiccana me permitiu chegar a reflexões inimagináveis anteriores à imersão.

De agora em diante, embarcaremos em reflexões e indagações a que minha jornada e experiência em campo me conduziram. A proposta original de responder a pergunta “o que faz a bruxa moderna?” foi mais uma vez adiada. Em seu lugar, para se adequar às exigências do campo, entra uma pergunta realmente anterior: “quem é a bruxa moderna”? Para desenharmos seu perfil é necessários entender um cenário mais amplo em que a Wicca se insere, a Nova Era, e concomitantemente, indagarmo-nos a respeito de suas porosidades e tensões.

Capítulo 1: “WICCA: A RELIGIÃO DOS BRUXOS”³

Nesse primeiro capítulo gostaria de estabelecer a relação da Wicca com o fenômeno sócio-religioso contemporâneo chamado de Nova Era⁴, de maneira a compreender melhor sua estrutura e dinâmica. É complexo falar de uma religião com tantas porosidades como a Wicca se apresenta, mas acredito ser exatamente pelos caminhos seguidos por Leila Amaral (1994 e 2000) e Maria Julia Carozzi (1999), no estudo da Nova Era, e pelos caminhos de Andrea Osório (2001, 2005 e 2007) e Alessandra Ribeiro (2003) no estudo da própria Wicca que melhor compreenderemos essa recente expressão religiosa.

Habitualmente, nos congressos de que participei, desde a graduação, estou habituado a ter de passar um bom tempo da apresentação oral explicando o que é a Wicca. Na maioria dos grupos de trabalho em que participava, poucos (às vezes ninguém) conheciam de fato a Wicca. Alguns perguntavam “ah! É aquela religião das fadas e das bruxas, né?”, outros diziam “já vi algo sobre na televisão, mas não achava que isso existia no Brasil”. Percebi que a academia brasileira pouco conhece sobre a Wicca e os trabalhos que existem estão, em sua maioria, desconexos ou são pouco divulgados. Talvez haja pouco interesse por esse campo de pesquisa tão vasto, talvez seja apenas falta de conhecimento.

Contudo, essa não é a realidade vivenciada por uma parcela considerável da população das grandes cidades. Rotineiramente, ouço pessoas falando sobre a Wicca em ônibus. Já me deparei com alguns casos de pessoas lendo livros e métodos wiccanos em coletivos, praças e livrarias. Há uma grande curiosidade e procura na internet. Os filmes e seriados televisivos têm trabalhado cada vez mais com pesquisas de composição de dramaturgia e personagem baseado em práticas wiccanas. As bruxas da televisão deixaram de ser apenas más e endemoniadas, passaram a ser boas e curandeiras. Trabalham com cristais e se reúnem na floresta. Todo esse

³ Título do livro da bruxa e escritora wiccana Ligia Amaral Lima.

⁴ Nova Era é um fenômeno religioso/espiritual que surgiu nas décadas de 1960 e 70 em Findhorn, na Escócia (CAROZZI, 1999). Esse fenômeno, popularizado no mundo e principalmente nos Estados Unidos, na década de 1980 prega a abertura da mente e o holismo como maneira de alcançar a transcendência espiritual, a paz e a conexão com o mundo. Pregam a liberdade e autonomia do ser, inserindo-se ao moderno processo de privatização religiosa (STEIL, 2001), enquanto compartilham suas vivências e experiências místicas em oficinas, *workshops*, cursos e terapias holísticas criando uma moderna rede de contatos, conexões e interlocuções entre praticantes, grupos e visitantes; cujo primado base é o da completa autonomia dos usuários religiosos desse circuito. O fenômeno foi estudado com diversos nomes por vários estudiosos contemporâneos: “Complexo Alternativo” (SOARES, 1989), “Esoterismo” (CARVALHO, 1998), “Nova Era” (AMARAL, 1994 e 2000; CAROZZI, 1999; OSÓRIO, 2001, 2002 e 2005; CAMURÇA, 2014) e “Neo-esoterismo” (MAGNANI, 1999 e SCHWADE, 2001). No presente trabalho empregaremos todos esses termos, como maneira de estabelecer um diálogo com os autores que os utilizaram.

material disponível parece fazer proselitismo não intencional com relação a Wicca (SILVA, 2012).

Quiçá isso justifique a constituição de um público wiccano, também constatado por Ribeiro (2003): geralmente jovens abaixo de trinta anos, de classe média e média alta, com nível escolar superior concluído ou cursando, em sua maioria mulheres.

A Wicca é uma religião moderna, centrada no primado da autonomia e na privatização religiosa. Traz consigo uma agenda muito presente nos debates sociais e políticos da atualidade: feminista e ecológica. Prega a harmonização do homem com a natureza, na qual se encontra o verdadeiro sagrado. O bosque é o templo, o planeta é a própria Deusa: a terra é sua pele, os rios são suas veias, a lua é sua face, os homens e animais são, portanto, seus filhos. É a Deusa a divindade perene que conduz o ciclo da vida e da morte, protagonizado por seu consorte e filho, o Deus, ciclo esse vivenciado anualmente na roda das estações.

A mulher é a emanção da própria Deusa, pois ela possui o dom da gestação e da vida. Seu útero é sagrado e fonte geradora da magia. (OSÓRIO, 2001; RIBEIRO, 2003). Com esse discurso, a Wicca abarca toda uma agenda feminista, protagonizada principalmente na vivência sacralizada da feminilidade que é praticada nos Círculos do Sagrado Feminino que suas adeptas costumeiramente frequentam. Não há aqui uma discriminação do masculino. Apesar de as mulheres serem concebidas como mais propensas à prática mágica, pelo misterioso ato da gestação e da renovação periódica de seu útero, os homens nasceram do útero e, portanto, são tão sagrados quanto o útero que os geraram. Há Círculos do Sagrado Masculino, mas seus trabalhos sempre se iniciam com o reconhecimento de seus membros da sacralidade feminina, que foi deturpada e submetida ao jugo opressor da sociedade por eles considerada patriarcal e machista.

O chamado patriarcado também é uma base constitutiva na agenda wiccana. O discurso dos adeptos o culpa pela subjugação da natureza ao homem, destruindo o sagrado e apartando a humanidade de sua harmonia utópica. A relação é simples: com o advento do patriarcado e da desigualdade de gênero, não só as mulheres foram submetidas aos homens, como a própria Deusa havia sido subjugada e, quando não se podia mais subordina-la, demonizaram-na. Esse discurso, em geral, vem sempre com uma forte crítica ao cristianismo, que é acusado de ter sido o braço opressor do patriarcado na sociedade ocidental.

Na cosmologia wiccana, o mundo era matriarcal em seu início, a Deusa reinava e a harmonia era vivenciada. Não existia gênero ou espécie subjugada, pois não há predileção no amor de uma mãe. Nessa era, a humanidade e a natureza viviam em perfeita harmonia. Mas os homens começaram a temer o desconhecido poder de vida e morte que detinham as mulheres,

e, assim, deu-se começo a uma era de opressão e medo: o início do patriarcado, da distorção e inversão das relações femininas, da criminalização e demonização de sua sacralidade e trazendo um tempo de discriminação, competição e valorização de “egos”. Hoje, a sociedade estaria acordando novamente, buscando a harmonia e a convivência com a Deusa que havia sido apartada da sociedade humana, mas que jamais deixou de ser benevolente e justa com os homens.

A Wicca seria, portanto, o reavivamento dessa religiosidade primordial e sagrada, baseada na sacralidade feminina e ecológica e, dessa forma, seria a mais antiga das religiões: o culto à Deusa Mãe / Grande Mãe / Mãe Terra.

Aqui já se observa o discurso holístico tão característico da Wicca e da chamada Nova Era. A pretensão aqui é mostrar o pertencimento da Wicca ao “complexo alternativo” de Soares (1989), enquanto também a aponta como uma religião ou um eixo específico e identitário, que se comporta dentro desse circuito mais amplo e eclético.

1.1. ESOTERISMO, WICCA E NOVA ERA: UMA TEIA HISTÓRICA DE SINCRETISMO

Para melhor compreendermos essa relação tão estreita entre a Wicca e a Nova Era, será necessário fazermos uma pequena viagem rumo à criação e estruturação da Wicca, principalmente no período que antecede o movimento Nova Era, que tem suas primeiras influências na contracultura e nos experimentalismos “espiritualizantes” dos anos 1960 / 1970.

A Wicca foi criada por Gerald B. Gardner em 1951, logo após as revogações das leis anti-bruxaria na Inglaterra. Há em sua criação o mito da herança mágica do *coven* da *Old Dorothy* em New Forest⁵. Segundo esse mito, Gardner herdou os conhecimentos wiccanos das

⁵Há uma profunda divergência na comunidade wiccana sobre a iniciação ou não de Gardner. Para alguns – principalmente os gardnerianos –, Gardner foi sim iniciado como ele descreve em seus livros e contou em suas entrevistas. Para outros, pautados principalmente na análise histórica de Russell e Alexander (2008), essa iniciação é meramente mítica, criada a fim de legitimar a Wicca e a personalidade de Gardner nesse cenário. Um consenso entre os wiccanos que acreditam que essa história seja um mito, é o de que o mito em si não importa, mas sim a legitimidade sagrada que a Wicca tem e a crença unânime de que Gardner é o “pai da Wicca”. Para todos os wiccanos, no entanto, a Wicca é herdeira de uma religião primitiva que engloba e cita todas as demais, a crença e a fé na Deusa Mãe, na Mãe-Terra, e, por isso, mesmo com nomes e faces diferentes no curso da história, a Wicca é uma grande e milenar religião que descende dos primórdios da humanidade. Assim, citaremos essa história da criação da Wicca como um “mito fundador”, sem entrar no debate de sua realidade histórica. Já *Old Dorothy*, ou Dorothy Clutterbuck é, portanto, a personalidade que teria iniciado Gardner nos mistérios do que teria sido apresentado a ele como a Antiga Religião. De acordo com Rocha e Alonso (2009), Gardner teria encontrado um grupo de remanescentes bruxos que sobreviveram ao Caça às Bruxas, presidido por uma mulher – a quem Gardner carinhosamente chamava de “*Old Dorothy*” –, em New Forest. Foi por essa mulher que Gardner conta ter sido iniciado e aprendido os mistérios que o levariam a fundar a Wicca.

práticas secretas desse *coven*⁶, no qual foi iniciado nos mistérios da Antiga Religião por Dorothy Clutterbuck. O fato de Russell e Alexander (2008) contestarem esse mito historicamente afirmando a inexistência da Velha Dorothy, não retirou sua importância e debate da cena wiccana. Para alguns grupos, a iniciação e participação de Gardner desse *coven* é incontestável. Quando essa polêmica foi levantada por Russell, na primeira versão de seu livro em 1980 (anterior à sua reedição, em parceria com Alexander Brooks em 2008), Doreen Valiente⁷ reuniu todos os seus esforços na tentativa de encontrar a Velha Dorothy, e conseguiu achar um Atestado de Óbito de uma Dorothy Clutterbuck. (HESELTON, 2012a/b; RUSSELL e ALEXANDER, 2008).

Contudo, essa polêmica ainda existe hoje. Em uma página do Facebook, *Wicca Gardneriana – Manifesto Gardneriano* (FACEBOOK, 2015), os gardnerianos atestam que a iniciação de Gardner se deu por Dorothy Clutterbuck é um “erro primário”. Pois, a fim de proteger sua preceptora, Gardner teria atribuído essa função a uma pessoa menos visível na comunidade local, possivelmente, a alguém que o desagradou anteriormente na vizinhança, e que, portanto, sua iniciadora seria Dafo, Edith WoodfordGrimes, conforme também se comprovam nas passagens abaixo:

Por isso, especulou-se que Gerald, a fim de proteger o anonimato da Sra. WoodfordGrimes, atribuiu a liderança do *coven* à pessoa mais improvável na área de Christchurch. Servia tanto para despistar os repórteres quanto como uma brincadeira com uma pessoa respeitável, que ele podia ter conhecido e que o irritara. Se esse roteiro extravagante está correto, a Sra. WoodfordGrimes foi não apenas patrocinadora de Gerald e sua parceira de trabalho, mas também era líder do *coven* em que ele foi iniciado. (BOURNE, 2006, p. 66)

Foi Edith a sua iniciadora. E também de outros membros daquele pequeno círculo de amigos – Susie Mason, Rosetta Fudge e Ernie Mason. E lá no fundo estava Rosanne, sorrindo para ele. Todos o abraçaram e o receberam como um membro formal de seu grupo: ele era um bruxo agora. (HESELTON, 2012a, p. 214, tradução do autor).

E, com isso, a polêmica da criação da Wicca e da iniciação de Gerald Gardner, permanece até os dias de hoje. Não debateremos a veracidade ou não do mito fundador da Wicca, afinal, não cabe a nós, nesse trabalho, elencar os passos de qualquer verdade religiosa.

Segundo Rocha e Alonso (2009), Gardner em sua história de vida teve contato com muitos grupos exóticos, principalmente orientais. Ele viveu e trabalhou por anos para o governo inglês no Sri Lanka como fiscal das plantações de Opium. Mas desde criança viajou pela Europa

⁶*Coven* é o nome dado pelos wiccanos a seus grupos religiosos. A palavra “coven”, do inglês, significaria um grupo de membros compactuados, ou regidos por um segredo ou pacto mágico. Geralmente são articulados em grupos de até 13 pessoas, apesar dessa regra não ser inflexível.

⁷Primeira e principal aprendiz de Gardner.

e Ásia na companhia de sua babá, Josephinie McCombie (Com). Escreveu um livro referência até nos dias de hoje, sobre o uso ritual do *Kris Malaio*⁸ e desde então foi seduzido pelas práticas religiosas orientais e esotéricas. Posteriormente, viajou pela Ásia Menor, trabalhando com arqueólogo e antropólogo amador. Sua carga experiencial com as religiosidades “exóticas” e com as culturas antigas foi significativa, o que o levou a escrever seu segundo livro: “*A Goddess Arrives*” (1939), um romance que acontece no Chipre, envolvendo adoração a uma Deusa em sua face Afrodite. (GERALD, 2016).

Já aposentado, muda-se para New Forest, na Inglaterra, onde começa a participar de Ordens místicas, como a Fellowship of Crotona, a Rosa Cruz, tendo sido membro honorário da Ordo Templi Orientis (OTO), de Alaister Crowley, mas, segundo Gardner, o mais marcante deles foi o *coven* da Velha Dorothy. Ali, Gardner diz ter se encontrado com bruxas e bruxos que reproduziam conhecimentos de bruxaria muito antigos, nos quais foi iniciado e aos quais se refere a religião que fundou, a Wicca. (idem).

Gardner permanece, então, ligado ao *coven* da Velha Dorothy até a revogação da lei inglesa anti-bruxaria em 1951, quando funda seu próprio *coven* e nomeia a religião como “Wicca”, em homenagem ao termo antigo do bretão *wicca* (masculino), raiz do atual termo inglês *witch*, que significa “bruxo”⁹.

Apesar de sua vontade de anunciar a sobrevivência da bruxaria ao público, Gardner publica seu terceiro livro em 1949, sob o pseudônimo de Scire, usando do gênero romance para registrar suas ideias. O livro *High Magic's Aid* (1949) descreve os ensinamentos, práticas e rituais do *coven* de New Forest, falando apenas do Deus Cornífero, ocultando a Deusa. Esse deus é o par celestial da Deusa. A crença wiccana aborda a existência de duas *pan-deidades*: A Deusa, que é a própria Terra, é a própria existência, sua geradora, sua nutridora, e o Deus Cornífero (ou apenas o Deus), que é a criação e o consorte da Deusa, e seu oposto complementar, sendo também a Morte (como descrito por Gardner no livro *A Bruxaria Hoje*, 1954). A Deusa é toda a energia geradora e mantenedora do Universo e, por isso, todas as deusas existentes são faces ou arquétipos dessa *pan-deidade*. O Deus, por sua vez, é toda a

⁸ “*Kris and other malay weapons*” (1929 e 1973). *Kris malaio* é uma adaga ou espada de duplo corte e cabo de madeira, comum da Malásia cujo manusear e uso (geralmente atribuído a execuções) eram precedidos por gestos ritualísticos que Gardner se colocou a estudar em 1929 e tornou-se referência frente ao estudo dessa adaga ou espada também ritualística

⁹ Há aqui contestações de alguns historiadores quanto à veracidade dessa raiz. Para Russell e Alexander (2008), a palavra “witch” seria derivada do indo-europeu “weik”, que também estaria na origem de “wik” (santo, sagrado, no inglês moderno). A palavra “wican” ou “wicca”, no entanto, estaria relacionada ao ato de “dobrar”, e por isso seria a raiz de “weak” (fraco, maleável, no inglês moderno). Entendendo, no entanto, que essa raiz “wicca” – “witch” é consenso entre os wiccanos, tendemos a seguir essa analogia no presente trabalho, até pela compreensão de que o conceito de magia usado pelos wiccanos pode, rudemente, ser descritos como “a arte de dobrar energia”, o que faria o ato de “dobrar” ser uma habilidade da bruxa.

criação e todo o seu destino (o ciclo sem fim do eterno renascimento); dessa forma, todos os deuses existentes são faces ou arquétipos do Deus Cornífero – que era assim chamado por sua associação comum a uma divindade antropozoomórfica, geralmente descrita como híbrida de animais, homem e plantas com galhadas de cervo em sua cabeça. (HESELTON, 2012a/b; RUSSELL e ALEXANDER, 2008).

Contudo, Russell e Alexander (2008) vão dialogar com essa primeira obra a partir da influência da antropóloga britânica Margaret Alice Murray, que relatou em seu livro *The witch cult in Western Europe* (1921), publicado no Brasil como *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, em que as bruxas cultuavam um deus único, bissexual (sendo tanto homem quanto mulher), mas que se manifestava predominantemente como masculino. Murray foi (e é) criticada pelo uso de fonte apenas institucional (Igreja Católica), para realização de sua pesquisa e para escrever seu trabalho, o que a teria levado a se distanciar de fatos históricos como o politeísmo pagão, que não se reduzia a uma divindade única (de nenhum sexo). Nesse sentido, Gardner não teria citado a Deusa, por influência de Murray e sua obra. A citação da deidade feminina se daria, portanto, através da influência de Charles Leland, com seu livro *Aradia: or the Gospel of the Mitches* (1899), publicado no Brasil com o nome *Aradia: o Evangelho das Bruxas*, e principalmente com o de Robert Graves, *The White Goddess* (1948), publicado no Brasil como *A Deusa Branca: uma gramática histórica do mito poético*. O primeiro descreve a encarnação da filha (Aradia) da deusa pagã Diana, que viria à Terra para reconectar a humanidade ao sagrado. Esse livro teria sido escrito por Leland através de um livro familiar da tradição de bruxaria italiana, conhecida como *Strigeria*. Como essa tradição é familiar e feminina, Leland teria subornado uma adepta para que vendessem-lhe o livro da tradição de sua família e, em cima desse material, teria escrito o romance. Essa informação, no entanto, é também plausível de contestações de vários lados, pela inexistência de fontes históricas comprovadoras. Já *A Deusa Branca* descreve uma *pan-deidade* feminina que é todas as coisas na existência, de maneira que no final, só ela existe. As críticas a esse livro se dão por se tratar exatamente do que o título já diz, inspiração poética, escrita por um poeta, ensaísta e romancista britânico. (RUSSELL e ALEXANDER, 2008).

Russell e Alexander (2008) postulam que é possível traçar uma linha, um caminho que serve para a criação da Wicca por Gardner, através das influências literárias – desconsiderando a iniciação historicamente não comprovada –, principalmente ao destacarem que, no romance de Graves

a Deusa era tanto venerada como desejada pelo deus-rei. Ela era a Natureza, a Abundância e a Fertilidade; ela era a Terra. Era a mãe, a esposa e aquela que o

recebia na morte, mostrando todos esses atributos de forma simultânea. Assim, Graves a retratava de “forma tríplice”, em uma sequência de três fases de desenvolvimento que constituíam um paralelo com a lua crescente, a lua cheia e a lua minguante (sendo a Lua igualmente seu símbolo). “Ela era a jovem donzela da lua nova, a gloriosa dama da lua cheia e a anciã sábia do quarto minguante” [GRAVES *apud* RUSSELL e ALEXANDER, 2008, p. 164]. De acordo com Graves, a religião original e universal da Deusa foi destituída e suprimida por uma cultura patriarcal emergente, que era de natureza violenta, guerreira e hostil à Natureza. Os últimos quatro mil anos da história da humanidade, portanto, representaram um declínio espiritual constante desde a Idade do Ouro original e pré-patriarcal. (RUSSELL e ALEXANDER, 2008, p. 164).

O que se observa, portanto, é que, considerando ou não o mito fundador como verdade, a influência literária em Gardner é inquestionável, tanto que, aos poucos, a visão de Graves vai sendo incorporada na Wicca (principalmente pelos aprendizes do bruxo) até chegar à visão contemporânea, que articula a Deusa como uma deusa tríplice, vinculada às fases da lua, exatamente como descritas por Graves. O Deus por sua vez se torna seu consorte, associado ao sol. O debate da superação do patriarcado e da retomada do matriarcado puro e ancestral também aparece na agenda religiosa da Wicca, que criou e desenhou uma interpretação histórico-religiosa do mundo (de seus primórdios aos dias de hoje), baseada precisamente nessa crença. Nesse sentido, a Wicca Moderna superou a visão Gardneriana da Deusa e o Deus Cornífero (que não atribuía à primeira a imagem tríplice ou lunar, muito menos a caracterizava como aquela que acolhe na morte) e a reelaborou a partir de influências mais profundas do próprio Graves, incorporando também, como descreve Osório (2001), a evolução dos movimentos feministas.

Em 1953, Gardner iniciou Doreen Valiente, que se tornou seu braço direito e maior aprendiz. Durante 4 anos trabalharam juntos escrevendo textos rituais e não rituais. Até hoje, o Livro das Sombras¹⁰, escrito pelos dois, é o principal livro da fé da Wicca Gardneriana. (GERALD, 2016).

Em 1954, Gardner publica sua quarta obra “*The Witchcraft today*” (*A Bruxaria Hoje*, no Brasil), livro que apoia a teoria da antropóloga Margareth Murray, ao dizer que a bruxaria moderna é remanescente do antigo culto pagão pré-cristão da Europa, e é onde Gardner anuncia publicamente sua crença e lamenta a eminente morte da bruxaria pela ciência. (idem)

Nesse livro, Gardner escreve o que ficou conhecido como “A Lenda das Bruxas”, na qual conta a história resumida da Deusa e do Deus Cornífero. É também a primeira versão

¹⁰ Livro das Sombras é o nome dado ao livro (geralmente pessoal ou de um grupo ou tradição) escrito com os ensinamentos, rituais e receitas principais da fé wiccana.

wiccana da lenda que, posteriormente, incluiria o ciclo anual das estações e os oito grandes festivais da fé wiccana, chamado de sabás.

G nunca amou, mas ela resolve todos os mistérios, mesmo o mistério da Morte, e assim ela viajou às terras baixas. Os guardiões dos portais a desafiaram. "Despe teus trajes, tira tuas joias, pois nada disso podes trazer contigo em nossa terra. "Assim, ela pôs de lado seus trajes e suas joias e foi amarrada como o eram todos os que entravam nos reinos da Morte, a poderosa.

Tal era a sua beleza que a própria Morte se ajoelhou e beijou seus pés, dizendo: "Abençoados sejam esses pés que te trouxeram por estes caminhos. Permanece comigo, mas deixa-me pôr minha mão fria sobre teu coração ". E ela respondeu: "Eu não te amo. Por que fazes com que todas as coisas que eu amo e que me alegram se apaguem e morram? " "Dama, " respondeu a Morte, "isto é a idade e o destino, contra os quais não sou de nenhuma ajuda. A idade faz com que todas as coisas feneçam; mas, quando o homem morre ao fim de seu tempo, eu lhe dou descanso e paz e força para que ele possa retornar. Mas tu és adorável. Não retornes; permanece comigo. " Mas ela respondeu: "Eu não te amo ". Então a Morte disse: "Como não recebes minha mão em teu coração, receberás o açoite da Morte". "Esse é o destino, que seja cumprido, " disse ela, ajoelhando-se. A Morte açoitou-a e ela gritou: "Conheço os sofrimentos do amor ". E a Morte disse: "Abençoada sejas " e lhe deu o beijo quántuplo, dizendo: "Que possas atingir a felicidade e o conhecimento ".

E ela lhe contou todos os mistérios e eles se amaram e se tornaram um; e ela lhe ensinou todas as magias. Por isso, há três grandes eventos na vida do homem - amor, morte e ressurreição no novo corpo - e a magia os controla a todos. Para realizar o amor, você deve retornar na mesma época e lugar que os entes amados e deve lembrar-se e amá-lo ou amá-la novamente. Mas, para renascer, você deve morrer e ficar pronto para um novo corpo; para morrer, você deve ter nascido; sem amor você não pode nascer e eis toda a magia. (GARDNER, 2005, p. 30).

Nessa lenda, Gardner ensaia uma interpretação fenomenológica que tentaria relacionar "G" e o Deus Cornífero a quaisquer outras lendas possíveis de várias tradições de culturas. Mas também evidencia seu favoritismo às tradições celtas, nas quais buscará inspiração para a eleição dos oito sabás, que possuem direta relação com os festivais anuais celtas.

O que nos importa é a constituição da Wicca nessa lenda. Algumas versões foram elaboradas e reelaboradas ao longo das décadas pelas diversas tradições wiccanas existentes. Contudo, todas mantêm esse ciclo do encontro com a Morte, o aprendizado e o renascimento na Deusa, tendo o Deus Cornífero como seu consorte e filho. Algumas delas passaram a relacionar a Morte com a face oculta da lua, quando não há lua no céu. Por essa razão, a Morte se torna a própria Deusa em seu "eu" oculto, interno, e o mundo da morte, ou submundo, passa a ser seu útero.

O que, seguiu-se à publicação do *A Bruxaria Hoje* foi uma crescente procura e adesão à bruxaria, contrariando a tese de Gardner de que a ciência terminaria por matar a magia e desencantar o mundo, assim como o aparecimento de outros grupos que também se diziam

(verdadeiros) herdeiros da bruxaria, como o de Alex Sanders, fundador da Wicca Alexandrina. (RUSSELL e ALEXANDER, 2008).

Em 1957, Valiente se separa de Gardner e funda seu próprio grupo, Wicca Seax. A separação aparentemente amigável se deu por críticas à postura de Gardner e pela inclusão e uso de rituais e fórmulas retiradas dos ensinamentos de Alaister Crowley, com quem Valiente discordava (RUSSELL e ALEXANDER, 2008). Crowley era um ocultista famoso, contemporâneo a Gardner, fundador da Thelema e da Ordo Templi Orientis (OTO), ordem na qual Gardner recebeu o título de membro honorário pelo próprio Crowley. O ocultista pregava uma prática mágica mais ritualizada e formalista, com separação específica de papéis masculinos e femininos, o que ficou conhecido com Alta Magia nos meios ocultistas. Já Valiente defendia uma bruxaria mais prática, vivenciada no dia a dia (no cozinhar, por exemplo), uma abordagem menos ritualizada, conhecida como Baixa Magia. Hoje, na Wicca, essas duas abordagens parecem coexistir e muitas vezes se fundir em sua dinâmica ritualística em geral.

Gardner já gozava de prestígio e visibilidade (principalmente da mídia), quando publicou seu último livro em 1959, *The Meaning of Witchcraft*. Em 1963 ele conheceu e iniciou Raymond Buckland, um inglês que havia se mudado para a América, a quem Gardner autorizou para difundir a Wicca Gardneriana nos Estados Unidos. (idem).

Gardner morre em 1964, deixando o legado do que hoje conhecemos como *Religião Wicca*. Devemos, como ponto de partida para esse trabalho, reconhecer a importância do mito fundador e das pertencas religiosas que permearam sua vida, deixando para outra ocasião as polêmicas sobre a veracidade do *coven* de New Forest e da Velha Dorothy, bem como a mudança de nome da tradição gardneriana que adotou publicamente o nome Wicca, em contraponto com o da Antiga Religião, que o próprio fundador usa para se referir ao grupo que o iniciou. (GERALD, 2016).

Assim, a Wicca (junto com o Ocultismo e a Teosofia) antecede o movimento que iniciaria na década de 1960, e os embriões do movimento Nova Era: como a comunidade de Findhorn (Escócia) (CAROZZI, 1999). O Movimento Nova Era ganharia corporeidade e um início de fato na década de 1970 (MELTON *apud* CAROZZI, 1999).

Por volta desse ano [1971], mestres britânicos tinham trazido sua nova visão através do Atlântico, mestres orientais tinham aberto centros e ashrams, tinham se publicado livros sobre os vários aspectos das preocupações da Nova Era, e um movimento social consciente de si próprio começou a emergir. (idem, 1999, p. 159).

O que nos parece, no entanto, é que Melton dá abertura para a Wicca como um movimento embrionário da Nova Era. Observa-se que Wicca chega aos Estados Unidos em 1963, através do inglês Raymond Buckland (RUSSELL e ALEXANDER, 2008), ainda que fragmentada em tradições no momento de sua difusão na América do Norte. Valiente havia feito o trabalho de deixar a Wicca com uma faceta mais Nova Era ao retirar os elementos crowleyianos (caracterizados principalmente pela divisão sexual de tarefas e o excesso ritualístico). A Wicca se tornava oficialmente uma ordem mística, retirada de seu aspecto secreto e iniciático, cujos mistérios foram revelados ao mundo a partir de seus grupos e, principalmente, livros (idem).

Não que a Wicca deixou de ter seus ritos iniciáticos, de fato, eles existem até hoje em todas as suas tradições. Mas, com a ramificação de Valiente, a Wicca deu gradativamente abertura a uma magia e a um conteúdo mais popular, pessoal, privado¹¹, natural e subjetivo. Muitos outros grupos e tradições surgiram com o passar dos anos, até chegarmos às práticas ecléticas¹², solitárias¹³ e da Wicca de Cozinha¹⁴.

Num percurso histórico, embasados nas influências literárias e na participação de Gardner por várias ordens místicas, parece possível ligar a Wicca ao surgimento do Ocultismo e Esoterismo Medieval, sendo a própria Wicca uma resultante desse longo processo de (re)misticização do mundo. Aqui já se percebe que a Wicca se constitui em teias, em influências talvez codependentes entre ela e as demais tradições místicas e esotéricas ao seu entorno. A participação e vivência de seu criador, em várias ordens e circuitos místicos ou esotéricos de seu tempo, e a influência desses setores e de suas literaturas na criação, formulação e composição histórica da Wicca são a prova disso.

1.2. A WICCA E A NOVA ERA: UM CIRCUITO DE AUTONOMIA

A Wicca de Gardner (hoje chamada de Gardneriana, uma tradição reconhecida e viva da Wicca) preserva um arcabouço ritualístico e secreto muito típico das ordens místicas. Já as comunidades wiccanas mais comuns no cenário brasileiro trazem a abertura que Carozzi (1999)

¹¹ Privada no sentido de íntima, realizada pessoalmente, com a colocação da carga subjetiva de maneira mais intensa.

¹² Com regras e composição ritualística e de credo mais flexíveis e ecléticas.

¹³ Praticada solitariamente, sem a pertença do wiccano a algum grupo ou *coven*.

¹⁴ Bruxaria de Cozinha é uma prática que traz a magia e a wicca ao dia a dia, principalmente feminino, com uma aplicação mais prática e menos ritualística. A grande expoente dessa vertente no Brasil é a Márcia Frazão, uma das introdutoras da Wicca no país segundo Osório (2005).

descreve ter ocorrido no complexo alternativo, ao começar a produzir seminários abertos ao público, de forma que a frase “a própria organização em rede do movimento da Nova Era constitui uma nova expressão do aspecto autonômico” (idem, p. 161) pode ser perfeitamente aplicada à Wicca brasileira na atualidade. A Wicca hoje é uma religião formada por uma rede de tradições interligadas por um credo básico, completamente integradas nas redes Nova Era e no circuito Neo-Esotérico (OSÓRIO, 2001 e 2005; RIBEIRO, 2003).

Segundo Carozzi,

para o marco interpretativo do complexo alternativo, a incorporação à rede na Nova Era supõe uma transcendentalização da autonomia. A ampliação da consciência já não pretende só a superação dos condicionamentos sociais à procura da autorrealização e o desenvolvimento de potencialidades individuais, mas o descobrimento de uma centelha divina no interior do homem que o une energeticamente a um tudo divino que o inclui e supera. A consciência individual ampliada torna-se consciência planetária e cósmica, outorgando à autonomia um novo significado. Ser socialmente autônomo é ser agora divino e estar ligado a uma totalidade divina. (1999, p. 160).

É visível que a Wicca segue as mesmas ideias em seu credo básico. O culto à Deusa, como sendo uma entidade imanente e transcendente. Imanente porque ela se manifesta na natureza e é a própria natureza e tudo que há nela, inclusive nós, humanos. Transcendente porque a Deusa supera toda a existência, ela a produz, a conduz, a destrói e a renova. Ela é a condução do Ciclo da Vida que perpassa a toda manifestação, e o controla segundo suas fases, relacionadas ao ciclo lunar: crescente, cheia, minguante e escura –, Jovem, Mãe, Anciã e Tríplice. Ela se apresenta à humanidade em sua totalidade natural e transcendente, em sua imanência através da natureza ou através de suas faces¹⁵.

A Deusa possui um consorte natural, o Deus. Ele é a expressão do próprio Ciclo da Vida, é aquele que nasce, cresce, morre e renasce, tendo essas etapas conduzidas ou protagonizadas pela Deusa que é sua mãe, sua amante, sua amiga. Esse deus, também imanente e transcendente, é a própria vida e a própria existência, representada, igualmente, na sua totalidade natural e transcendente, em sua imanência através da natureza ou através de suas faces¹⁶.

Vivenciar a Wicca, portanto, é conectar-se com a natureza, e aliar-se a seu poder divino, transcendendo a si mesmo e ao mundo, para chegar à Deusa, e depois, retornando ao mundo, conectado, potencializado, divinizado. É então que o homem pode integrar-se à natureza, reconhecendo-a como divina e a si mesmo como divino e integrado à totalidade existencial.

¹⁵ Para os wiccanos todas as deusas existentes no mundo são expressões ou arquétipos da Deusa.

¹⁶ Também, para os wiccanos, todos os deuses existentes no mundo são expressões ou arquétipos do Deus.

Ou seja, primeiro a transcendência, depois a imanência. Primeiro é preciso alcançar o divino. Depois, integrar-se, atuar no mundo compreendendo que ele é divino, assim como também o somos. Contudo, a transcendentalização é autônoma e individual. Por mais que o indivíduo participe de *covens* ou de grupos fechados, ou mesmo sendo um solitário em sua prática, a transcendência é um caminho que se trilha sozinho, porque ele requer que o indivíduo vá ao âmago de sua existência, encontre em si a centelha divina, se reconheça como uma parte da própria Deusa. É nessa subjetividade que ele se conecta com o todo divino e que ele passa a atuar no mundo como um ser espiritualizado.

Percebe-se também a pretensa holística como constituinte da própria Wicca: a Deusa é tudo e tudo é a Deusa. Não importa o caminho que se trilhe, tudo te conduz a Ela. Podemos novamente engancha a Wicca no movimento Nova Era, ao reconhecermos a importância similar da autonomia em ambos os movimentos.

A autonomia da Nova Era é a autonomia do indivíduo em relação com qualquer um e todos os aspectos de sua socialização, autonomia individual em relação com qualquer influência ou modelo externo, autonomia individual absoluta como forma de encontrar o Deus dentro, a centelha divina, o Eu Superior, o guia interior. (CAROZZI, 1999, p. 164).

No caso da Wicca, aplicamos a autonomia no que diz respeito aos métodos, às práticas mágicas e religiosas¹⁷ e à socialização interna a esse “circuito Neo-Eso” (MAGNANI, 1986). O indivíduo tem livre circulação entre as práticas e os grupos, e é livre para montar sua própria interpretação e estrutura prático-religiosa, visando alcançar a Deusa (a centelha divina) em seu interior. Existe um grau de controle (ou tentativa) por parte dos grupos, associações e/ou *covens*, mas delas falaremos mais adiante. O que nos interessa aqui é que essa autonomia (como centro e característica essencial da Nova Era), está absolutamente presente na Wicca.

“Essa irreverência espiritual se manifesta em um tipo de *errância individual* que contribui para uma religiosidade porosa, aberta para os vários campos espirituais disponíveis.” (AMARAL, 1994, p. 34, grifo da autora). Esse movimento, Amaral chamou de “espiritualidade caleidoscópica” (idem), como uma forma de definir essa (re)apropriação e manipulação sincrética – e eu acrescentaria eclética - que os novaeristas – no nosso caso, os wiccanos – fazem das diversas tradições culturais religiosas e não-religiosas de que tem acesso (AMARAL, 1994).

¹⁷ Terapias holísticas, trabalhos com chakras, encantos, poções, trabalhos com ervas, rituais e práticas religiosas oriundos de várias outras religiões, trabalhos energéticos e limpezas de aura, meditações e todas as demais práticas situadas no circuito Nova Era também fazem parte das práticas wiccanas. Contudo, na Wicca elas são *ressementizadas*, uma vez que são retiradas de seu significado original e inserido na perspectiva holística: “tudo é a Deusa e todas as honras são em seu nome”.

É perceptível que há um confronto explícito da composição desses arranjos religiosos híbridos de várias tradições e culturas de maneira muito mais eclética do que sincrética. Contudo, esse cotejo é suavizado ou atenuado, no caso wiccano, por sua pretensão holística: “tudo é a Deusa”. Dessa forma, não pode haver defrontação ou incompatibilidade em tradições ou religiosidades distintas, elas precisariam, portanto, serem compreendidas em sua conectividade e unicidade transcendente; de modo que

pela irrelevância espiritual do trânsito, os peregrinos da “Nova Era” [os wiccanos] não demonstram a pretensão de encontrar uma unicidade coerente, fechada e completa, mas de realizar um jogo combinatório de completa liberdade em estabelecer relações não-usuais e contraditória. (idem, p. 34).

Enfim, só nos resta concordar com Osório (2006) e constatar que a Wicca faz parte da Nova Era. Ela também estava em seu processo embrionário e hoje está completamente abrigada no seio de sua própria gestação.

Uma frase particular que demonstra o caráter autonômico desenvolvido na Wicca foi proferida pela bruxa e escritora Ligia Amaral Lima – dona da Loja Jeito de Bruxa, introdutora das Runas como oráculos no Brasil e uma das primeiras bruxas modernas a se assumir como tal no cenário brasileiro – no I Seminário sobre Paganismo da União Wicca do Brasil em setembro de 2015. Na ocasião, a bruxa terminou seu discurso contra o que ela chamou de “guerra de egos” no cenário Pagão com a seguinte frase “nós não somos os escolhidos, somos os autointitulados. Devemos viver em perfeito amor e perfeita confiança. E assim podemos ser porque a Deusa e o Deus nos permite”.

Os escolhidos a que ela se referia seriam os cristãos, que pregam a salvação ou a eleição ao reino celestial e que marcariam, segundo a autora, uma era de ego e patriarcado na humanidade. O Paganismo, que teria vindo em resposta, traria novamente a ordem “natural” do equilíbrio no qual ninguém precisaria ser eleito, pois a salvação viria da harmonia com a vida e a natureza sagrada. Desse modo, nenhum pagão precisa de credencial para se dizer como tal, ou para se intitular bruxo ou sacerdote. Essa postura vem da convivência harmônica, contrária a postura baseada em egos, manifestada por uma das frases mais famosas da Wicca desde sua criação, geralmente proferida no início de todo ritual: “estou aqui com amor e confiança plenos”.

A relação que se vê é de autonomia. Quando se acessa a divindade que reside dentro, transcende-se ao nível do sagrado, reconhecendo-se como tal. Esse movimento permite ao praticante tomar para si uma atitude completamente autonômica, respaldada na totalidade e no holismo da Deusa e do Deus. Um wiccano pode ser tudo o que ele quiser, e cultuar tudo o que ele queira, desde que o faça com amor e confiança plenos.

O ego citado, e praticamente tema das discussões do I Seminário sobre Paganismo em 2015, refere-se exatamente ao ponto sensível que tange essa pesquisa: a disputa por espaço e representatividade entre as lideranças (ou supostas lideranças) do circuito wiccano. Adiantamos que esse ego se manifesta por pessoas ou grupos que vão exatamente na contramão desse princípio autonômico, que censuram ou direcionam as práticas wiccanas tidas como mais corretas ou de maior credibilidade, e elencam ou canalizam para si um poder credenciador de práticas e personalidades “verdadeiras” no circuito. Obviamente que essa discussão é de profunda sensibilidade à comunidade wiccana como um todo, e dificilmente é tocado sem alçar polêmicas. Contudo, divide a comunidade entre os que acreditam na necessidade de entidades representativas e as que acreditam nos benefícios da ausência dessas. No meio desse dilema, na tentativa de fazer o diálogo entre as extremidades, encontra-se a União Wicca do Brasil, estudada nessa pesquisa.

Quanto ao “amor e confiança plenos” citado, é preciso entender sua abrangência. Quando se fala em amor, fala-se na totalidade do credo wiccano, que o prega como a resposta e a mais imortal das coisas. Para os adeptos, o mundo é formado e mantido por ele, que aqui não é entendido apenas como o amor conjugal. Mas a Deusa é Mãe, Esposa e Amiga, manifesta em sua tríplice forma uma relação de amor e cuidado. É através dele que a vida é mantida e renovada, e é essa força que une todas as diferenças e singularidades. Assim, é esse sentimento a manifestação das próprias deidades no mundo. A confiança resgata a noção de respeito, de entrega e de amor necessárias para o convívio. É preciso confiar primeiramente no ciclo natural, na Deusa e no Deus, é preciso confiar em si como centelha divina, nos sacerdotes que guiam seu processo sagrado e sacerdotal, pois são eles os nossos condutores até a Grande Deusa. Apenas com confiança um ritual pode ser feito, um encanto terá efeito. A confiança e o amor geram respeito e gratidão, e assim marcam a autonomia tão contrária aos posicionamentos egocêntricos denunciados pela Bruxa Ligia Amaral.

Cada wiccano tem total liberdade para montar sua prática ou seu conjunto de práticas. É indispensável dizer que muitos deles participam de grupos wiccanos e assim tendem a seguir as práticas de acordo com o credo ou conduta do grupo. Mas mesmo esses possuem autonomia para montar seu altar e práticas individuais como considerarem mais adequado, e para participarem de mais de um grupo com práticas semelhantes ou diferentes entre si.

Quando se fala dessa autonomia, pode nos parecer, a primeiro momento, uma mistura completamente desprovida de base ou de pesquisa, a respeito das raízes que as práticas incorporadas manifestam. Contudo isso não é verdade. Os wiccanos são orientados a pesquisarem sobre as práticas que incorporam, a evitarem energias que possam ser conflituosas

em suas práticas e a seguirem seus hábitos com respeito à tradição da qual eles provém. Ainda assim, evidencia-se que essa já é uma prática desenraizada, permitida por um processo globalizante do mundo atual, *ressematizada* de acordo com o arcabouço cultural e religioso de seu novo praticante, e, por isso, já não pode mais se dizer que seja a mesma prática vivenciada em sua origem. Mas dentro do credo wiccano isso é perfeitamente possível e compreensível: afinal, tudo o que existe é manifestação do Deus e da Deusa e assim pode ser interpretado de diversas formas, mas no fundo terá sempre a mesma finalidade. Ou seja, Oxum, Afrodite, Bloddweed nada mais são do que facetas do amor, paixão e romance que pertencem a natureza divina da Deusa, e assim a orixá africana, a deusa grega e a deusa celta nada mais são do que emanções, faces ou arquétipos da expressão do amor que é uma das características da Grande Deusa. Isso permite que, em um ritual ou prática amorosa, as três sejam igualmente reverenciadas, descontextualizadas de seus ritos e performances originais.

Obviamente, houve questionamento a essa postura. Inicialmente, na formulação das tradições direcionadas dentro da própria Wicca (Tradição Celta, Tradição Nórdica, Tradição Helênica, entre outras). Posteriormente a resposta veio de maneira mais direta, com o fomento dos grupos que são conhecidos como Reconstrucionistas¹⁸. Esses grupos visam reconstruir a religiosidade cultural a qual vivenciam de maneira mais histórica e arqueológica, e, assim, divergem e contestam em muitos pontos essa fusão sincrética e eclética realizada pela Wicca das várias tradições religiosidades da antiguidade e da contemporaneidade.

¹⁸ O Reconstrucionismo chega ao Brasil nas décadas de 1990 e 2000, pautados principalmente pelo Reconstrucionismo Helênico, movimento que visava reconstruir historicamente o culto e religiosidade helênica presente na Grécia antiga; e pelo Reconstrucionismo Celta, que visava fazer os mesmo baseando-se nas sociedades celtas do passado. Atualmente se inserem nesse cenário os Reconstrucionismos Romano e Nórdico, o qual vem ganhando bastante força e adeptos pelo que pude observar nas conversas no campo, tendo como ponto de referência o Ásatrú, vertente do reconstrucionismo nórdico ou germânico fundada em 1972 por um fazendeiro islandês. Os reconstrucionistas em geral possuem grupos ou estudos individuais orientados por associações ou ordens religiosas fundadas com esse fim. Exemplos de agrupamentos ou associações normativas são o próprio Ásatrú, de reconstrucionismo nórdico; a Ordem de Bardos, Ovates e Druidas (OBOD), de reconstrucionismo celta e druidismo, fundada em 196; a Ár Draíochr Féin (ADF – Sociedade de Druidas), criada em 1984 e de reconstrucionismo celta e neodruidismo; e o Reconstrucionismo Helênico no Brasil (RHB), cuja fundação não consegui encontrar. Aqui, o que se ressalta é a diferença básica entre Druidismo, Neodruidismo e Reconstrucionismo Celta. O primeiro se refere ao revivalismo druídico, que traça sua origem até 1717 na Europa, e tem como base a fundação de Ordens de Druidismo muito semelhantes às Ordens Maçônicas. O Reconstrucionismo, no entanto, segue uma premissa puramente histórica e arqueológica, buscando a mais pura reconstrução quanto se alcance. O Neodruidismo é uma versão moderna que surge aliada ao Reconstrucionismo, buscando relativizar o Druidismo Clássico ao passo que lhe dá mais embasamento histórico e arqueológico, exercendo um meio termo entre as duas versões. Há também outros movimentos de reconstrucionismos nórdicos chamados de Vanatrú (que muitas vezes realiza um intercâmbio com o Ásatrú criando o movimento chamado de Ásatrú-Vanatrú) e Odinismo, mas que não se tornaram populares no Brasil. Os reconstrucionismos nórdicos em geral são chamados de Heathenry, e seus adeptos, de Heathens (palavra de origem no inglês antigo significando “não cristão”).

Ainda que esses grupos não se digam wiccanos, é visível a ponte de contato entre eles e com a Wicca, ponte essa que leva a um ramo a mais no circuito pagão, conduzindo a práticas e influências entre a Wicca e os grupos reconstrucionistas e vice-versa. Muitas vezes, pelos segundos, a relação é de desconstrução e crítica, mas a parceria e a aliança – ora às claras, ora velada – está sempre presente, razão para que a UWB tenha criado uma representatividade interna visando dar voz e manter alianças e parcerias com os vários grupos reconstrucionistas existentes no cenário brasileiro.

Por fim, outro ponto da autonomia que é muito presente são as autoiniciações, ou os livros e métodos wiccanos. Muitos sacerdotes (nacionais e internacionais) escreveram livros de maneira a orientar a prática wiccana de novatos ou iniciantes. Como a maioria dos wiccanos vivencia sua religiosidade de maneira solitária (sem participar de grupos), esses livros são bastante populares como métodos de estudo e direcionadores das práticas individuais. Contudo, em sua maioria, os livros indicam rituais iniciáticos ou sugestão a eles, o que leva muitos leitores à autoiniciação. Entre os defensores de uma representatividade da comunidade wiccana, é consenso a discordância a esse processo autoiniciante. Esses defensores acreditam que apenas a leitura de livros e métodos não dá ao praticante pleno conhecimento da profundidade da mística e da crença wiccana, tampouco de seu caráter sacerdotal. Assim, o iniciante não teria base energética nem espiritual para um ritual dessa profundidade. E talvez aqui a autonomia parece encontrar sua primeira restrição: a Deusa é tudo e tudo é a Deusa, mas compreender essa totalidade requer práticas e ensinamentos que não poderiam ser desenvolvidos individualmente, apenas na leitura de livros e métodos.

Todos podem vivenciar e se conectar com a Deusa, mas se tornar wiccanos iniciados, sacerdotes, é algo que requer um estudo e comprometimento mais profundo que deveria ser herdado das tradições wiccanas, mesmo que oriundos de tradições familiares¹⁹. A autonomia de práticas, não significaria, portanto, autonomia para auto iniciar-se.

1.3. OS BRUXOS URBANOS: O NATURAL VIVENCIADO NA CIDADE

Caminhando por ruas da cidade de São Paulo, principalmente nos bairros de classe média mais afastados do centro, é comum deparar com residências que possuem garrafas plásticas cheias de água em cima dos relógios medidores de

¹⁹ As tradições familiares nada mais são do que a manutenção de conhecimentos e tradições de magia herdados de geração em geração, ou resgatados de um ancestral que praticava artes mágicas no passado. Nem toda tradição familiar é wiccana, mas toda tradição familiar pode ser incorporada a Wicca. A própria Bruxa Lígia Amaral, por exemplo, se diz descendente de Strigas (bruxas italianas de tradição familiar) e assim além de wiccana é também sacerdotisa de uma tradição familiar que foi passada a ela a partir de sua avó.

consumo de eletricidade. Muito provavelmente seus moradores não têm a plena consciência de que estão praticando magia, afinal esta é comumente identificada com grandes rituais, satânicos ou não, realizados em lugares recônditos. Porém, não há dúvidas de que estamos diante de um ato mágico. O mesmo acontece com o pé de arruda plantado num vaso logo à entrada da casa. “Para afugentar o mal olhado”, justificam uns; “para diminuir a conta de luz”, afirmam outros. O senso comum enxerga esses fatos como simples credices ou superstições, sem maiores consequências. (GUERRIERO, 2003, p. 11)

É assim que Silas Guerriero (2003) inicia o primeiro capítulo de seu livro *A Magia existe?* E é dessa forma que inicio a reflexão a partir do título do livro de Ligia Amaral Lima que dá título ao presente primeiro capítulo desse trabalho: *Wicca: A Religião dos Bruxos*.

Como dito anteriormente, Ligia define os wiccanos e os pagãos, como um todo, como os autointitulados, e, assim o podendo ser baseado no holismo de suas deidades. Não é desconhecido que a Wicca cresce mundialmente como uma forte expoente da religiosidade e de práticas mágicas na contemporaneidade (GUERRIERO, 2003; RIBEIRO, 2003; RUSSELL e ALEXANDER, 2008; SILVA, 2013). A magia pode nunca ter deixado de existir em nosso mundo. O medo crescente protagonizado por Gerald Gardner de que a ciência sucumbiria a magia jamais se concretizou. Como afirma Guerriero,

a magia pode estar presente na vida de cada ser humano de uma forma muito mais frequente do que muitos gostaria que estivesse. De certa maneira, podemos afirmar que não há registros de povos, desde a pré-história, que não tenham algum tipo de crença e prática mágica (2003, p. 11)

Parece ser inerente à capacidade humana a vocação e a manutenção da crença e da magia em sua sociedade.

Na atualidade, contudo, a magia teria sido rebaixada a credices, ou superstições sem sentido, ainda que considerada parte constante e constituinte de nossa sociedade (GUERRIERO, 2003). Lísias Nogueira Negrão (2010) sustenta que, ao menos nós brasileiros, nunca nos desencantamos. Por essa perspectiva, eu diria diferente: a magia pode ter sido publicamente – ou talvez socialmente – rebaixada a credices por uma sociedade científica herdeira do positivismo, entretanto, observa-se o reconhecimento de uma perspectiva holística que se configura igualmente individual. Esse paradoxo é perfeitamente compreensível quando lemos o trabalho de Antônio Flávio Pierucci: “nosso próprio objeto de estudo se figura idealmente bipartido, de um lado como *holismo sociorreligioso* e, do outro, como *individualismo religioso*” (2011, p. 19 – grifo do autor).

O que se anuncia então é esse movimento muito bem protagonizado pela Wicca: o holismo, a totalidade da Deusa, que permite viver e vivenciar todas as coisas na busca constante

de sua harmonização e transcendentalização. Contudo, individualizado pela perspectiva autonômica, privatizada. Assim, todos são bruxos. Todos nascem com o dom da magia e são aptos a praticá-la. Os wiccanos não são os escolhidos, os herdeiros místicos de um sangue especial. Eles são os autointitulados, ou seja, aqueles que resolveram dar voz ao seu eu mágico, religioso e místico, aqueles que resolveram se conhecer em profundidade e buscar a Deusa da qual também fazem parte. Portanto, todo wiccano é um bruxo, e, assim, é a Wicca a religião dos bruxos.

Apesar de todo bruxo e toda prática mágica ser abarcada na Wicca, nem todo místico, bruxo ou esotérico é wiccano. Isso fica muito bem marcado no circuito geral do paganismo e mais amplo ainda no da magia. Muitos reconstrucionistas, druidistas e outro pagãos não-wiccanos não se reconhecem ou denominam bruxos. Muitos usam e preferem o termo sacerdotes ou seguidores de uma espiritualidade que acredita na existência e na prática mágica. Mas para serem todos os que podem manipular ou trabalhar com a magia diretamente é outro passo muito grande. Nesses grupos, há uma diferenciação (muitas vezes histórica) da figura do bruxo, geralmente relacionada ao personagem capaz de manipular as energias mágicas, e à figura do crente ou adepto, pertinente ao seguidor da fé ou filosofia religiosa em questão. Já na Wicca, não há essa distinção. Todo wiccano é um sacerdote de sua fé quando iniciado, é um bruxo capaz de exercer sua manipulação energética. A magia não faria, portanto, uma escolha dos preparados, ela nasce e perpassa a todas as pessoas, seres e coisas, mas nem todos – segundo as lideranças wiccanas – estariam preparados para a aceitar sua magia interior ou para desenvolvê-la.

Concomitante, há bruxos, magistas, magos e feiticeiros que não se reconhecem wiccanos, apesar de muitos deles manterem boas relações com essa religião, como é o caso da Bruxaria Tradicional, herdeira de uma tradição mais antiga e esotérica descendente da Idade Média. Essa tradição inclusive não vê na bruxaria uma religião – como o faz a Wicca –, mas um método espiritual de desenvolvimento compatível com a pertença a outras religiões (inclusive com a religião de Gardner).

Contudo, a autonomia wiccana encontra seu balizamento no método. Há um método ritualístico e religioso que circunscreve a Wicca. Por mais flexível que sua estrutura se faça, a raiz desse método parece se distinguir nas várias tradições existentes e se manter em sua essência. O método religioso da Wicca designa um círculo mágico energeticamente traçado como território sagrado onde os rituais acontecem. Todo local profano pode ser sede de um círculo, desde que devidamente sacralizado (limpo e consagrado) para tal. O círculo é traçado com a evocação dos quatro elementos: Terra, Fogo, Água e Ar, direcionados respectivamente

um em cada uma das quatro direções: norte, sul, oeste e leste. Seguido a esse processo, a Deusa e, geralmente, o Deus são invocados ao círculo (chamados de maneira genérica ou invocados a partir de uma de suas faces ou arquétipos). Então, sob essa presença divina, o ritual ou a finalidade começa a ser executada. Essa estrutura básica tem sido utilizada por grupos não-wiccanos para marcar sua diferenciação, ao usarem outros elementos ou disposições ritualísticas, que se distinguem dos métodos e práticas e, assim, levam a compreensão de que, no circuito esotérico no qual a Wicca parece protagonizar, também se relacionam conjuntamente muitas outras tradições e práticas distintas, e de que, apesar de sua premissa holística, a Wicca não é tudo ou não abarca todas as manifestações mágicas e pagãs do cenário moderno.

Intitular-se bruxo não é se intitular wiccano. Mas se intitular wiccano é, certamente, se intitular bruxo. É importante esclarecer isso muito bem, porque isso auxilia a compreender um outro movimento comum na Wicca e igualmente comum na Nova Era: a peregrinação religiosa. Muitos wiccanos, de pertença bem definida na Wicca, também participam de outros movimentos mágicos ou místicos do circuito neo-esotérico. Aqui, podemos nos referir principalmente às práticas e terapias holísticas, ao circuito oracular (no qual se misturam várias tradições e oráculos), ao circuito xamânico – principalmente relacionado a práticas novaeristas de resgate e vivência do xamanismo indígena (muito fortemente inspirado no movimento xamânico norteamericano), e aos rituais de consumo da Ayahuasca, incluindo aqui o Santo Daime). Há toda uma rede de xamãs modernos e urbanos que trabalham com a erva sagrada a fim de se conectar com o sagrado ancestral e realizar trabalhos de cura. Ribeiro parece ter chegado à mesma conclusão em sua pesquisa:

na pesquisa de campo, realizada em Curitiba (PR), percebi que tanto adeptos quanto simpatizantes da Wicca frequentam regularmente espaços neo-esotéricos. Estes permitem a apropriação de técnicas, sistemas divinatórios e artigos de consumo. Além do consumo, estes são locais de lazer, pois constituem pontos de encontro, privilegiando a troca de experiências entre seus usuários. (2003, p. 48)

Evidencia-se a manutenção e a participação dos wiccanos no circuito Nova Era, ainda que constituam um ramo diversificado ou particularizado desse circuito. E aqui nos cabe reforçar que

a noção de circuito se refere à ocupação do espaço urbano, porém são seus usuários que o movimentam. Assim, os trajetos percorridos constituem um elemento fundamental para se compreender sua dinâmica. Segundo Magnani (1999), o trajeto é o “resultado de escolhas, um *sintagma* particular construído a partir das possibilidades abertas pela totalidade” (p. 69). Estas escolhas também são importantes para demarcar identidades, pois permitem classificar

os diferentes tipos de usuários em termos de grupos distintos, tais como os xamãs urbanos, os wiccanos, os terapeutas naturistas, dentre outros. (idem)

Aqui é possível ver que a Wicca é uma religião perfeitamente adequada à modernidade, com espaços abertos à livre circulação na teia da Nova Era, enquanto também se afirma como um ramo específico ou identitário. Ela está situada confortavelmente na cidade e nas articulações urbanas. Apesar de muitos de seus membros sonharem e idealizarem a vida campestre, apenas uma verdadeira minoria vivencia esse estilo de vida. O complexo autonômico do qual faz parte favorece a rede de contatos e sociabilizações que a cidade e a vida urbana pode oferecer aos seus adeptos. Portanto, “a adesão à Wicca constitui-se em uma forma de organização de diversas práticas e conteúdos disseminados na emergência do fenômeno neoesotérico.” (SCHWADE *apud* RIBEIRO, 2003, p. 49).

Mas como uma religião tão envolvida nas questões ecológicas (GUERRIERO, 2003; RIBEIRO, 2003; LANGER, 2007) se sustenta no mundo urbano e distanciado da natureza em que vivemos? A resposta de um dos wiccanos com quem tive contato foi bem simples:

O natural faz falta... Sempre que tenho um tempo tento ir a um parque, principalmente o Jardim Botânico, ou uma ida ao mar – isso faço sempre. É lá que a Deusa está mais forte. Claro que não é a mesma coisa de uma floresta onde os animais e plantas vivam longe desse mundo louco que criamos. Mas lá eu posso respirar a Deusa um pouco mais intensamente. Fora isso acho que é nosso coração e contato, né?! Reverencio meu altar todos os dias e procuro viver sempre harmonizado [aqui se referindo a orações, meditações e rituais]. (Marcos)

Já a resposta de um dos sacerdotes entrevistado foi mais específica:

A natureza é tudo. Nós somos natureza só nos esquecemos disso. Eu luto constantemente contra essa depredação ecológica que temos vivenciado... E sinto que estamos perdendo. Estamos matando nossa própria mãe. Mas eu continuo de pé, lutando enquanto tiver forças. Por isso só realizo minhas atividades ritualísticas na mata perto lá de casa, é lá que os Deuses estão. Claro que nem todo mundo tem esse privilégio que eu tenho, e por isso, um pagão deveria lutar para pararmos esse assassinato ecológico, para curarmos nossa Mãe Terra sagrada. Nada impede que ele faça seus rituais em casa. Acho até válido e bom. Mas ele precisa lutar e cuidar do nosso templo. Um católico lutaria se visse sua igreja depredada, o que me entristece é que vejo muito pagão sem lutar pela mata depredada. Ela é nosso templo! Nossa casa! É sagrada! (Camila)

O debate ecológico é pauta crescente nos grupos wiccanos, repetido incessantemente a todo encontro. Observa-se que, como critica Camila, poucos wiccanos de fato se mobilizam para além de seus encontros. Muitos postam suas indignações virtuais e ajudam na adoção e denúncias a animais abandonados ou mal tratados. Entretanto, as atitudes mais enérgicas ecologicamente falando, não são constantes de suas agendas. A mais comum forma de debate

ecológico entre os praticantes da Wicca que me foi apresentado é a tendência ao vegetarianismo e ao veganismo, incorporados principalmente pela forte expressão do hinduísmo no circuito neo-esotérico do Rio de Janeiro. Além disso, há muitas rodas de conversas e tópicos discutidos em rede a respeito de práticas saudáveis ao meio ambiente e aos praticantes. Confesso ter reparado poucos as seguirem fielmente em face à facilidade de consumo desprovido de informações de sua procedência, o que não diminui o boicote tradicional dos praticantes a produtos e marcas que são acusadas de maus tratos ambientais.

Mas todo esse discurso ainda é profundamente urbano. A vivência utópica da era dourada, em que o homem era harmônico com a natureza e a vivenciava em sua integridade – uma visão deslumbrada de um passado primordial em que homem e natureza seriam um só e a vida, por consequência, mais bela e sagrada – nunca chegou a ser vivida por nenhum dos wiccanos com quem tive contato. Alguns buscavam morar perto de bosques e parques, outros mantinham bons jardins em sua casa, outros cultivavam suas ervas de maneira alternativa, alguns possuíam sítios em cidades interioranas e muitos se refugiavam nas férias e feriados em seus santuários naturais²⁰ espalhados pelo país.

Algumas reuniões de estudo são feitas em piqueniques, nos parques da cidade. Pude acompanhar algumas no Jardim Botânico. Nessas reuniões, geralmente centradas em um facilitador (que tinha o papel de alçar as discussões e evitar as polêmicas, respondendo as dúvidas que os membros não fossem capazes de responder entre si), discutiam-se e estudavam-se temas referentes às práticas wiccanas. Na maioria das vezes os debates se distanciavam muito do tema inicial, pois eram sempre conduzidos de acordo com as colocações e interesses de seus participantes. Eram sempre divertidas, acompanhadas de lanches, cada participante contribuía com o que podia, eram gratuitas, e duravam sempre em torno de duas a três horas, geralmente nas tardes de domingo. O público era bem flexível, havia os que eram constantemente fiéis e não perdiam uma reunião, e outros que iam quando o assunto debatido lhes fosse interessantes ou a disponibilidade diária (trabalho, família) lhes permitia. Eram reuniões abertas, afinal, a qualquer pessoa e público que ali desejasse estar de bom coração.

Já as práticas ritualísticas tinham uma carga mais séria. Em geral, eram feitas na casa (internamente ou jardins) do sacerdote ou sacerdotisa presidente. Os convidados eram mais seletos, poucas vezes incluía alguém diferente dos que costumeiramente frequentavam aquele grupo ou estavam sob aprendizado daquele sacerdote. O clima era sempre descontraído, de lazer e amizade muito fortes. Mas a seriedade do ritual também era algo muito marcante. Geralmente

²⁰ Refiro-me aqui a lugares, cidades, e hotéis fazendas contendo natureza, e a parques os quais os adeptos identificavam como seu lugar sagrado, onde se sentiam em casa e na presença da Deusa.

o espaço e a casa eram ornamentados, com um altar colocado estrategicamente ao norte ou ao leste, composto geralmente por duas velas (representando a Deusa e o Deus), um cálice com uma libação (frequentemente vinho ou suco), o *athame* (uma adaga ritualística de lâmina dupla sem corte) e a varinha do sacerdote oficiante. Outros elementos poderiam ser acrescentados ao altar de acordo com a necessidade do ritual, mas esses eram os mais básicos presentes em todos os rituais que pude participar.

Nota-se aqui a privatização religiosa como apontada por Steil (2001), definida como “a ação dos indivíduos no sentido de moldar a sua própria religião, apropriando-se de fragmentos e de elementos provenientes de diversos sistemas religiosos” (ORO *apud* STEIL, 2001, p. 118). Mas, na Wicca, como descreve Ribeiro (2003), essa privatização é ainda mais acentuada. Não é apenas o moldar da religiosidade praticada individualmente, levando-a a uma dimensão interna, é levar para dentro de sua própria casa, fazer de seu lar o espaço gerador da prática religiosa e, ainda mais, da tradição religiosa disseminada.

Os grupos e *covens* wiccanos se diferenciam entre si de acordo com a tradição praticada por cada um. São inúmeras as tradições manifestadas na Wicca, tão inúmeras quanto a capacidade de autonomia e privatização oriundas dela. E, num país polissêmico e sincrético por natureza (SOARES, 1989; SANCHIS, 1995 e 1997; NEGRÃO, 2010), não é de se surpreender com a existência ainda mais abrangente de tradições wiccanas. Cada tradição tem sua ritualística, suas datas e moldes de culto. Algumas mais fechadas outras mais abertas. O fato dos rituais acontecerem, geralmente, na residência do sacerdote responsável pela manutenção da tradição em questão, leva à privatização religiosa, ao “pé da letra”. Uma vez que muitas dessas tradições simplesmente são mantidas e interpretadas por seus sacerdotes, elas podem ser compreendidas como expressões coletivas da privatização religiosa dos mesmos.

O desmembramento das primeiras tradições wiccanas, ainda na época de Gardner demonstra esse movimento. Alex Sanders reclamava-se herdeiro de uma Wicca e bruxaria familiar, e chegou a nomear-se “Rei dos Bruxos”. Dorian Valiente, grande aprendiz e parceira de Gardner, questionou seu método público e expositivo e a apropriação de elementos da mística de Alaister Crowley na Wicca de Gardner, e também fundou sua tradição, remodelando os símbolos e elementos wiccanos conforme acreditava ser mais correto (RUSSELL e ALEXANDER, 2008). Em sequência, uma sucessão de tradições foram se seguindo até os dias de hoje, e delas outras interpretações e construções, configurando um *loop* constante de privatização e reordenamento religioso que se estende até os dias de hoje. Contudo, o eixo ritualístico padrão e a crença básica se mantiveram intactos em todas as tradições, criando um

padrão no qual se torna possível reconhecer a Wicca como uma só religião, apesar de suas múltiplas manifestações.

Constatamos, então, que o movimento da prática solitária é muito comum entre os adeptos com quem tive contato no Rio de Janeiro (RJ). Essa prática se constitui pelo exercer religioso desenvolvido sem pertença a nenhum grupo religioso. Eventualmente essas pessoas se reuniam, fosse nos grupos abertos de estudo no Jardim Botânico, fosse nos rituais privados na casa do sacerdote. Mesmo sem filiação àquela tradição ou grupo, um solitário conhecido ou com boas indicações poderia participar dos rituais. De acordo com o sacerdote presidente da tradição que acompanhei,

Não é nosso desejo cercear a participação de ninguém. Mas nem todos querem de coração ou estão prontos. Muitos vêm porque acham legal, por rebeldia, ou mesmo por curiosidade apenas. Isso atrapalha nosso desenvolvimento. Por isso somos mais seletos na escolha de quem participa dos nossos rituais. (Pedro)

Mas também não são inexistente os rituais públicos. Além das chamadas recorrentes que pude observar no Facebook a partir dos perfis pessoais dos sacerdotes e adeptos wiccanos que acompanhei no período da pesquisa, era comum a realização de um pequeno rito em algum parque ou bosque público. Infelizmente, não pude presenciar nenhum desses ritos, pois as chamadas se endereçavam a cidades como São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS), fora do campo selecionado para pesquisa. Contudo, pude ouvir, por contraste, a conversa de um sacerdote do Círculo de Brigantia (RJ) com a coordenadora do PROEPER/UERJ, na qual a coordenadora comentava da positiva repercussão de um ritual público realizado pelo grupo no espaço da Universidade no Rio de Janeiro (RJ). O entusiasmo da coordenadora em levar novas atividades ou rituais do Círculo ao espaço público daquela Universidade era notório, o que me alçou a reflexão acerca dessa dinâmica Público versus Privado, realizada pela Wicca.

O constante aqui é o uso de espaços públicos como alvo de exposição da prática religiosa, um lugar para o coletivo. Enquanto a casa é o individual, o privado, e por isso marca a prática interna, velada e sacralizada (a relação proselitista aqui não é intencional como em muitas outras religiões da matriz cristã, mas está visivelmente em seu caráter privativo e talvez “lúdico”). As atividades públicas despertam interesse, divulgam a religião, e atraem adeptos. Esses são levados a estudar e a se aprofundar, e então, à casa de seus guias, onde passam a presenciar e a vivenciar a religião.

Ribeiro (2003) propõe um pertinente esquema para analisar essa dimensão e articulação entre público e privado, baseado no diagrama proposto por Roberto da Matta em 1997, para pensar a sociedade brasileira. Contudo, a configuração tradicional do antropólogo é

reestruturada para entender o caso wiccano. Enquanto, no modelo original, há uma relação entre a “casa” e a “rua” – mediadas pela dimensão do “outro mundo”, na qual a casa assume um modelo hierárquico e a rua um modelo igualitário nas relações sociais –, no caso wiccano é a “casa” a mediação entre a “rua”, o completo profano, e o “outro mundo”, o mundo mágico e sacralizado que deve ser acessado por todos, individualmente.

E aqui está a chave para a compreensão de nossa pergunta central, já exposta anteriormente: como um religioso centrado na vida e sacralidade natural vive e articula-se em meio ao urbano? Vejamos que a rua é o espaço igualitário, portanto, autonômico, holístico. É na “rua”, no urbano, que se encontra o circuito, a rede, os contatos, as múltiplas pertenças. Mas é nela também que encontra-se o mundo desnaturalizado do qual se busca fugir. Essa fuga se dá a partir da autonomia e da privatização religiosa, que nos leva para a “casa”. Aqui está a tradição, já ordenada, hierarquizada, constituída. A “casa” se torna o bosque, o santuário, o templo, cuja função é agora conectar o adepto ao “outro mundo”, à magia, à transcendentalização, à Deusa. Por essa razão,

os adeptos da Wicca procuram fazer do espaço da casa um local sagrado, utilizando objetos na decoração do espaço que representam elementos da natureza. Ora, vivendo em meio ao urbano, a maioria dos “bruxos” tem muito pouco contato com o meio natural, fundamental numa religião que se define “pagã”. Nesse sentido, a casa passa a ser um refúgio e um espaço de transição do mundo urbano e racional, para o mundo mágico e natural. Nesse sentido, a organização do espaço da casa procura trazer este “outro mundo” para a vida diária, transformando a prática mágica num exercício permanente. As atividades domésticas corriqueiras como limpar, cozinhar, comer e dormir passam a carregar um pouco de magia. (RIBEIRO, 2003, p. 86-87)

Particularmente, presenciei esse movimento transitório em setembro de 2016, quando fui participar da Expo Religião no Rio de Janeiro (RJ) e fui hospedado na casa de uma família wiccana, que morava em um apartamento, localizado no bairro Maracanã, próximo ao estádio. Além do caloroso acolhimento, notei ao chegar no apartamento um organizado altar principal, à frente da porta de entrada da sala. Nele havia imagens de dragões, adagas, incensários e algumas velas coloridas. Mais adiante, no canto da sala, próximo à janela, havia dois armários repletos de esculturas de divindades. Um primeiro, fechado por portas de vidro, com estatuetas egípcias. Esse altar pertencia à filha do casal, que era devota do panteão egípcio. Ao lado esquerdo dele, em prateleiras abertas, havia várias reproduções de divindades hindus, pertencentes à mãe, que contou ter iniciado seu estudo no paganismo a partir da devoção às entidades indianas. Mais ao centro da sala, num canto da parede, sobre uma cômoda, intermediando o espaço entre o altar posicionado na entrada e os dois outros altares pessoais,

estava o altar do pai, repleto de imagens indígenas, cachimbo e cristais. Era um altar xamânico, segundo ele. Além de fazer parte de grupos xamânicos, é oriundo da Umbanda.



Imagem 1: família wiccana que me hospedou no Rio de Janeiro (RJ), na entrada da Expo Religião 2016.

O espaço sagrado da casa estava bem marcado. Qualquer um que entrasse ali saberia que aquela era uma família profundamente religiosa. Era hábito costumeiro que os membros ao entrarem fizessem uma pequena reverência ao altar principal (posicionado na entrada da casa). Apesar do pai realizar uma reverência mais bem definida, observei que nenhum membro deixava de fazê-la ao entrar na casa vindo da rua. A mãe, quando chegava cansada ou estressada

do trabalho como professora, costumava acender um incenso e colocá-lo em seu altar pessoal, próximo à janela. Também, a forma que a casa era varrida, me chamou a atenção. Do interior para o exterior.

Mas uma coisa cabe ressaltar, a abertura a toda essa intimidade privada não é facilmente conquistada. Tive a sorte de ter conhecido o pai em 2015, após minha palestra no I Seminário sobre Paganismo da União Wicca do Brasil, e de ter mantido contato com a mãe, em decorrência de ela ter participado de um curso sobre oráculo celta comigo. Além disso, recebi indicações da bruxa Ligia Amaral, a quem a família é muito ligada. Isso ficou muito evidente com a frase que o pai me disse, em tom descontraído, logo ao me receber:

Quero que você fique em casa aqui, sem frescuras. Não é qualquer um que a gente coloca aqui dentro de casa. Na verdade é muito difícil alguém entrar aqui. Mas quando entra é parte da família, tem nossa confiança. Então não se acanhe não, senão te coloco daqui pra fora! [seguido de risos].

De fato a casa ali é um espaço íntimo, privado, sagrado. Mesmo essa família não pertencendo a nenhuma tradição – sendo solitários, por assim dizer –, a casa era seu santuário e não deixava de ser berço de uma tradição privatizada e fundada por eles: a familiar.

É assim que os bruxos wiccanos lidam com esse paradoxo do sagrado natural e da vida urbana. A casa é revestida da magia que classicamente é atribuída ao bosque, à mata e à natureza. Ela se torna o próprio bosque ao receber suas energias evocadas. Ali, as divindades repousam. Suas atividades passam a ser sagradas. A casa é purificada de tempo em tempo, a fim de manter as energias negativas e as impurezas da vida urbana, longe de seu nicho sacro. E a vivência das tarefas domésticas se torna um verdadeiro ritual mágico. Se a cidade é a selva de pedra do homem, a casa é a clareira sagrada onde bruxos e deuses se reúnem.

Capítulo 2:

O CÍRCULO DENTRO DO CÍRCULO

A Wicca é uma religião mágica que acredita na eficácia simbólica do uso e prática de elementos considerados mágicos. Os wiccanos se definem naturalmente bruxos e bruxas²¹ e praticam a magia naturalmente em casa. Para eles não há lugar sem magia, nem pessoa que não possua capacidade de lidar com ela. Há lugares onde ela não pode ser sentida, pelo alto grau de secularização, e outros onde ela é sentida com toda sua força. Da mesma forma, há pessoas mais preparadas para o trato mágico e há aquelas que ainda não estão prontas para a libertação que a magia poderia dar.

A wicca é uma das correntes mágicas visíveis nos dias atuais. Seus adeptos não procuram esconder nada do que pensam. Trata-se sem dúvida de um novo momento para o pensamento mágico, que pode sair das sombras e tornar-se público, mesmo correndo riscos de preconceito e discriminação. (GUERRIERO, 2003, p. 23).

De fato, a Wicca não é uma religião vivenciada às sombras. É bastante popular nas mídias sociais e tem crescido em aderência por jovens no Brasil e no mundo todo (RIBEIRO, 2003; OSÓRIO, 2005; RUSSELL e ALEXANDER, 2008). Contudo, os riscos citados por Guerriero foram minimizados graças a um dos agentes proselitistas mais fortes da Wicca: a produção televisiva e cinematográfica. Nos últimos tempos, vem crescendo a produção de filmes e séries (além dos livros no mercado) que cada vez mais ressignificam o papel da bruxa, tornando-a boa, heroína ou ajudante de herói. Graças a isso, o imaginário social acerca da bruxa e da magia vem se transformando. Em muitos lugares, dizer-se bruxo não é mais pejorativo ou negativo, tornou-se referência a alguém que tem hábitos mais naturais e acredita no poder de cristais e de espíritos da natureza. (SILVA, 2013).

Não podemos renegar o papel marcante e importante da Nova Era. Graças a ela, práticas mágicas e energéticas foram gradativamente popularizadas junto à sociedade (MAGNANI, 1999; AMARAL, 2000). Mas, sem dúvida, as séries, livros e filmes, ao trazer a bruxa como boa e heroica, têm sido fundamental para essa ressignificação. Podemos observar desde a série literária *As Brumas de Avalon*, de Marion Z. Bradley até os populares filmes entre os praticantes da Wicca *Jovens Bruxas*, *Da Magia a Sedução* e algumas séries televisivas como *O Círculo Secreto* e *As bruxas de Estand* que ressignificam o papel da bruxa. Obviamente, a versão da

²¹ A categoria bruxos e bruxas aqui “remete ao exercício da prática mágica associada ao conhecimento de fenômenos e ciclos da natureza” (RIBEIRO, 2003, p. 37).

bruxa má e demoníaca ainda permanece, mas essa reconfiguração é suficiente para abrir caminho à popularização da Wicca e ao seu processo de divulgação (SILVA, 2013).

Nesse sentido, podemos dizer que

os wiccanos encaram essa religião como uma nova concepção de magia e bruxaria. Procuram apagar da memória as conotações negativas que vinculam a bruxaria ao mal, que, como dizem, advieram da perseguição sofrida pelas feiticeiras que se opunham ao poder masculino da Igreja. (GUERRIERO, 2003, p. 21)

Osório (2002) e Russell e Alexander (2008) apontam que, na Idade Média, o útero feminino era visto como perigoso e maléfico. Sua função abençoada seria a procriação e, assim, o útero vazio era visto como receptáculo do mal. O sangue menstrual, por consequência, era negativo e torpe, o pior excremento corporal. Consecutivamente, a magia que estava sempre ligada ao feminino também se tornou demoníaca.

O culto à Virgem [Maria] foi um esforço limitado e inconsciente para reestabelecer o princípio feminino no conceito da deidade, e seu declínio corrente no cristianismo pode ser visto como um retrocesso. Mas a idealização da mulher teve um efeito inverso. Sempre que qualquer princípio é exagerado tende a criar uma sombra, uma imagem no espelho, um princípio contrário. O exagero da bondade e da pureza da mulher no amor cortesão e o culto da Virgem criaram a imagem-sombra da megera, da bruxa. A Virgem Mãe de Deus encarnou dois elementos do antigo simbolismo triplo da mulher, a virgem e a mãe. O cristianismo, porém, reprimiu o terceiro ponto, o espírito sombrio da noite e do mundo subterrâneo. Mas esse lado sombrio do princípio feminino não desapareceu; pelo contrário, à medida que o poder da Virgem Mãe aumentava, o mesmo ocorria com o da bruxa. (RUSSELL e ALEXANDER, 2008, p. 124).

A Wicca hoje junta novamente esses três elementos do princípio feminino em torno da Grande Mãe, a Deusa Tríplice, aquela que é Jovem, Mãe e Anciã. Desse modo, o mesmo útero que antes era visto como elemento maléfico é ressignificado. Ele passa a ser sinônimo de vida, transmutação e poder. O papel da mulher é invertido e ela não é mais subjugada ao poder masculino (OSÓRIO, 2002). O útero, fonte de magia, se torna lar do poder transmutador e da constante regeneração cíclica, perpetuada pela eternidade da imagem central da Wicca, a Deusa.

Os wiccanos se dizem herdeiros do primeiro culto humano: o culto a Deusa Mãe, do qual teriam originado todos os demais cultos. Nesse sentido, sentem-se holísticos, sua fé engloba toda outra fé. Ainda que pautada por um posicionamento contracultural à sociedade moderna e conectada com a integridade da rede Nova Era, a Wicca permeia toda a malha do campo religioso brasileiro, seja pela descendência que seus aderentes possuem (a maioria dos wiccanos são oriundos de matrizes cristãs), ou seja, por sua relação de negação e, por vezes, de apropriação.

A Wicca

é praticada em pequenos grupos, nos rituais em praças públicas ou no meio de matas [no Brasil, mais frequentemente na casa de seus sacerdotes]. Esses rituais são realizados de preferência à noite, devido à adoração à lua, que simboliza a essência feminina. Os dias mais propícios são aqueles que marcam as entradas nas estações do ano ou nas fases da lua. Porém, os principais rituais são individuais, feitos nas próprias casas dos bruxos e bruxas. (GUERRIERO, 2003, p. 22).

Desse modo, o capítulo realiza uma reflexão a respeito da prática e modo wiccanos; compreender sua relação religiosa com o circuito neo-esotérico. Para tanto, lançarei mão de estudos do campo mais focalizados nas práticas wiccanas, principalmente das reflexões colhidas da Expo Religião do Rio de Janeiro (RJ) em 2016, como também de algumas ponderações obtidas nas vivências e rituais de que participei.

Entretanto, como aponta Ribeiro (2003), os wiccanos costumam ver com desconfiança os pesquisadores e cientistas. Apesar da relação de apropriação que fazem com a ciência – usando-a como ferramenta legitimadora de suas práticas –, eles consideram o pensamento puramente científico racional e linear, oposto ao pensamento holístico comum de seu nicho religioso. Por essa razão, adentrei ao campo utilizando minha pertença religiosa como druidista (que também é uma religiosidade pagã e, por essa razão tem um alcance bem maior de abertura junto aos wiccanos). Entretanto, não obtive autorização para uso direto dos materiais e rituais coletados nas práticas rituais dos grupos que participei. Pude presenciar, sentir e experimentar, e, em cima disso, levantar discussões e questionamentos, porém, me solicitaram que não divulgassem seu roteiro ou *modus operandi*, tampouco seus acontecimentos. Assim, limitar-me-ei às reflexões, nesses casos, e às explanações e descrições, nos casos públicos, centralizados na Expo Religião.

O propósito aqui não é, portanto, incitar reflexões a respeito da Wicca, seus dogmas e crenças,²² mas sim alçar indagações a respeito de sua dinâmica e práticas religiosas e espirituais, compreendendo sua atuação como um nó específico na rede Nova Era, uma permanência em relação à errância típica dessa “nova consciência religiosa” (SOARES, 1989).

²² Recomenda-se a leitura da dissertação de mestrado de Alessandra Stremel Pesce Ribeiro, defendida na Universidade Federal do Paraná em 2003 sob o título “*Wicca: paganismo urbano e religiosidade contemporânea*”.

2. 1. UM CÍRCULO NO CIRCUITO: A WICCA COMO RELIGIÃO

Podemos dizer que a magia também está presente em pequenos gestos e atitudes que fazemos sem perceber. Quando, por exemplo, um torcedor vai ao estádio vestindo sempre uma mesma camisa, pois do contrário seu time correria o risco de perder, ou ainda quando um jogador de boliche se contorce todo e desesperadamente faz gestos com os braços para que a bola, então já lançada, chegue da maneira desejada às garrafas, estamos, sem dúvida, diante de atos mágicos. [...] Mesmo que não tenha consciência disso, essa pessoa participa, no fundo, de uma crença que pressupõe existir uma ligação entre duas coisas fisicamente separadas ([...] a camisa e o desempenho do time; o gesto e a trajetória da bola). Isso é magia. (GUERRIERO, 2003, p. 13).

É exatamente essa a explicação de magia dada pelos wiccanos: não há alguém que não pratique magia, há apenas aqueles que têm consciência disso. Nesse sentido, o caminho do desenvolvimento mágico da Wicca é o do aprendizado dessas forças, dessa ligação, segundo Guerriero (2003). A compreensão da magia se passa na crença de que ela é uma energia inerente à vida e que emana a partir de todas as coisas existentes. A função do bruxo, portanto, é reconhecer e manipular as energias segundo sua vontade. Os mitos, a dimensão espiritual e o holismo são partes integrantes do cosmos wiccano e não são vistos apartados do mundo real, são imanentes. Assim, tudo é energético, tudo é mágico. Tudo vem, produz e cria energia, que é manipulada e conduzida em rituais (seja em um contexto mais elaborado ou mais simplório e corriqueiro) pelo bruxo, com uma finalidade: isso é magia. Seu controle advém de sua percepção e do estudo dessas forças atuantes entre as causalidades da vida. Tudo está sob a influência mágica da energia ao redor, e, num panorama mais amplo, das energias cósmicas ou universais. Um bruxo compreende essa força mágica e energética, a sente e a manipula.

Não há na Wicca a clássica divisão de bem ou mal, de luz ou trevas. O caminho trilhado é sempre pautado pelo equilíbrio das forças. “Toda luz produz sombra e apenas nas sombras a luz pode brilhar” (Pedro). Nas palavras do sacerdote fica visível que não há uma guerra clássica entre luz e trevas, bem e mal, mas uma simbiose muito próxima ao conceito oriental de Yin e Yang.

Todavia, há que se moderar que, na Wicca, há um dogma chave para a prática mágica de seus membros. A lei única que restringe seus atos mágicos e pessoais pode ser escrita da seguinte maneira: “faça o que desejar, desde que não fira a ninguém”. Essa regra máxima é encontrada em todos os livros introdutórios a respeito da Wicca, analisados nessa pesquisa²³. Quando questionada a respeito do significado dessa regra, a bruxa Ligia Amaral disse:

²³CANTRELL, Gary. *Wicca: crenças e práticas*. DANIELS, Estelle & TUITÉAN, Paul. *Wicca Essencial*. LIMA, Ligia Amaral. *Wicca: a religião dos bruxos*. MORRISON, Dorothy. *A Arte – O Livro das Sombras de Uma Bruxa*.

Essa regra é bem clara, não acha? Somos livres, podemos fazer o que quisermos, a Deusa e o Deus nos permitem. Mas é preciso que façamos tudo com amor. O amor não machuca ou fere ninguém, principalmente a si mesmo. Amor próprio também conta, e conta muito aqui. E isso, muitos bruxos andam esquecendo. O ‘não ferir a ninguém’ inclui não ferir a si mesmo também. Então faz o que você quiser, mas não machuque nem a você, nem os outros, nem os seres e coisas dessa terra que a Deusa nos deu tão abençoada.

A manipulação mágica deve, então, ser conduzida e guiada por amor. E isso remete a outra frase clássica dita na entrada dos rituais wiccanos, quando o sacerdote ou o Guardiã dos Portais (pessoa designada a cuidar da entrada e da saída de pessoas do espaço ritualístico) pergunta ao ingressante, geralmente, ameaçando-o com seu *athame* (um punhal ritualístico, geralmente sem corte): “este é um espaço sagrado, como você entra?”. O ingressante deve responder com clareza e verdade algo semelhante a “com amor e confiança plenos”. O amor é a grande regra, ou dogma que instaura a maneira com que a magia deve ser praticada na Wicca.

Outra referência wiccana, no que concerne às práticas mágicas e aos rituais, é a Regra de Três, uma espécie de regra de ouro, ou Lei do Retorno, dita da seguinte forma: “tudo o que é feito retornará três vezes”. Isso leva à reflexão constante e ao cuidado com todas as ações feitas, pensadas ou ritualizadas. Como a magia está em tudo, esse pensamento é levado a todos os âmbitos da vida de um bruxo wiccano, que passa a se doutrinar constantemente para emanar aquilo que deseja atrair.

Intrigou-me o funcionamento dessa regra e sua triplicidade, uma vez que a lei do retorno faz parte da crença comum da nossa sociedade, expressa tradicionalmente nos termos “você colhe o que você planta”. A pergunta que fica é: como assim três vezes? Fiz essa pergunta ao sacerdote Pedro, que me respondeu da seguinte maneira:

Tudo o que fazemos de fato volta três vezes. Repare bem... Quando você toma uma ação, seja ela qual for, você interfere na ação que alguma pessoa próxima a você ou a quem a sua ação se endereça realizaria. Essa interferência desencadeia uma outra alteração nas pessoas próximas ou relacionadas a ação dessa pessoa que você interferiu, e assim, você muda o mundo. O que quero dizer é que tudo o que fazemos age em três escalas, primeiro altera um campo menor, mais próximo de nós, depois esse campo altera um campo médio, e esse altera o mundo inteiro. E assim, você teve três responsabilidades em escalas crescentes: a pessoa a quem você fez a ação, as pessoas que essa primeira pessoa mudou, e o mundo em um terceiro e último momento. É um efeito cascata que te é cobrado dessa forma: três vezes. Mas nem sempre a resposta dessa lei vem de maneira clara... Às vezes você iria receber um grande prêmio na loteria, e estava na fila para comprar o bilhete da sorte, mas algo te tira da fila antes da sua compra e outra pessoa compra no seu lugar. Ali, na sutileza, a lei agiu. Você não sentiu, talvez jamais vai saber, mas ali o universo se equilibrou de novo. Ou seja, a resposta não vem exatamente igual

a ação enviada, mas traz a mesma consequência em nossa vida da que demos às vidas que alteramos.

Para além dessas regras, a vivência wiccana é bem fluída e livre. A magia age e está em todas as coisas, e cabe a cada bruxo senti-la, compreendê-la e, em certa medida, manipulá-la ou controlá-la.

Não há diferença de um terreno classicamente profano e absolutamente sagrado para os wiccanos. O bosque, a natureza, são recorrentemente descritos como santuários, e lugares sagrados, pois lá estão os deuses que não foram apartados da vida cotidiana humana. Na cidade, em casa, no trabalho, wiccanos também podem sentir seus deuses e seu sagrado ao se reconectarem com o natural que existe em todo lugar. Onde quer que se esteja, sempre haverá ali os quatro elementos (Terra, Fogo, Água e Ar) e a natureza – por mais que nossa cidade seja de concreto e pedra, eles também foram retirados da natureza. Assim, o sagrado é onde se faz a conexão com os deuses e não apenas os templos humanos e naturais pertencentes a eles.

Contudo, durante a ritualística, é comum a traçagem de um Círculo Mágico, desenhado energeticamente ao redor do perímetro em que o ritual acontecerá. Esse espaço é purificado e limpo com uso de água salgada ou marítima e incenso. O sal representa a Terra, a água é a Água, a brasa do incenso é o Fogo e sua fumaça é o Ar. Algumas vezes é utilizado o *besom*, a vassoura ritualística que tem por finalidade varrer as energias negativas para fora. Esse ato é sempre feito de dentro para fora. Tradicionalmente, os wiccanos andam, giram em sentido anti-horário quando querem realizar limpezas e banimentos, e se atêm ao sentido horário durante os rituais e as evocações realizadas. A relação aqui é o movimento solar no céu, realizando uma sincronia e uma magia simpática de vinculação ao poder e prosperidade solares.

O Círculo é então traçado. São evocados os elementos em suas respectivas posições cardiais: Leste – Ar; Sul – Fogo; Oeste – Água; Norte – Terra, pelo sacerdote oficiante ou seu auxiliar, geralmente com uso do *athame* e com uma postura corporal levemente curvada, direcionando a ponta da adaga para baixo estando ele posicionado próximo ao rosto ou peito do evocador. Após esse ato, os componentes do ritual são colocados dentro do círculo mediante o desafio descrito acima. É só então que a deidade é evocada. Costumeiramente, chamada a se fazer presente através de uma oração. Nesse momento, os livros de Cantrell (2002) e o de Tuitéan e Daniels (2004) descrevem a criação ou estada em um “entre mundos”, quando o Círculo se torna um lugar que não é lugar, estando em um tempo que não é tempo, um *axis mundi*.

É nesse *axis mundi* que o ritual é feito. Sua finalidade pode ser bem variada: a cura, a conexão com a divindade evocada, a celebração de uma data ou ocasião festiva, a realização ou

envio de um ato mágico. Mas, em quase todos os rituais que pude observar, toda a ação se passava após a traçagem completa do Círculo e terminava no consumo de uma libação (comumente vinho), repartida entre os membros a partir de um único cálice (algumas vezes chifre – *drinkhorn*). Esse cálice é a interiorização do ritual emitido por todos os membros. Após esse ato, o Círculo é aberto, com a utilização de uma varinha ou bastão mágico que devolve as energias utilizadas à terra. Uma confraternização ou lanche coletivo é geralmente sequenciado ao ritual.

Os climas ritualísticos são normalmente bem respeitosos e sérios. Os participantes são motivados a ajudar na preparação e a contribuir com as oferendas prestadas. Alguns deles cobram uma ajuda de custo, não superior a cinquenta reais, mas a maioria que acompanhei aconteciam de maneira gratuita a convidados seletos. Não há assistência nos rituais. Todos os que entram no Círculo participam da ritualística, seja doando ou recebendo energia, o Círculo funciona como um equalizador energético que funde todos os participantes através da comunhão energética ali realizada. Apesar do respeito profundo ali vivenciado, há também uma descontração (de suas identidades, classes econômicas e sociais) e uma interação (todos ali são filhos da Deusa, em igualdade e amor) entre os participantes, seja antes ou depois do ritual. A sensação é de estar no meio de um seio familiar, com pessoas que se gostam e se agradam de estarem juntas sob aquela ocasião.

Fisicamente, o Círculo é disposto com poucos artefatos específicos. As pessoas ficam em pé ou sentadas no chão, em seu perímetro. Ao leste ou ao norte, posiciona-se o altar – uma mesa, geralmente forrada com uma toalha consagrada. Nele pode-se ver o bastão ou varinha e o *athame* do oficiante, duas velas (a esquerda representando a Deusa e a direita representando o Deus), um incensário com incenso, recipientes com água e sal, um sino ou sineta, um cálice com a libação, um pentáculo²⁴ central, e uma escultura do deus ou deusa evocado. Outros elementos podem ser acrescentados de acordo com a necessidade, mas classicamente são esses os dispostos no altar. Todos eles devem estar limpos e consagrados energeticamente, e são usados exclusivamente para fins religiosos e ritualísticos. Alguns rituais e grupos acrescentam o Livro das Sombras à organização do altar. Ele é comumente escrito a mão, e contém todos os roteiros e aprendizados religiosos e ritualísticos do *coven* e/ou da pessoa. É de manuseio restrito aos membros ou ao seu dono, e, por isso, não tive acesso além da capa daqueles que pude vislumbrar. Alguns rituais contam com fogueiras ou caldeirões de fogo²⁵, colocados ao centro,

²⁴ Escultura ou desenho em pedra, metal, argila ou madeira de um pentagrama circunscrito.

²⁵ Geralmente é um caldeirão tripé, de ferro fundido, com substância flamejante colocada dentro (tecido embebido com parafina, ou outros compostos adquiridos) que é aceso durante o ritual.

o pote de água a oeste, incensos acesos ao leste, uma vela a sul e um cristal, terra, ou flores a norte do círculo, marcando os pontos cardeais e os elementos.



Imagem 2: Altar simbólico montado para exposição na Expo Religião 2016 no Rio de Janeiro (RJ). Elementos ritualísticos dispostos sob o altar forrado com toalhas cerimoniais e caldeirão com tripé e colher de madeira no chão.



Imagem 3: vista superior do altar exposto contendo: Livro das Sombras, Cálice com vinho, vela do Deus e da Deusa, pentáculo ao centro, bastão mágico, sineta, incenso e athame. Ao centro uma recriação de uma imagem arqueológica geralmente atribuída à Grande Mãe.

Para Cantrell (2002) cada um desses artefatos, para além de sagrados, também se vinculam a um elemento disposto sacramente sobre o altar. Dessa forma, o bastão ou varinha representariam o Ar; o *athame*, o Fogo; o cálice com a libação, respectivamente o útero da Grande Deusa e a Água; e o pentáculo, a terra, o portal por onde os deuses e os espíritos vêm quando chamados.

O Círculo, portanto, faz parte do uso tradicional e ritualístico dos wiccanos e é um ponto comum entre as diversas tradições. Apesar de ele não ser cotidianamente utilizado. Por seu caráter ritualístico e minucioso, ele é reservado aos momentos que assim o demandam. As práticas diárias, como meditações, oferendas, limpezas energéticas e preces, são realizadas fora do Círculo, dando-as mais dinamicidade e cotidianidade, o que possibilita o caráter autônomo e individual tão caro à formulação da espiritualidade wiccana.

É nesse limiar que a ponte entre a Wicca e a Nova Era é erguida com sua maior abrangência. Enquanto há uma ritualística padrão utilizada em ocasiões especiais, é no cotidiano que a autonomia e a individualidade ganham força, e a teia Nova Era é, então, acionada. Os costumes de limpeza e energização pessoais podem fugir completamente da limpeza clássica de água salgada com incenso e irem ao encontro de práticas orientais, africanas, xamânica e/ou indígenas, místicas, em geral, o que permite a fusão de outros pontos de contato do circuito neo-esotérico com esse nó na rede alternativa que é a Wicca.

Podemos trazer Luiz Eduardo Soares para entender esse processo que ele chamou de “nova consciência religiosa”:

a “nova consciência religiosa” é uma forma de metaconsciência da experiência mística e do compromisso religioso, derivada da preeminência da cosmologia alternativa, que se constitui em uma referência de tipo muito peculiar, dotada de características internas bem determinadas e de qualidades, no que diz respeito ao enfrentamento do mundo contemporâneo, bastante significativas. (1989, p. 142).

A Wicca também compõe essa “nova consciência religiosa”, pois a descrição do autor não mais faz do que resumir todo o trabalho descrito até o momento e suscitar indagações a respeito da dinâmica e prática religiosa tão específicas dos wiccanos, que, por outro lado, parecem nutrir profunda relação com uma outra tradição religiosa, inserida nesse contexto Nova Era, estudada por Soares: o Santo Daime.

Segundo o autor,

o caso representado pelos adeptos do Santo Daime constitui uma situação-limite: está fora e dentro da nossa categoria [“nova consciência religiosa”]; significa uma versão do misticismo ecológico [...] e ao mesmo tempo estanca a errância e anula o processo de sobredeterminação, invertendo seu resultado usual. (idem).

A religião de Gardner se articula como um nó nessa rede, criando identificação e permanência, mas em um grau ainda subliminar em relação ao Santo Daime. Enquanto esse cria permanência em relação à errância, a Wicca permite, e até estimula, uma errância controlada, “fora dos limites do Círculo” por assim dizer. Ela cria uma pertença, uma identidade típica que pode ser observada no uso do termo *pink-wicca*, atribuído aos wiccanos que não demonstram seriedade com os estudos e práticas convencionais. Contudo, ao estimular a autonomia individual no que concerne à prática diária, observa-se um afrouxamento do nó que caracteriza essa tradição na rede Nova Era. Aqui, portanto, há o resultado usual dessa “nova consciência religiosa” de Soares, ao mesmo tempo que se observa a inversão desse resultado.

Aparentemente, esse é o atrativo maior do proselitismo wiccano: um proselitismo não proselitista (RIBEIRO, 2003), que atrai pela flexibilidade entre permanência, identidade e errância, marcada profundamente pela autonomia. Nesse sentido, podemos dizer que “a inclinação religiosa da ecologia espiritualizada pela dialética selvagem da energia explica a enorme facilidade com que as tradições religiosas mais diversas [no nosso caso, a Wicca] tendem a ser incorporadas ao grande mosaico formado por *bricolages* particulares” (SOARES, 1989, p. 129, grifo do autor).

O que nos resta então é entender alguns dos pontos de estaque da errância ou diferenciação da Wicca em relação às outras religiões desse complexo alternativo. Para tanto,

escolhi trabalhar um de seus textos mais emblemáticos – segundo Russell e Alexander (2008), escrito por Dorien Valiente, mas atribuído ao anonimato pelos livros wiccanos –, conhecido como “A Rede Wicca”. Esse poema²⁶ basicamente resume todo o dogma e crença wiccanos, e é citado nas mais variadas tradições com poucas alterações de tradução entre elas. Será em cima desse poema que terminaremos de delimitar esse Círculo no Circuito, ou, melhor dizendo, delinear a Wicca como uma religião definida mesmo que inserida na rede Nova Era.

Precisamos viver a Rede Wicca
 Em perfeito Amor e perfeita Confiança.
 Viva e deixe viver,
 Tome com justiça e dê com justiça.
 Lance o Círculo três vezes
 Para manter os maus espíritos fora.
 Para que o encantamento seja sempre válido,
 Diga-o em versos.
 Olhe com suavidade e toque com leveza,
 Fale pouco e ouça muito.
 Vá no sentido horário na lua crescente,
 Entoando a runa das feiticeiras.
 Vá no sentido anti-horário na lua minguante,
 Entoando a runa maléfica.
 Quando a lua da Senhora for Nova,
 Beije-Lhe a mão duas vezes.
 Quando a lua estiver no seu pico,
 Busque o desejo de seu coração.
 Dê ouvidos aos ventos poderosos do Norte,
 Feche a porta e arrie a vela.
 Quando o vento vier do Sul,
 O amor o beijará na boca.
 Quando o vento soprar do oeste,
 Almas que partiram não terão descanso.
 Quando o vento soprar do Leste,
 Espere o novo e prepare o banquete.
 Nove varas se põem no caldeirão,
 Queime-as depressa e queime-as devagar.
 Anciã seja a árvore da Senhora,
 Não a queime para não ser amaldiçoado.
 Quando a Roda começar a girar,
 Que queime as fogueiras de Beltaine,
 Quando a Roda chegar no Yule,
 Acenda a tora e Aquele que tem chifres reinará.
 Ouça as Flores, Arbustos e Árvores,
 E pela Senhora será abençoado.
 Na direção das águas ondulantes,
 Jogue uma pedra para saber a verdade.
 Quando tiver uma verdadeira necessidade,
 Não dê ouvidos à ganância dos outros.
 Não passe tempo com um tolo

²⁶ Aqui usamos a versão de Gwen Thompson apresentada no livro de Gary Cantrell: *Wicca: crenças e práticas*, 2002.

Para não ser considerado seu amigo.
 Felizes encontros e felizes partidas,
 Ilumine o rosto e aqueça o coração.
 Dê ouvidos à Lei Tripla,
 Três vezes maus, Três vezes bom.
 Quando estiver muito infeliz,
 Use a Estrela Azul na testa.
 E seja para sempre fiel no amor,
 A menos que seu amado lhe seja infiel.
 Oito palavras cumprem a Rede Wicca:
 Se não prejudicar ninguém, faça o que desejar. (THOMPSON *apud*
 CANTRELL, 2002, p. 191).

Vê-se um dogma ou orientação de conduta simples, que estimula em muitos pontos a autonomia, tanto interpretativa quanto experiencial, mas que também marca pontos importantes. As fases da lua referenciadas representam as faces que a Deusa pode assumir: Jovem, Mãe e Anciã. Assim, a lua nova e crescente representa a face Jovem da Deusa, associada à infância e à adolescência, aos amores e ao trabalho construtivo. A lua cheia é a face Mãe, associada à maternidade e ao ápice de seu poder, à gestação, à caridade e à magia. É o útero cheio, grande e redondo, carregando a magia da vida e a promessa da renovação. A lua minguante, portanto, é a Anciã, que pode ser tanto amiga quanto megera. É a lua da colheita, a resposta aos atos construídos nas luas anteriores. A Anciã é aquela que faz o que precisa ser feito, sábia e temida, conselheira e amiga.

O ser de chifres que reina em Yule é o Deus, costumeiramente descrito a imagem do deus Cernunnos celta: um ser híbrido de animal e homem, com patas de animal (geralmente bode ou cervo) e uma grande galhada de cervo na cabeça. Essa é a principal imagem atribuída ao Grande Consorte wiccano, assim como a Deusa é um arquétipo materno, gestacional. Ele é conduzido por ela em sua jornada de vida, morte e renascimento, que é experienciada por toda a natureza no ciclo dos Sabás, ou da Roda do Ano.

Beltane e Yule são dois festivais sagrados do calendário padrão da Wicca, que parte da celebração de oito festivais ou Sabás de origem celta e nórdica. Suas festividades acontecem em oito datas espalhadas pelo ano e comumente relacionadas com a sazonalidade. Por essa razão, alguns grupos invertem as datas para casar com a sazonalidade do hemisfério sul; outros já acreditam que não há razões para se adaptar a Roda às sazonalidades sulistas, uma vez que elas não são tão extremas como as nortenhas. Além disso, a não adaptação da Roda também se justifica nos signos do zodíaco que não foram adaptados, mesmo tendo profunda relação com as sazonalidades zoroástricas. Outras discussões a esse respeito estão ativas e sendo elaboradas até hoje, e, por essa razão, dificilmente esse tema tem sido debatido de forma normativa, na maioria as vezes, apenas explicativa.

Esses festivais celebram a transição ou desenvolvimento de vida passado pelo Deus sob a condução da Deusa, destino esse vivenciado por todo ser ou coisa existente. Todos nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos. Assim, esse calendário que inicialmente era agrícola para as culturas das quais provém (celta e nórdica), passa a ser também de celebrações de fases do desenvolvimento da relação entre a Deusa e o Deus, manifestados pela sazonalidade terrestre.

Os Oito Sabás da Roda do Ano			
Sabá	Significado	Data no hemisfério norte	Data no hemisfério sul²⁷
Samhain	A morte do Deus, quando a Deusa desce ao Submundo em busca de seu amado e descobre a si mesma e a magia. Celebração aos mortos, quando não mais se deve colher nos campos.	31/10	30/04 ou 01/05
Yule	O nascimento do Deus do útero sagrado da Deusa, quando a esperança nasce mesmo no ápice do inverno (quando se celebra o nascimento, trocam-se presentes e realizam banquetes).	22/12	21/06
Imbolc	A infância e o preparo para o trabalho agrícola. Quando o Deus supera os desafios do nascimento e inicia sua peregrinação ou aprendizado em vida. Início do trabalho com o campo de plantio.	02/02	03/08
Ostara	A adolescência e os amores. Quando a Deusa rejuvenescida se apaixona pelo jovem Deus fazendo se cumprir o ciclo eterno. Primavera, época das flores e acasalamento de alguns animais.	20/03	22/09
Beltane	O casamento e o fogo da paixão. Quando o Deus e a Deusa se casam e realizam o Grande Rito (o ato sexual), mantendo a fertilidade terrena, a maturação dos frutos e o plantio. Festival da fertilidade.	30/04 ou 01/05	31/10
Litha	A maturidade e a gravidez. Quando a Deusa está grávida, indica sua plenitude maternal, e o Deus está maduro e forte. A Terra está plena e a colheita próspera. Verão, festival da plenitude.	21/06	21 e 22/12
Lughnasadh	É o festival da colheita do plantio e dos jogos esportivos. Marca o período de fartura e prosperidade sobre a terra.	03/08	02/02

²⁷ Essa referência só vale para os grupos e pessoas que realizam a adaptação dos festivais a sazonalidade sulista, os demais seguem as datas como descritas para o hemisfério norte.

Sabá	Significado	Data no hemisfério norte	Data no hemisfério sul
Mabon	A última colheita e o dia de ação de graças. O Deus envelhece e se prepara para morrer. A Deusa, também envelhecida, o conduz como sua eterna amiga aos braços da morte, que chegará novamente em Samhain. Outono, festival do declínio, da ancianidade.	22/09	20/03

Tabela 1: Os Oito Sabás da Roda do Ano

Nascer, crescer, morrer e renascer. Esse é o destino do Deus, e a ele seguem todos os demais seres. A Deusa tem seu ciclo próprio, que, apesar de influenciada e celebrada em suas diferentes faces nos sabás, manifesta-se mais fortemente no ciclo lunar. Sua celebração são os esbás, que são classicamente quatro, mesmo que apenas dois serem mais referenciados.

Os Quatro Esbás	
Esbá	Significado
Lua Nova ou Escura	Lua que rege o processo de renovação e transmutação. É a face oculta da Deusa, podendo ser caridosa ou não. Trabalham-se os processos internos e o autoconhecimento. Está relacionada à renovação uterina. É o segundo esbá mais celebrado pelos wiccanos.
Lua Crescente	Rege a fase jovial da Deusa. Uma senhorita destemida, obstinada e forte, sempre alegre e produtiva. Podem ser trabalhadas as coisas que precisam ser alcançadas ou conquistadas. É o útero em preparação para a fertilidade mais uma vez.
Lua Cheia ou Plena	É a fase materna, a gestação. A face mãe da Deusa, sempre caridosa e benevolente, compreensiva e esforçada, uma mãe em seu arquétipo ocidental. Nessa fase, operam-se os trabalhos mágicos e os rituais de cume energéticos. As preces emitidas à Mãe são sempre atendidas. É o principal esbá celebrado pelos wiccanos.
Lua Minguante	É a anciã. A face megera ou amiga da Deusa, que age como se precisa para assegurar a vivência e a prosperidade do ciclo, da terra e da vida. É a conselheira de palavras diretas e objetivas. Nessa Lua, trabalham-se limpezas, purificações e, algumas vezes, cura.

Tabela 2: OS Quatro Esbás

Esses festivais são rotineiramente realizados em ritualísticas em seus grupos. Mas, dada a vivência solitária e a autonomia vivenciada pelos wiccanos, muitos fazem suas reverências e cultos sozinhos, principalmente no que concerne aos esbás. De fato, não há uma obrigatoriedade na celebração desses ritos e datas simbólicas, mas muitas vezes é feita referência ao seu poder ou tempo como justificativa para o andamento de determinado campo ou desejo da vida do

bruxo. Um exemplo é a frase que ouvi na casa em que estive hospedado, direcionada a uma sensação de angústia da filha comunicada à mãe. A sua resposta foi bem específica: “relaxa, minha filha... Já, já isso passa. É só a lua minguante acabando”.

Em geral, os sabás são comemorados coletivamente, fazem parte dos rituais que tradicionalmente recebem convidados nos grupos. Sua celebração é sempre festiva e alegre, mesmo em Samhain, festival dedicado aos mortos. Em pergunta ao informante, Marcos dá razão para celebrarem os mortos com relativa alegria. Ele respondeu:

Os mortos estão bem. Não acreditamos em um tormento ou sofrimento eterno. A vida se renova, reencarnamos. A morte é como a lua escura: apenas um período desconhecido de renovação. Não há razão para nos entristecermos pelos que se foram. Eles se foram, atravessaram a grande porta e um dia nós vamos segui-los, quando estivermos realmente prontos. Claro que a saudade fica, né?! Mas com ela devemos guardar as alegrias e não as dores. Em Samhain, não choramos a partida, guiamos os espíritos perdidos para que façam a passagem, agradecemos aos antepassados a vida e os ensinamentos que nos deixaram. É um sabá bonito, que deve ser vivenciado com paz. (Marcos).

Essa visão da morte é típica da Wicca, e também próxima ao Espiritismo Kardecista (CAMURÇA, 2014) e à visão novaerista de uma vida em eternos ciclos (AMARAL, 2000). É possível que essa concepção marque mais um dos sincretismos realizados pela Wicca, apesar de ela alegar trazer esse princípio reencarnacionista de centenas de anos, desde as religiões pré-cristãs da Europa. A diferença aqui está na evolução. Enquanto no kardecismo existe a ideia de uma evolução linear, de aprimoramento ou iluminação da alma, na cosmologia wiccana essa compreensão não se faz presente. Os seres vêm à Terra para vivenciar e aprender, a aquisição de sabedoria é a evolução, portanto, não há uma ordem precisa de almas mais ou menos evoluídas. Costumeiramente, dizem que as almas mais antigas possuem seus dons psíquicos (como dons de vidência) mais elevados do que as almas mais novas, e trazem consigo a sabedoria de outras vidas, mostrando-se proeminentes desde muito jovens. Mas isso não garante a benevolência de uma pessoa, no sentido antagônico vivenciado pelo cristianismo ocidental.

A relação direta dos sabás e esbás com a natureza traz de volta o sagrado natural, ou, mais apropriadamente dizendo, o sagrado ecológico, que, segundo Soares (1989), resgata a vivência da espiritualidade selvagem ou energética/mágica e explica a relação íntima da Wicca com a natureza. Isso fica evidente no poema estudado, nas estrofes que dizem “Anciã seja a árvore da Senhora, não a queime para não ser amaldiçoado”. Mais adiante, uma passagem relata sobre o agouro dos ventos vindos das quatro direções, e orienta a ouvir a natureza através das árvores, dos arbustos e das plantas; e, por fim, a buscar a água para saber a verdade a respeito de algo. Esse último é mais metafórico. Segundo a sacerdotisa Camila,

“Na direção das águas ondulantes, jogue uma pedra para saber a verdade” é uma das frases mais difíceis de explicar. É preciso vivenciar. Sabe quando você joga uma pedra num lago e as ondas vão fazendo a pedra quicar para o centro. É essa a metáfora! O lago e a pedra são você mesmo. Se você quer saber uma verdade, vá ao fundo de si mesmo e escute sua intuição.

Já o ouvir à natureza, para os wiccanos, é bem literal. As árvores podem se comunicar energeticamente e através de sinais, como ventos, frutos, folhas e flores que caíam. A natureza se revela e se manifesta, a Deusa fala através das coisas, e é preciso saber ouvir os sinais e mensagens dados. Por sua vez, o agouro dos ventos é igualmente bem literal: do norte vêm os maus agouros, é momento de se proteger. São os ventos frios que anunciam o inverno. Do sul, sopram os quentes ventos do verão, trazendo o amor e a vitalidade. O oeste é o caminho que os mortos fazem rumo ao Outro Mundo, e, portanto, ventos fortes que farfalham as árvores vindos dessa direção anunciariam a presença de espíritos que não descansaram ou não fizeram boa passagem, possivelmente perturbando os vivos. Os ventos do leste anunciam boas novas e visitas calorosas.

A natureza é o templo e a personificação da divindade. Enquanto o Deus é a vivência efêmera da natureza e o sol que nasce, morre e renasce nos ciclos sazonais, a Deusa é a própria natureza, que conduz a vida para que ela se mantenha, se renove e se perpetue; a lua que se regenera ciclicamente e que conduz o balançar das marés.

Por fim, a lei tripla referenciada no poema é a mesma descrita anteriormente, que resulta na regra de ação e consequência igualmente tripla: tudo o que você faz volta três vezes para você, e, assim, de três acontecimentos ruins, três bons sucedem, para que o equilíbrio seja sempre mantido.

Em face dessa análise, constatamos que, assim como o Santo Daime (SOARES, 1989) – mesmo que não tão marcadamente –, a Wicca configura um nó na rede Nova Era. Ao mesmo tempo que se articula com essa rede, de maneira autônoma e criativa, também a segmenta em sua identidade, sugerindo o pertencimento e, de certa forma, o fim da errância. Essa se torna apenas de vivências e energias, possibilitada pela própria concepção holística que a Wicca possui face a sua Deusa total e global. Já o credo wiccano define a identidade circunscrita, vivenciada nos estudos e na proficiência dessa fé específica.

Suas práticas mágicas ultrapassam as vivências ritualizadas, são diárias e cotidianas, e também transbordam a capacidade tática a que essa pesquisa se ateve. Por seu cunho profundamente individual e autônomo, resolveu-se não investir a fundo na análise dos encantamentos, feitiços e práticas vivenciais e individuais, temas que parecem render uma pesquisa por si só. Mas nos cabe ressaltar: a magia está em tudo na Wicca, seu holismo

autônômico permite que ela seja vivenciada individualmente nos arranjos mais difusos imagináveis, e, por fim, sustenta os membros mais tradicionalistas e conservadores do método mágico e ritualístico de seus fundadores.

2. 2. A ESPIRAL ÀS SENHORAS: A WICCA NA EXPO RELIGIÃO DE 2016

No Brasil, tem se tornado comum a organização da Wicca em torno de eventos, feiras, workshops, palestras e seminários, característica que ela parece ter herdado do movimento Nova Era.²⁸ Entre esses, destacam-se a Mystic Fair (Rio de Janeiro / RJ), o Encontro da Deusa no Brasil (São Paulo / SP) e os Seminários sobre Paganismo da UWB (Rio de Janeiro / RJ) – que foi estudado nessa pesquisa. Outros encontros menores costumam acontecer em várias cidades, organizados por diversos grupos ou entidades wiccanas e pagãs.

Em 2016, a União Wicca do Brasil foi convidada a participar com estandes e palestras da Expo Religião no Rio de Janeiro (RJ). A entidade resolveu levar para o evento sua segunda edição do Seminário sobre Paganismo da UWB, e montou estandes destinados à divulgação da religião Wicca e à comercialização de produtos mágicos (poções, artesanatos, tarôs, runas, cosméticos e sabonetes, óleos, livros das sombras, dentre outros). Acompanhei o desenvolvimento do evento de perto. Alocado no estande da UWB, compartilhado por três lojas wiccanas²⁹, constatei a relação de troca e curiosidade a respeito da magia, da Wicca e dos produtos.

²⁸Tuitéan e Daniels (2004) e Zell-Ravenheart (2008) descrevem a existência de feiras e seminários também nos Estados Unidos.

²⁹ *Jeito de Bruxa*, da bruxa Ligia Amaral, com produtos variados; *Art Zoe*, da bruxa Marcia Alcântara, com venda de cosméticos feitos à base de ervas e óleos naturais, e *Essência Pagã*, da bruxa Ariadne Pinheiro, com venda de amuletos, poções e artefatos.



Imagem 4: Itens da loja Essência Pagã (caixas decoradas com símbolos pagãos e wiccanos)



Imagem 5: itens da loja essência pagã (hidromel, velas encantadas, encanto para prosperidade e quadro astrológico)



Imagem 6: Prateleiras com itens da loja Jeito de Bruxa (poções, encantamentos, livros, livro das sombras, sais e ervas de banhos mágicos e tarôs).



Imagem 7: prateleiras com cosméticos da loja Art Zoe.

Ao lado das lojas, dividindo o estande, encontrava-se o altar demonstrativo – ao qual nos referimos no item anterior –, um *banner* explicando o que era paganismo e um outro a respeito do neopaganismo.



Imagem 8: Altar demonstrativo exposto no estande da UWB.

PAGANISMO

Origem Etimológica
 A palavra pagão (do latim paganus ou pagani, que significa "do campo"), referindo-se aos povos essencialmente agrícolas, seus costumes e crenças. É um termo geral, normalmente usado para se referir a tradições religiosas politeístas.

O que é o Paganismo?
 O paganismo é uma antiga manifestação cultural, que engloba diversas tradições, hábitos e crenças. E como em toda cultura, ele também possui uma espiritualidade típica, a qual podemos chamar antropológica e sociologicamente de "religiosidade", que pode se traduzir em diferentes religiões. Incluem-se neste conceito as religiões das antigas civilizações, como: a babilônica, a egípcia, a grega, a romana, a celta, a nórdica, a indiana, a asteca, a inca, a maia, além das diversas populações indígenas norte e sul americanas.

A religiosidade pagã era essencialmente ligada à natureza e seus ciclos. E para os povos agrícolas, era comum a prática de certos ritos que tinham como propósito pedir aos deuses para que os plantios e as colheitas fossem propícios.

Adormecimento do Paganismo
 Desde o século IV EC, quando se tornou religião oficial do Império Romano, o cristianismo e o paganismo começaram a disputar espaço e influência entre os fiéis. Primeiro os cristãos cristianizaram diversas práticas e festividades pagãs, dando-lhes um novo sentido para atrair mais fiéis. Conforme foi se popularizando, o cristianismo passou a ridicularizar os pagãos e suas crenças. Até que finalmente, quando se tornou a religião dominante, o paganismo foi demonizado e perseguido, o que culminou com a Inquisição, que acabou por subjugar-lo quase que completamente, ficando adormecido e marginalizado por séculos.

WWW.UNIAOWICCADOBASIL.ORG.BR

Imagem 9: Banner descrevendo o Paganismo.

NEOPAGANISMO

Origem Etimológica e Definição
 O Neopaganismo (morfologicamente, é composta de duas palavras: neo-, vindo do prefixo νεο – do grego antigo, que significa "novo" mais a palavra Paganismo – ver *paganismo*).

O Neopaganismo é um movimento moderno para reanimar antigos cultos voltados para a natureza e suas divindades – “cultos pagãos”, adaptando as suas crenças e práticas aos dias de hoje. Esta definição pode incluir qualquer movimento reconstrucionista em uma extremidade, até grupos não-reconstrucionistas, como o Neodruidismo e a Wicca, na outra.

Surgimento
 Após séculos de dormência devido às perseguições da Inquisição e do medo, as crenças e práticas da religiosidade pagã ressurgiram. A cada dia cresce o número de pessoas que não mais se satisfazem com as religiões populares e convencionais, buscando as respostas para as questões atuais nas antigas religiões. Esse resgate “religare” se deve à afinidade entre as necessidades da sociedade moderna e os conceitos do antigo paganismo, como a liberdade de expressão, a igualdade entre os sexos, a preocupação com a natureza, dentre outros.

Entretanto, como a atual sociedade não é mais essencialmente agrícola, chamamos de Neopaganismo o ressurgimento desses antigos cultos e a adaptação de suas crenças e práticas aos dias de hoje.

As religiões neopagãs mais populares são: Wicca; Neodruidismo; Asatrú; Bruxaria Tradicional; Stregueria e as diversas religiões reconstrucionistas.

WWW.UNIAOWICCADOBASIL.ORG.BR



Imagem 10: Banner descrevendo o Neopaganismo.

Realizada nos dias 09 a 11 de setembro de 2016, no Centro de Convenções Sulamérica no Rio de Janeiro (RJ), com entrada a três reais ou um quilo de alimento não perecível, a feira possuía estandes de várias confissões religiosas: muçulmanos sunitas e xiitas, hindus, candomblecistas, umbandistas, kardecistas, xamânicos e indígenas, asatru (religião pagã moderna de reconstrução da religiosidade nórdica) e ciganas. Além disso, havia estandes individuais para venda de artesanatos e de livros religiosos em geral, para consulta oracular com cinco cartomantes disponíveis e um estande para terapias alternativas de cura com serviço de massagens, reiki, cromoterapia, entre outros. Parecia uma típica feira Nova Era como descrita por Amaral (1994). Ao centro, havia um pequeno palco e um espaço aberto, destinado a performances religiosas das diversas tradições participantes do evento, de acordo com sua inscrição para uso do espaço. Num segundo andar, encontrava-se um centro de convenções com dois anfiteatros, usados para palestras – um deles reservado integralmente para a UWB, onde aconteceu a realização do II Seminário sobre Paganismo.

Fui convidado pela organização da UWB a participar também como palestrante e sacerdote representando o druidismo – confissão que faz parte do grande círculo chamado paganismo. Inicialmente, a proposta era observar e participar como alguém de fora, externo aos acontecimentos. Mas, assim como Amaral (1994), percebi que a pertença ou a inserção no campo como um membro ou consumidor das práticas abria os caminhos e jornadas de pesquisa. No meu particular caso, optei por levar minha pertença religiosa como meio de contato e aproximação do meu campo, flexionando-me, colocando-me na porta (VELHO, 2007): nem dentro nem fora, nem o agir estritamente como pesquisador afastado do embate religioso, nem o agir puramente como adepto ou simpatizante.³⁰

Esse interstício no qual me inseri mostra outro ponto interessante na Wicca representado pela política sustentada pela UWB: a abertura. A autonomia vivenciada pelos wiccanos permite as múltiplas vivências fundidas no caldeirão holístico do culto a Deusa, assim, a relação da Wicca com as demais religiões do contexto pagão é de proximidade e abertura. Muitas vezes é

³⁰ É importante salientar que minha posição é bastante delicada. Enquanto minha pertença a um dos ramos do neopaganismo (o neodruidismo) me possibilita maior facilidade de acesso ao campo, por outro lado pode me levar a assumir posturas não-distanciadas, trazendo minhas opiniões e concepções já formadas acerca de meu objeto a um ponto tangível à pesquisa. O esforço de relativizar minha pertença e tentar criar um distanciamento plausível, buscando “me colocar na porta”, nem dentro, nem fora, como sugere Otávio Velho (2007). Compreender essa dinâmica na qual me insiro e assumi-la foi passo constitutivo e decisivo de meu método durante a pesquisa. Enquanto abria caminhos para a inserção no campo usando minha “identidade nativa”, busquei manter igualmente ativa minha “identidade de pesquisador”, permanecendo com os olhos e os ouvidos atentos inclusive às minhas posturas, concepções e preconceitos, valorizando mais a fala e explicação dos outros em detrimento do que chamo de “minhas percepções puras”, aquelas que um observador externo teria de imediato, mas sem desconsiderá-las. Como não sou externo, foi preciso relativizar minhas observações e inclusive meus preconceitos em relação ao campo.

bem difícil separar esses movimentos à primeira vista. Mas, os wiccanos se beneficiam disso de maneira sincrética e holística, enquanto grupos como os reconstrucionistas tentam estabelecer suas distinções e demarcações a respeito da Wicca.

O que se observa, portanto, é o senso comum de que todas as religiões pagãs são wiccanas. E há certa pretensão nisso quando se analisa o discurso nativo que pensa na Wicca como a mais antiga das religiões, descendente do culto originário da Deusa Mãe, através do qual teriam nascido as demais religiões. Desse assunto, no entanto, trataremos no capítulo seguinte.

Na Expo Religião, atuei em uma jornada dupla, por assim dizer: enquanto observava e pesquisava minuciosamente os acontecimentos que permeavam o estande da UWB e o II Seminário sobre Paganismo, também atuei em palestra e em um ritual como druidista. Essa dinâmica me possibilitou algo que não imaginava: a abertura das pessoas a uma conversa nativa, uma confiança para relatar seus dilemas e questões a respeito do paganismo e da Wicca. Enquanto estava naturalmente vestido (conforme os padrões sociais típicos de nossa sociedade brasileira), muito observei, mas tive muito pouca abertura para conversa e diálogos. Ao trajar minha túnica confessional e participar de uma roda de debates sobre o paganismo, muitas pessoas iniciaram conversas e discussões a respeito dos dilemas e rumos da Wicca e do paganismo como um todo. Foi uma abertura “de um dia para o outro”. Obviamente que o lado pesquisador ficou suprimido. Assim como descreve Ribeiro (2003), minha presença enquanto pesquisador puro era vista com profunda desconfiança – introduzida por Gardner, logo após a criação da Wicca, quando sustentava que a ciência mataria a magia por seu pensamento racional e pragmático. Quando me relacionava como alguém de dentro, o olhar passava a ser outro: eu era então um sacerdote, legitimado pelos meus conhecimentos acadêmicos. Não enxergavam mais o pesquisador, apenas o sacerdote.

Minha relação com o campo foi “manter-me na porta”: enquanto analisava academicamente meu objeto, também me deixava tocar por ele e agir, ou interagir, conforme a necessidade.

No segundo dia do evento, sábado, dia 10 de setembro, fui convidado pela bruxa Ligia Amaral a participar como druidista da dança espiral que aconteceria no encerramento da feira naquele dia. Seria uma dança feita com todos os presentes que quisessem participar, e caracterizaria um culto à Deusa (então manifestada em sua face plural como “Senhoras”). Aceitei a participação: vesti minha indumentária, mas não desviei o olhar de pesquisador do que estava acontecendo. Aproveitei o rito público e pedi a um informante para que tirasse fotos.

A espiral aconteceu na área livre da feira, à frente do palco, onde foi dançada em sentido horário, de fora para dentro, invocando o poder da Deusa para o local e seus participantes. Ao centro foi colocado um caldeirão com uma vela branca e um incenso dentro (bem parecido com o que acompanhei em outros rituais de que participei). No palco estava a Ligia, presidindo o ritual, dando ordens e comandos energéticos no microfone. Lá também estava uma cesta cheia de frutas, um cálice com vinho e um incenso dados em oferenda à Deusa, uma sacerdotisa do movimento reconstrucionista helênico³¹ que dançava em honra à Mãe entregando-lhe as oferendas e também alguns bruxos tocando tambores.

A música escolhida para a ocasião foi o “Canto às Senhoras”, de composição atribuída pela Ligia à sua avó, que teria sido striga³² e passado os ensinamentos mágicos à neta. A música foi gravada em estúdio como presente à Ligia por uma discípula musicista naquele mesmo dia.

(refrão):
 Senhoras do Ar
 Senhoras da Terra
 Senhoras do Fogo
 Da Água e das esferas

Vinde senhora, vinde
 Trazendo a solução
 Eu quero muita paz
 E amor no coração

(refrão)

Vinde Senhora, vinde
 Trazendo a solução
 Eu peço um bom emprego
 E dinheiro na minha mão

(refrão)

Vinde Senhora, vinde
 Trazendo a proteção
 Eu peço muita força
 E magia na minha mão

(refrão)

Vinde Senhora, vinde
 Trazendo a redenção
 Eu peço a espiritualidade
 E poder na minha mão

³¹ Movimento que visa reconstruir ou reviver a religiosidade e práticas religiosas gregas.

³² Tradição familiar da bruxaria italiana.

(refrão)

Vinde Senhora, vinde
Trazendo a solução
Eu peço muito amor
E também muito tesão

(refrão)

Vinde Senhora, vinde
Trazendo a solução
Eu peço muita saúde
Para segurar este rojão

(refrão)

A espiral aconteceu a som eletrônico da música gravada, enquanto cópias da letra foram distribuídas aos participantes para que cantassem e acompanhassem a música. No palco, os tambores estavam praticamente inaudíveis, assim como as maracas tocadas por participantes da espiral. Além da música, só se ouvia a voz da Ligia em microfone, comandando as energias através de palavras de ordem como “ouça-nos Senhora, abençoada Mãe! Dê-nos seu poder!”. A dança caminhou lentamente, e conduziu as muitas pessoas que decidiram participar em direção ao centro, uma espiral que apenas centralizou e não retornou. Segundo a condutora da dança, não retornar (do centro para fora) na espiral é uma maneira de manter em si a energia invocada. Ir de fora para dentro em sentido horário significa invocação, enquanto ir de dentro para fora em sentido horário é a evocação e envio da energia. Já o sentido anti-horário (habitualmente usado apenas de dentro para fora) é um movimento de limpeza e purificação.



Imagem 11: Ligia Amaral conduzindo a espiral do palco. Oferendas de frutas, vinho e incenso sendo entregues através de dança pela sacerdotisa helênica. Wiccanos tocando tambores xamânicos ao fundo. (foto retirada pelo informante Marcos)

Muitos participantes que não eram wiccanos, quase todos que estavam no *hall* da feira participaram dessa espiral. No final ela foi fortemente aplaudida, e alguns participantes estavam chorando e sorrindo emocionados. Os comentários audíveis após seu término soavam como “nossa! Muito bom, me sinto mais conectado, mais limpo agora”, “não sou dessa religião aí, mas já me identifiquei muito”, “muita energia, não acha?! Foi muito bom”, “eles podiam fazer isso amanhã de novo, não acha?”. O palco e o *hall* não foram usados apenas pelos wiccanos, outras apresentações aconteceram – como dança cigana, orquestra de tambores e cantos candomblecistas, apresentação de cantos e danças indígenas. Mas, aparentemente, essa foi a única apresentação que teve um convite formal da organização da Expo Religião para ser repetida no domingo. A dança, entretanto, não aconteceu, pois a agenda para uso do espaço estava totalmente comprometida e os atrasos entre uma apresentação e outra acabou impedindo o encaixe da reapresentação da dança circular.



Imagem 12: Início e preparação do círculo para espiral. Quando participantes da Expo Religião estavam sendo convidados pela Ligia a integrarem a dança. (foto retirada pelo informante Marcos)

Esse rito público marca bastante o tipo de vivência comum aos wiccanos: a holística e emocional. É importante observar a carga emocional que é inerente a Wicca, Osório (2002) e Ribeiro (2003) já a mencionavam antes. As práticas wiccanas estão intimamente ligadas à emoção, as energias se manifestam através dela, da sensibilidade corpórea, provocando sentimentos e sensações nunca antes experimentadas. Esse é um motivo da visibilidade da Wicca. Assim como no caso da Nova Era (SOARES, 1989; CARVALHO, 1994; MAGNANI, 1999 & AMARAL, 2000), a carga emocional, subjetiva – aqui identificada como parte inerente ao primado da autonomia – está intimamente ligada à capacidade de atração da Wicca. Contudo, nem sempre a Wicca é o último estágio da errância nova era, em termos de oferecer um pouso aos peregrinos.

Muitas vezes a carga emocional liberada pela Wicca desencadeia uma errância mais profunda, que leva alguns adeptos a uma pertença mais firmada em relação à flexibilidade wiccana, conduzindo-os ao ocultismo, às ordens iniciáticas e a religiões de base xamânica que utilizam bebidas ou ervas psicoativas como desencadeadoras da conexão emocional com o sagrado – como o Santo Daime, por exemplo (RIBEIRO, 2003). Observei que, por outro lado, assim como constatou Ribeiro (2003), simpatizantes e adeptos oriundos dessas confissões mais “fixas” buscam a Wicca por sua autonomia e errância típicas, muitas vezes conciliando ambas as pertenças. Foi o caso de duas pessoas com quem conversei na Expo Religião. Uma delas participava de grupos xamânicos e do Sagrado Masculino, era Umbandista e Wiccano. O outro era simpatizante, thelemita³³ de confissão, mas ambos buscavam uma maior aproximação com um sagrado naturalizado e uma vivência mais holística.

Não há, portanto, como estabelecer uma vivência wiccana sem sua espiral. A Wicca condensa as mais diversas expressões religiosas em seu holismo autônomo, em uma dança invocadora de suas manifestações, símbolos e hábitos, fundindo-os em seu caldeirão central, em honra e adoração à Deusa. Dessa espiral participam principalmente as religiões e religiosidades do Complexo Alternativo. No entanto, nos cabe constatar que “a Wicca, assim como neo-esoterismo, é caracterizada como um movimento de classe média. Seus praticantes possuem, em geral, alto grau de escolaridade sendo a maioria mulheres” (RIBEIRO, 2003, p. 70). Seu público é o mesmo que se sente atraído pela rede Nova Era (SOARES, 1989;

³³ Thelema é uma religião baseada na lei thelemita desenvolvida por Aleister Crowley em 1900: “faze o que tu queres, há de ser tudo da Lei”, presente inclusive na música “Sociedade Alternativa” de Raul Seixas (1974), quem os thelemitas dizem ter sido um dos seus. Através dos rituais, estudos e práticas religiosas, eles buscam acessar a “verdadeira vontade”, que é a base para acessar o único dogma descrito acima, ou seja, através da “verdadeira vontade” ter a liberdade para se fazer o que se quiser. Segundo a crença, essa seria a Lei do Aeon (era) de Hórus, iniciado no século XX.

AMARAL, 1994 e 2000; CAROZZI, 1999), o que, segundo Soares (1989), se dá em virtude dos debates acerca da conscientização mundial: contra o machismo, racismo, intolerância religiosa e a favor da ecologia e da sacralização da terra. Um movimento de reencantamento, ou de busca pelo encantado, pelo emocional e místico (SOARES, 1989; CARVALHO, 1992 e 1994; AMARAL, 2000).

A respeito do consumo dos itens a venda nas lojas, Ribeiro (2003) ressalta que a dinâmica comercial faz parte da Wicca. Se a Wicca está inserida no contexto neo-esotérico, é de se esperar que, assim como na Nova Era, os bens de serviços e os materiais mágicos e energéticos sejam consumidos através da troca financeira. Assim, podemos justificar essa prática partindo da mesma constatação feita por Amaral (2000), quando ela analisa a *Mind Body and Spirit International Festival*, em Londres. Segundo ela, e apropriando o mesmo argumento para o caso wiccano,

o argumento central que [norteia] esta interpretação, parte do princípio de que a descanonização da relação entre lugar e essência que vem se apresentando com aspecto distintivo e central do estilo Nova Era de lidar com o sagrado, aliada à ideia de uma dispersão do sagrado – no caso uma reinterpretação espiritual-religiosa da ideia e do sentimento de fragmentação do mundo apresentada por uma teoria da moralidade pós-moderna – implica na criação de uma prática na qual as pessoas precisam da mercadoria para produzir significados espirituais e mesmo morais. Poderia dizer que, nesse caso, eliminar a mercadoria seria o mesmo que eliminar o espírito.

O consumo na Nova Era não [é] abordado, portanto, como um epifenômeno de mercantilização universal, promovida pela lógica do capitalismo e sua capacidade de transformar tudo em mercadoria, mas como um meio de expansão da própria cultura moral e espiritual Nova Era, porque o consumo corresponderia a uma exigência da lógica mesma dessa cultura espiritual. (AMARAL, 2000, p. 124)

Assim, para além da feira da Expo Religião, wiccanos consomem constantemente incensos, velas, cristais, óleos, poções, entre outros artigos usados em suas práticas e ritualísticas, tanto domésticas quanto coletivas. Pelo que conversei (com vendedores e com compradores), a maioria dos wiccanos compra absolutamente tudo o que precisam para seu feitiço da prática de magia ou para a execução de um ritual. Muitas vezes, compram e encomendam seus próprios feitiços – ainda que essa prática seja mais comum entre simpatizantes, clientes e curiosos. Até as ervas utilizadas nos banhos e defumadores são geralmente compradas (na maioria das vezes já em condição do uso específico). Essa relação rende, até então, um vantajoso mercado de consumo³⁴.

³⁴ Quando me refiro por “até então” exponho a questão da “crise” financeira em que se encontra o Brasil atualmente. Segundo os vendedores, por causa da crise estão tendo que vender quase a preço de custo e mesmo assim as vendas têm caído muito.

Uma religião acostumada com a vida urbana interage de uma maneira também moderna e capitalista para adquirir seus bens de consumo, materiais ou não. Assim, é comum o aparecimento de lojas, sobretudo online (e hoje, mais especificamente, no Facebook) com venda de produtos especializados e já preparados para uso. Fora isso, o consumo de consultas oraculares e terapias alternativas é crescente entre os wiccanos, mais uma vez os conduzindo até o circuito neo-esotérico.

Alguns sacerdotes e bruxos, principalmente mulheres, de acordo com minha análise, também trabalham como oraculistas, terapeutas holísticos ou bruxos, prestando serviços mágicos e terapêuticos às comunidades wiccana e novaerista. Esses tratamentos costumam custar de cem a trezentos reais em média, geralmente já inclusos os produtos utilizados no tratamento. Mas, alguns preferem o consumo autônomo, como de óleos para sedução, encantos de amor, velas da prosperidade, banhos de limpeza energética, poções de equilíbrio e cura, sabonetes e cosméticos à base de ervas específicas.

A maioria dos casos desse tipo de consumo, segundo os vendedores presentes na Expo Religião, se dá por parte do que eles chamaram de “comunidade mágica” (praticantes em geral de magia, wiccanos, pagãos em geral, ocultistas). Já o uso de consultas e tratamentos parece ser mais popular entre os não-wiccanos. Uma das vendedoras atribuiu essa relação ao fato de que todo wiccano é bruxo, então ele pode comprar um item que saberá usar corretamente, enquanto os demais geralmente precisam de uma orientação. É o complexo autonômico, o sincretismo e a subjetividade wiccanos mais uma vez se expressando no consumo de bens simbólicos e materiais.



Imagem 13: Clientes comprando mercadorias das lojas do estande da UWB. Nessa foto, vemos a família que me recebeu no Rio de Janeiro comprando novos objetos para seus altares em casa. (foto tirada pelo informante Marcos)

Na Expo Religião, nos horários em que estava presente no estande da UWB observei muitos wiccanos cumprimentando os vendedores, conversando no estande, olhando e perguntando sobre os produtos. Poucos realmente adquiriram alguma coisa, mas alguns chegavam ou retornavam ao estande com sacolas de produtos comprados em outras lojas, principalmente as de roupas africanas e hindus. Já os muitos curiosos que por lá passavam, realizavam uma minúcia nas lojas ali representadas, adquiriam alguns exemplares, principalmente as velas, banhos e óleos, e pediam orientações para seu uso. Em seguida, se dirigiam ao altar exposto, analisavam-no calmamente, liam os *banners* e então buscavam alguém para que o explicassem “o que é a Wicca”. Esse movimento se intensificou fortemente após a dança espiral.



Imagem 14: Visitantes no estande da UWB.

Um caso especial me chamou a atenção. Logo após a dança espiral, eu, ainda de porte da minha indumentária, recebi uma senhora bastante idosa – acompanhada por seu filho –, que relatou a beleza e a intensidade da espiral para ela. Ela havia chorado e lembrado de uma visão ou vislumbre que teve de sua vida passada há alguns anos, em um dia ensolarado, enquanto mergulhava na piscina. Disse então que estava sensibilizada e que queria conhecer mais e saber dos grupos nos quais ela pudesse participar, pois era isso o que ela havia buscado a vida inteira. Para ser mais coerente, tanto com a pesquisa quanto com a UWB, conduzi a mulher até o sacerdote Og Sperle, atual presidente da instituição e pedi para que ela conversasse com ele, para maiores respostas e indicações. Justifiquei meu não atendimento relatando que não morava

no Rio de Janeiro (RJ) e que não poderia indicá-la com o mesmo carinho que Sperle o faria. Eles conversaram por cerca de trinta minutos. Como estava muito movimentado o estande, não pude ouvir bem o que falavam, mas reparei muitos sorrisos e um brilho emocionado no olho daquela senhora. Após a conversa, ela entrou novamente no estande, comprou algumas velas, cosméticos e um banho de energização. Saiu do estande dizendo que voltaria no dia seguinte trazendo sua irmã, que também se interessaria muito. Não reparei no retorno da mulher no dia seguinte.

A atenção aqui se desloca para o exemplo de expansão e legitimação da Wicca pela emoção e pelo contato através de conversa. Por mais que essa senhora não faça parte do público, digamos, preferencial das práticas wiccanas, seu comentário foi recorrente na roda de debates a qual integrei no mesmo evento: “eu buscava algo assim a vida inteira”. É o que Soares (1989), Carvalho (1992 e 1994), Tavares (1998), Magnani (1999), Amaral (2000), Ribeiro (2003) e Negrão (2010) constatarem de formas diferentes, tendo o mesmo resultado: há uma nova consciência espiritual, ou uma nova forma de buscar a espiritualidade, mais mística e encantada, que se pauta pela experiência mística e emocional em contraponto com a racional/linear.

Essa busca conduz as pessoas às religiosidades tidas como alternativas, que pregam a libertação da consciência, o despertar espiritual, como o caso do Santo Daime, dos movimentos orientais, das práticas Nova Era e da Wicca. Muito disso perpassa pelo apelo ou defesa dos movimentos feministas e ecológicos, trazendo uma ressignificação da natureza e da mulher, que antes eram demonizados, e, agora, passam a ser divinizados. Por consequência, a magia sai do relento obscuro e demoníaco para se tornar uma prática sagrada e de iluminação espiritual (OSÓRIO, 2002 e SILVA, 2013). Isso justifica em grande parte a aderência majoritária de jovens, de classe média e classe média alta, com alto grau de escolaridade, e predominantemente mulheres à Wicca.

O primado da autonomia, a individualização, a privatização religiosa, a aderência às causas e debates sociais acerca da ecologia, racismo e feminismo estão na pauta que mais atrai a juventude escolarizada de nossa sociedade que busca a libertação dos padrões típicos da modernidade a partir dos próprios meios da modernidade (SOARES, 1989; CARVALHO, 1992; TAVARES, 1998; CAROZZI, 1999; MAGNANI, 1999; AMARAL 2000; OSÓRIO, 2002; RIBEIRO 2003; RUSSELL e ALEXANDER, 2008; NEGRÃO, 2010 e SILVA, 2013).

2.3. CÍRCULOS E COVENS: UM RITUAL LIMINAR E UMA ORGANIZAÇÃO EMOCIONAL

Se considerarmos a autonomia dos wiccanos descrita, pensaríamos em uma inexistência ou ineficácia de comunidades, grupos ou agrupamentos religiosos na Wicca. Mas isso seria precipitado e incorreto. Já citamos várias vezes os grupos wiccanos, apesar de ponderarmos constantemente o valor da prática solitárias para os praticantes cariocas. Então, como funcionam esses grupos?

A Wicca tem uma forma flexível de se organizar, autônoma. Inicialmente, existem os *covens* (grupo de até treze membros que compartilham estudos e práticas rituais fisicamente), que consistem em uma união iniciática, mais enrijecida, com formação de um clero especializado. Atualmente, vemos a formação de grupos, clãs e escolas, ou mesmo agrupamentos, muito mais flexíveis, autônomos e, às vezes, temporários. Não que os *covens* tenham deixado de existir, mas talvez eles tenham deixado de ser predominantes.

A formação de uma escola wiccana talvez se vincule mais diretamente com o caráter de propagação sob a forma de seminários adquirido no Brasil desde a década passada, com a formação de workshops, palestras, e com as vivências – o que muito lembra o modelo novaerista de difusão de conhecimento e práticas. Já os grupos nascem com a finalidade de reunir estudiosos (mesmo que diferentes ou conflitantes) para compartilhar experiências e se aprofundar no estudo e prática da religião. Os clãs são uma forma levemente mais rígida no que diz respeito à tentativa de firmar pertença do adepto a algum grupo, mas ainda sim bem distante da formação de um *coven*. Por fim, os agrupamentos, facilitados pela internet, podem ser desde encontros periódicos (como o Encontro Social Pagão e o recente Encontro Regional de Bruxos) até agrupamentos de pessoas solitárias em épocas ou ocasiões específicas. Os agrupamentos possuem um extremo índice de autonomia e de transitoriedade.

É interessante que essas formações vão além o mundo físico e se reproduzem também no virtual. Ribeiro (2003) e Osório (2005) já apontavam para essa característica na Wicca brasileira: o uso intenso das redes virtuais como meio de contato e formação de grupos. Hoje o que vemos é uma intensa imersão na internet com formação de agrupamentos virtuais, de grupos de estudos e até práticas que usam Facebook, Skype, Hangout e outros como ferramentas de reuniões e difusão de seus conhecimentos e práticas. Essa estrutura só é possível graças ao alto índice de autonomia, individualidade e subjetividade que esses grupos possuem. Por mais que haja uma prática compartilhada e recomendada ao grupo todo, sua atuação é pessoal, individual, subjetiva, privada e autônoma. Ou seja, cabe ao indivíduo aprender e estudar a

prática relacionada e aplicá-la individual e autonomamente – de acordo com as poucas (às vezes nenhuma) restrições e recomendações do grupo de que participa. As escolas muitas vezes oferecem aulas virtuais e vídeo aulas. Canais no Youtube e similares são como agrupamentos e pessoas individuais compartilham suas experiências e vivências em aulas, cursos, palestras, workshops, rodas de conversas, grupos de discussões, comunidades físicas e, principalmente, virtuais.

Essas estruturas nos remetem diretamente ao conceito de “comunidades emocionais” de Danièle Hervieu-Léger (1997), que podem ser definidas como

uma formação em torno de "grupos voluntários", marcados por um "compromisso pessoal" e uma adesão de tipo "afetiva". Esses "reagrupamentos flexíveis" em forma de "redes" permitem a seus membros ficar em contato com essas comunidades, sem, contudo, estabelecer "nenhum laço permanente formal". (CAMURÇA, 2010, p. 74).

Para a autora (1997), o surto emocional que vivemos na atualidade é, ao mesmo tempo, uma “volta ao passado” emocional e encantado e uma adaptação das religiões ao mundo moderno, individualizado, secularizado. A Wicca vem se mostrando uma religião perfeitamente ambientada à nossa atualidade e ao movimento Nova Era, como surto de reencantamento. Seria correto novamente encaixá-la nesses termos.

Outro ponto é que, segundo Hervieu-Léger (1997), as comunidades emocionais dão muito mais peso à emoção, e desconfiam explícita ou implicitamente da “formalização doutrinal e teológica das convicções partilhadas em grupo” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 33).

De modo que

esta repulsa de uma “religião intelectual” não traduz somente a desconfiança de qualquer grupo autorregulado para com os “especialistas”: ela corresponde à convicção de que a intelectualização das crenças é inútil, contrária até a finalidade da comunidade, porque pode quebrar a singularidade dos percursos pessoais que se exprimem nela. Este primado conferido à experiência dos participantes sobre qualquer conformidade comunitária objetivamente controlada explica a porosidade de fronteiras das comunidades emocionais. Nestes grupos entra-se com facilidade, mas deles também se sai facilmente. (idem, p. 33-34).

Talvez isso explique a razão pela qual todas as tentativas de institucionalização da Wicca no Brasil falharam, como demonstra Osório (2005). Hoje as associações existentes falam em representação, mas não mais tentam (ou evitam) regulamentar e expressar bulas a respeito da religião – como é o caso da União Wicca do Brasil, estudada nesse trabalho. As teorizações que se vêem estão relacionadas aos livros publicados e às aulas teóricas e práticas ministradas física e virtualmente. Da mesma forma, relacionam-se aos conteúdos das palestras e workshops. Contudo, ao contrário do que pode parecer, esses são muito mais vivenciais e difundidos como

inspiradores de experiências pessoais e subjetivas do que como componentes de uma mística e estudo especializado e doutrinário.

Acreditamos ser esse o ponto: emoção. A transcendência é única em cada um, ela desperta emoções e sentimentos subjetivos que ao serem compartilhados igualmente afetam a outrem, e se tornam vivências a serem compartilhadas também emocionalmente nos estudos em grupo (virtuais ou físicos). Esse “efeito formiguinha” poderia ser considerado a forma de atuar no mundo após a transcendência, o conectar-se com o mundo também sagrado, difundindo sua sacralidade no mundo antes desencantado. O reencantamento passaria necessariamente pelo primado da autonomia e pela emoção subjetiva.

Desse modo,

todas as comunidades emocionais dão um peso particular ao engajamento do corpo na oração, à manifestação física da proximidade comunitária e da intensidade afetiva das relações entre os membros (beijam-se, abraçam-se, tomam-se pela mão, pelo ombro, etc.) A procura estética e ecológica de um ambiente favorável à convergência emocional dos participantes é também valorizada, bem como, de modo geral, a atenção dada a todas as formas não verbais da expressão religiosa. (HERVIER-LÉGER, 1997: 33).

Aqui entramos num importante campo wiccano, a ritualística. A Wicca em geral possui um arcabouço ritualístico muito específico, como já descrito no item anterior: a traçagem de um Círculo Mágico sacralizando o espaço ritualístico; o apelo emocional e subjetivo – ao mesmo tempo que coletivo – de suas práticas intrarritualísticas; a tentativa de harmonização e transcendência como foco ritual e o uso de uma libação cerimonial. Muitos elementos podem mudar de prática para prática, de grupo para grupo, de pessoa para pessoa. Os rituais também possuem uma carga autônoma muito grande e a vivência se torna mais importante do que a ritualização de seu ato em si.

Contudo, “no caso específico dos rituais da Nova Era [Wicca, no nosso caso], sobressai um *esforço para o ‘indivíduo’ entrar em sintonia com a essência de todos os seres, coisas e forças.*” (AMARAL, 1994, p. 38, grifo da autora). Esse pode ser considerado um fator geral a todos os rituais e vivências wiccana. Estar e entrar em sintonia com a Deusa, com a totalidade: uma sintonia holística que é sempre a meta a se alcançar nos rituais e a se extrapolar em relação a ele, é algo para ser vivido e vivenciado a todo o momento. A normatividade ritual, portanto, é flexibilizada desde que se chegue à essência daquilo que se busca, os métodos ritualísticos específicos se tornam, então, relativos.

Quanto ao ritual formalizado – geralmente praticado em grupos, clãs e *covens* –, há que se constatar sua característica de liminaridade (TURNER, 2013). Se a Nova Era, as comunidades emocionais e, por consequência, a Wicca podem ser consideradas uma

contracultura, ou uma contramodernidade, um processo de reencantamento do mundo desencantado (AMARAL, 1994; HERVIEU-LÉGER, 1997 e CAROZZI, 1999), não é difícil pensar que ela também apresenta uma característica de liminaridade em seus rituais.

Enquanto suas vivências visam produzir uma “*communitas* espontânea” (TURNER, 2013, p. 127-128, grifo do autor), seus rituais formais parecem construir uma “*communitas* normativa” (idem, grifo do autor), e suas associações, grupos, agrupamentos, ao partirem do primado da experiência, no que tange a transcendentalização do indivíduo e a sacralização do mundo, levam-nos a uma “*communitas* ideológica” (idem, grifo do autor).

Assim, diz-se que

essencialmente, a *communitas* consiste em uma relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Estes indivíduos não estão segmentados em função e posições sociais, porém defrontam-se uns com os outros mais propriamente à maneira do “Eu e Tu”, de Martin Buber. Juntamente com esse confronto direto, imediato e total de identidades humanas, existe a tendência a ocorrer um modelo de sociedade como uma *communitas* homogênea e não estruturada, cujas fronteiras coincidem idealmente com as da espécie humana. (TURNER, 2013, p. 128, grifo do autor).

O que reparamos é que o primado da autonomia, aliado às práticas religiosas e à busca pela transcendência individual e coletiva nos leva à *communitas* de Victor Turner. Para o autor, a *communitas* espontânea – de nível vivencial e pura – levaria à criação de uma *communitas* ideológica, na medida em que a primeira criaria a utopia de um mundo ideal. Essa é a ideia inicial encontrada aqui: de que, ao transcendentalizarmos e nos conectarmos com o divino e com o sagrado que há (que é) no mundo, poderemos criar um mundo melhor, inaugurar uma Nova Era na humanidade. Desse modo, no caso wiccano, poderíamos voltar a Era de Ouro e viver em constante comunhão com a Deusa. Não seria essa uma pretensão (*communitas*) ideológica criada a partir de uma vivência (*communitas*) espontânea – ou, como também sugere Turner, existencial?

A *communitas* normativa é aquela

na qual, sob a influência do tempo, na necessidade de mobilizar e organizar recursos e da exigência de controle social entre os membros do grupo na consecução dessas finalidades, a *communitas* existencial [espontânea] passa a organizar-se em um sistema social duradouro. (idem, grifo do autor).

Não seria essa a função de um ritual formalizado? Organizar os recursos (os bens simbólicos) sobre a exigência da atuação de um clero mais ou menos bem estruturado na expectativa de que a *communitas* espontânea possa perpetuar-se em um sistema duradouro? Se pensarmos mais a fundo, alguns grupos – se não todos –, principalmente os *covens*, enquadram-se perfeitamente

nesse conceito. Mas, dado o primado da autonomia constitutivo do movimento wiccano no Brasil atualmente, sua tentativa não se mantém sempre com membros perenes e fixos.

Contudo, os rituais formalizados exigem, em sua maioria, um corpo clerical, geralmente formado por um sacerdote e uma sacerdotisa, que administram os bens simbólicos a serem repartidos naquele momento, na tentativa de perpetuar a comunhão e a vivência do sagrado, da transcendência, e, portanto, na expectativa de dar durabilidade à *communitas*.

O Círculo Mágico traçado delimita mais do que um espaço sagrado em relação a um espaço profano, afinal tudo faz parte da Deusa e assim tudo é sagrado. Ele demarca uma situação de liminaridade. Ao enunciar “estamos em um tempo que não é mais tempo, em um lugar que não é mais lugar”, logo após a traçagem do Círculo, o sacerdote (ou sacerdotisa) claramente afirma uma situação de liminaridade, de antiestrutura e, portanto, de *communitas*. Ali, dentro do Círculo, as diferenças sociais que marcam as pessoas fora daquele contexto deixam de existir e todos se tornam iguais, irmãos. Todos se tornam partes integrantes da Deusa e expressão de seu sagrado no mundo, encontram-se em *communitas*.

Entretanto, “a *communitas* ideológica e a normativa já se situam ambas dentro do domínio, da estrutura” (TURNER, 2013, p. 128, grifo do autor), de maneira que claramente os rituais são, como dissemos, formalizados; ou seja, possuem suas normas, condutas e estrutura. Mas visam recriar ou intensificar uma situação vivencial e espontânea que se encontra na base do destino espiritual almejado pelos wiccanos. Já a ideológica, sempre acaba esbarrando nas associações, nas representações e, portanto, são igualmente estruturadas.

Todavia, Turner também salienta que “é o destino de toda *communitas espontânea* na história sofrer aquilo que muitas pessoas consideram um ‘declínio e queda’ na estrutura e na lei” (idem, grifo do autor). Dessa maneira, apesar de toda idealização, sempre se perderia a *communitas* no processo histórico. Isso nos leva a dois pensamentos no caso wiccano. O primeiro diz respeito ao aspecto ritualístico e vivencial. Esse fato explicaria a necessidade da constante vivência e da constante transcendentalização, assim como articularia a importância dos rituais e das vivências em grupo: elas retomariam (ou visariam retomar) a *communitas* inicial – talvez alcançar a *communitas* num caso primeiro. O segundo tange o processo institucionalizador e, atualmente, representativo. Não seria esse processo um indicativo de queda e declínio da *communitas*? E nesse sentido não seriam essa queda e declínio um processo secularizador? Para Turner, no entanto, esse é um processo natural da dinâmica entre *communitas* e estrutura. Ou seja, uma dinâmica de equilíbrio, na qual a *communitas* e a estrutura (o processo secularizador) sempre se encontrarão em um compasso como o de um pêndulo, em uma transição constante, um “vai e volta”. A estrutura leva à busca emocional pela *communitas*,

e essa, em sua naturalidade, torna a se reestruturar. Nesse caso, a Wicca estaria perfeitamente descrita como modelo desse processo.

O importante aqui é perceber que esses dois conceitos, aparentemente tão diferentes podem ser aplicados simultaneamente ao caso wiccano sem que isso nos redunde em arbitrariedade ou leviandade. O primeiro, as comunidades emocionais, explica o modelo de atuação religiosa e social wiccana, entrelaçado fortemente com a Nova Era. Esse conceito, em sua finalidade espiritual, se articula com o conceito de *communitas* de maneira a sedimentá-lo ou a dar subsídio para sua existência na prática religiosa wiccana. Dessa forma, esse segundo explica as vivências, as práticas, os rituais, a ideologia wiccana e sua necessidade de constante vivência (coletiva e individual) e reativação. Ambos os conceitos exercem uma dinâmica específica de “ida e vinda”. O primeiro marca as comunidades e agrupamentos centrados no compartilhamento emocional dos aprendizados e das vivências. Essa relação sedimenta grupos ou cria representatividades políticas e sociais, que são novamente flexionadas pela questão emocional implicada, formando um eterno *loop*. Já o segundo descreve um movimento entre a união e transcendência vivenciada na *communitas*, que leva, por sua vez, a um processo estruturador religioso, à formação de grupos ou sacerdotes, um clero específico. Essa ação é também flexionada pelo primado da autonomia levando a formação de novas *communitas*.

É, portanto, a estruturação da própria religiosidade wiccana que permite a vivência desses *loops* com tanta naturalidade. Esse processo faz parte do que a Wicca é: uma religião moderna inserida na Nova Era; enquanto também se mostra como um nó nessa grande rede, articulada como uma contracultura a sociedade secularizada – ainda que encantada (NEGRÃO, 2010). Ao mesmo tempo seculariza-se para existir harmonicamente a essa mesma sociedade. Talvez seja essa a origem das tantas polêmicas internas a essa religião e, igualmente, seu atrativo.

Capítulo 3:

O MOVIMENTO PENDULAR E AS POROSIDADES DO CAMPO

Pautamos em Sanchis (1995) ao afirmar que o campo religioso brasileiro é difuso, no sentido de que ele não se cristaliza, e constatamos também que ele se privatiza, está reordenado a partir de uma diversidade que permite a criação do novo e também possibilita ao tradicional sair das margens sociais (Steil, 2000). Está nele a busca de um holismo, ainda que individualizada. E, se falamos em busca, por que não dizer que nosso atual campo religioso se constitui como um campo de busca: a contínua procura pela religião a ser conquistada, não mais herdada ou aprendida (Carvalho, 1992)?

Nesse ponto, Camurça (2009) aponta para um percurso histórico na composição do campo religioso brasileiro, que não se cristaliza cronologicamente, mas é fluído em sua constituição, como salienta Sanchis (1997).

Para Camurça (2009), podemos entender o percurso do campo religioso brasileiro, inicialmente, por uma fase de múltiplo pertencimento religioso, sob a dominação de uma matriz religiosa tradicional: o Catolicismo, desenraizado de seu *topos* europeu (ao lado das religiosidades africanas e indígenas, dominadas por ele). Essa fase é marcada por um sincretismo dominado pela matriz religiosa, mas que permitia duplas ou múltiplas pertenças, de forma que o brasileiro reza ao mesmo tempo para o santo e para o orixá, onde “não se peca por excesso” (BIRMAN *apud* CAMURÇA, 2009, p. 177).

Em seguida, o autor se dirige à modernidade, ou a escolha com exclusividade, quando as religiões começam a marcar seu espaço e a se diferenciarem, buscando a única pertença e criando um sistema de distinção e competição entre elas. Esse é o momento do pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil, marcada sobretudo pela “guerra dos pentecostais contra o afro-brasileiro” (SOARES *apud* CAMURÇA, 2009, p. 178).

Por fim, Camurça nos chama a atenção para a última fase, que Sanchis (1997) chama de pós-modernidade: uma continuidade sob rupturas. Aqui o trânsito e a religiosidade difusa marcam momento, no qual as instituições mantêm sua continuidade na busca pela afirmação identitária, mas seus adeptos se constituem na lógica do trânsito e do sincretismo holístico. Assim,

no Brasil do novo milênio, a ideia moderna de que o indivíduo por seu livre-arbítrio escolhe e opta por uma religião dentre outras conjuga-se agora com a capacidade múltipla desse mesmo indivíduo de combinar aleatoriamente – a partir das aspirações do seu *self* – dimensões as mais díspares, mas que

adquirem *sentido* na síntese, mais uma vez, *sincrética*, que se faz no seu interior. (CAMURÇA, 2009, p. 182 – grifo do autor).

Esses três estágios do nosso campo religioso são, de acordo com Sanchis (1997), fluídos temporalmente. O autor diz – ao analisar a constituição religiosa do que ele chama de pré-modernidade (respectiva à nossa época colonial) – que tivemos aqui “nem unidade, nem pluralidade pura, mas ‘pluralismo’, sob forma de um sincretismo que ‘*ad-vem*’” (SANCHIS, 1995, p. 103 – grifo meu). Desse modo, podemos dizer que, ainda hoje, esse sincretismo que *ad-vem* está presente no campo religioso brasileiro. Apesar o Brasil atualmente também ser um exportador de religiões, a Wicca se mostra, nacionalmente, muito similar à descrição da incorporação católica na época colonial no país.

Cabe ressaltar que, diferentemente do catolicismo europeu introduzido de forma desenraizada no Brasil na época colonial, a Wicca, apesar de também chegar desenraizada do seu contexto europeu no país, não exerce uma influência impositiva e dominadora, como desempenhava a Igreja Católica. Pelo contrário, Ribeiro (2003) aponta para seu caráter não-proselitista. Contudo, a Wicca, como uma religião universal (PIERUCCI, 2011), estabelece, de modo semelhante, um processo sincrético desenraizado no cenário do campo religioso que ela encontra no Brasil.

Esse processo mais eclético do que sincrético a que me refiro pode ser definido pela frequência da Wicca em vários espaços nacionalmente e por sua adesão, tanto política, quanto religiosa, a outras instituições e credos, como, principalmente, as religiões indígenas e de matrizes africanas (Ribeiro, 2003). Todavia, é mais uma apropriação sincrética, um empréstimo (talvez não consensual), do que uma filiação, realizada pela Wicca nacional. Aqui, wiccanos também pertencem e frequentam terreiros de Umbanda, Centros Kardecistas, movimentos xamânicos, Santo Daime, entre outros. Desses universos religiosos eles também apropriam bens simbólicos (Bourdieu, 1986) que são levados até suas práticas, individuais ou em grupos.

Talvez isso seja possível porque a Wicca, de acordo com Russell e Alexander (2008), foi criada de maneira sincrética por seu fundador, Gerald Gardner, que (membro da Golden Dawn, da Rosa Cruz, da OTO e de outras ordens místicas) sintetizou de maneira eclética e sincrética os conhecimentos místicos e mágicos dessas Ordens com os textos e produções da época a respeito do que faziam e de quem eram as bruxas da Idade Média. Trouxe, então, um conteúdo sigiloso e iniciático para uma dimensão aberta e social.

Esse fenômeno, aliado à mídia, permitiu a positivação ou *ressemantização* da imagem da bruxa na nossa sociedade – um processo ainda em andamento e muito mais complexo do

que aparenta –, o que possibilitou, por fim, a expansão da Wicca, principalmente a partir do proselitismo não-intencional da mídia em seus filmes e seriados (Silva, 2012).

Pierucci (2011) descreve uma desenraização das práticas religiosas contemporâneas no Brasil, cujo exemplo é o Candomblé sem etnicidade, ou seja, que perde ou se abdica de sua composição étnica, como religião negra e africana para também ser uma religião branca, sincrética e de várias etnias. De certa forma, é isso que a Wicca demonstra no Brasil: uma religião europeia, que tem sua base e formações mitológicas principalmente celtas e greco-romanas, que chega ao Brasil, insere-se eclética e sincreticamente no nosso campo religioso, desenraiza-se, e, hoje, busca se fixar (criar o que chamamos aqui de representatividade).

De maneira clara, tudo isso é permitido à Wicca por ser, em sua criação, uma religião eclética e sincrética (RUSSEL e ALEXANDER, 2008), por participar, de maneira intencional, do processo de privatização religiosa (STEIL, 2000) e por ser uma religião de trânsito (STEIL, 2000 e RIBEIRO, 2003), em nível de uma religião de busca (CARVALHO, 1992), no sentido de ser o foco, o resultado dessa busca. É uma religião holística, mas também individualizada, nos termos de Pierucci (2011). Todavia, segundo Hervieu-Léger (1997) e Amaral (2000), esse movimento – assim como é o movimento Nova Era – não seria pós-moderno, mas uma reação moderna à própria modernidade, uma contracultura própria dos processos de identificação e subjetivação que a modernidade trouxe. É por esse caminho que seguimos. Por mais holística que a Wicca seja, há nela um pertencimento firmado e um credo básico, que permite sua autonomia, mas não deixa de ser também fator identitário.

A Wicca, portanto, está completamente ambientada e adaptada ao Campo Religioso Brasileiro contemporâneo. Se analisarmos sua composição nacional, veremos uma perfeita adequação ao cenário religioso local. Ela se insere nos circuitos religiosos, principalmente o neo-esotérico, como uma religião de trânsito e de busca. Procura se fixar como uma religião “institucionalizada” modernamente, enquanto seus adeptos usam de sua constituição privatizada e holística para se afirmarem e para usufruírem do sincretismo e dos empréstimos ecléticos que a Wicca permite. Ela também se mostra uma religião desenraizada que se insere sincrética e ecleticamente no Brasil, em consonância com a pluralidade e com a múltipla pertença do nosso campo religioso. Uma religião sincrética, eclética e encantada, perfeitamente ambientada em um campo sincrético, eclético e encantado (NEGRÃO, 2010).

Contudo ela não é só pacificidade. Há na Wicca – como talvez em todas as religiões do nosso campo religioso – bastante disputa, tanto interna (atualmente entre a ABraWicca e a UWB, mesmo que de forma velada), quanto externa, principalmente com as religiões evangélicas – ainda que não tão intenso quanto entre as religiões evangélicas e as de matrizes

africanas. Essas disputas dão aparente força ao processo representativo encabeçado pela UWB e se tornam visíveis nas celebrações do Dia do Orgulho Pagão³⁵ e, principalmente, na Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa do Rio de Janeiro – RJ³⁶.

Essas porosidades caracterizam ainda mais a Wicca como uma religião inserida e adaptada ao Campo Religioso Brasileiro contemporâneo, o que explica em grande parte sua rápida expansão e adesão por membros de classe média e classe média alta, principalmente, por jovens mais escolarizados (OSÓRIO, 2005). O que trabalharemos no presente capítulo, portanto, são algumas das porosidades encontradas na pesquisa.

3.1. A UNIÃO WICCA DO BRASIL: A POLÊMICA DA REPRESENTATIVIDADE

Criada em julho de 2004 no Rio de Janeiro, a União Wicca do Brasil é uma associação sem fins lucrativos que visa a representar politicamente a comunidade wiccana e pagã como um todo. Segundo o sacerdote Og Sperle, seu atual presidente, o projeto tem como objetivo unir a comunidade wiccana e pagã em sua diversidade de maneira a divulgar corretamente as religiões pagãs e mediar os conflitos e disputas inerentes ao campo.

Desde sua criação, a UWB tem passado por polêmicos episódios junto a outros grupos e associações, mais especificamente junto à ABraWicca (Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca) e ao aqui chamado Cristiano, ex-presidente da ABraWicca. Em 2014, no Facebook se observou uma campanha intitulada “A UWB não me representa”. Viralizada na internet com o apoio de Cristiano, a campanha questionava a legitimidade da UWB ao ter dado voz a um possível falso wiccano que teve seu pedido negado a participar de grupos wiccanos no Brasil e em Portugal. Em justificativa, a entidade negou ter conhecimento completo das sabotagens que o “falso wiccano” teria realizado em perfis falsos pelo Facebook,

³⁵ Dia do Orgulho Pagão é um projeto internacional, que reúne wiccanos e outros grupos pagãos em torno da divulgação do que é paganismo e bruxaria, na tentativa de quebrar tabus e estabelecer uma convivência pacífica. Nesse dia, as cidades que o organizam, realizam feiras e atividades relacionadas ao paganismo, geralmente em praças públicas e gratuitamente. No Brasil treze cidades fazem parte desse projeto, nove capitais: Rio de Janeiro – RJ, São Paulo – SP, Porto Alegre – RS, Recife – PE, Brasília – DF, Manaus – AM, Fortaleza – CE, Curitiba – PR e Palmas – TO; e quatro cidades: Livramento – RS, Botucatu – SP, Foz do Iguaçu – PR e Barra de São João – RJ. (BEZERRA, 2012)

³⁶ Em 2015 teve sua oitava edição. É uma caminhada encabeçada pelas lideranças das religiosidades afro, organizada junto ao Centro de Articulações de Populações Marginalizadas (CEAP) do Rio de Janeiro (RJ). Ela reivindica o direito à liberdade religiosa e exige seu respeito e cumprimento pela população e pelas autoridades. A UWB tem participado desse movimento como apoiadora e incentivadora. Em 2015, cerca de 30 wiccanos da UWB participaram da caminhada. No contexto wiccano, ela se assemelha muito às caminhadas do Orgulho Pagão realizadas nos Estados Unidos. (Sperle)

que difamaram os grupos por onde ele tinha passado e afirmou sua intenção de representar e “abrigar” todo pagão e wiccano que recorresse a ela.

Esse é um projeto e uma fala muito comum de Sperle, que em 2015 me disse:

Nosso projeto não é pleitear melhorias pra nossa comunidade só não. A gente luta junto ao governo por uma conquista de todos os wiccanos e pagãos, não só aqueles que fazem parte da UWB. Nós não dividimos ou segregamos a comunidade, e mesmo os que se opõem a nós se beneficiam de nossas conquistas.

O que essa frase nos mostra é que ainda há resquícios da polêmica iniciada em 2014, há aqueles que não se sentem representados pela UWB. Mais ainda, aponta um caminho típico da UWB, o político. Acompanhei o envolvimento da instituição (através das participações de Og Sperle) em reuniões e associações políticas do Rio de Janeiro, principalmente nas relacionadas à promoção da liberdade religiosa e de movimentos ecumênicos. As conquistas a que o sacerdote se referia passam pela promoção do credo wiccano e da elaboração de parcerias políticas e representativas, promovendo visibilidade à seriedade da Wicca enquanto religião.



Imagem 15: Participação da UWB junto a outras associações e autoridades religiosas na Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa (Alerj) em 21/01/2015, com intuito de criar um grupo de trabalho para acompanhar os casos de violência e de propor políticas pública. Og Sperle é o primeiro da direita. (imagem retirada da página pública da UWB no Facebook).

Esse movimento de representação em uma religião autonômica, privatizada e subjetiva gera oposições. A primeira delas é originária da ABraWicca, que foi a primeira associação do gênero no país. Também causou polêmicas, como aponta Osório (2005), o fato de que a ABraWicca teria tentado delimitar o que é ou não Wicca a partir de sua definição. Entre os entrevistados a esse respeito, o que se percebeu é um ressentimento a esse momento e uma desconfiança crescente das instituições representativas que encontram-se disponíveis. Hoje o site da ABraWicca não elenca Cristiano como seu ex-presidente, uma vez que ele foi e ainda é protagonista de muitos desses embates.

Essa disputa de liderança parece ter se iniciado no confronto entre ABraWicca e Márcia Frazão, nesse sentido,

a disputa sobre o que a bruxaria moderna é ou deveria ser levou a Abra-Wicca, como saída para a crise, a indicar que, se Frazão é bruxa, não é wiccana. Essa estratégia não retira da autora seu status de conhecedora dos procedimentos mágicos, mas a retira do grupo dos wiccanos, o qual a instituição pretende representar. O movimento é fazer com que Frazão não pertença mais ao grupo da wicca especificamente, mãos ao grupo da bruxaria e da magia em geral. Desse modo, delimita-se o grupo apenas por meio da Abra-Wicca que define o que pode ser considerado wicca ou não (OSÓRIO, 2005, p. 133).

Márcia Frazão é bruxa e escritora brasileira, se considera wiccana e traduziu alguns livros, como o *A Arte: o Livro das Sombras de uma Bruxa*, da norteamericana Dorothy Morrison. Por muitos anos e ainda hoje, Frazão encontra-se distante da mídia. Atualmente oferta cursos de culinária mágica em Nova Friburgo (RJ).

Contudo, esse movimento segregador encabeçado pela ABraWicca não tardou em ser contestado. Wiccanos em geral partem de uma simbiose com o movimento Nova Era, e, como tal, também o fazem do primado de autonomia, e de uma privatização religiosa. Definir o que é ou não Wicca não foi visto com bons olhos pela comunidade geral. Teria sido esse o motivo inicial da criação da UWB, segundo Sperle: unir a comunidade àqueles de outras denominações que não a wiccana. Assim, na camisa com o *slogan* de 2014 da UWB podia-se ver a pretendida representação das várias tradições abarcadas no movimento pagão como um todo (Wicca, Ásatrú, Druidismo, Bruxaria e Xamanismo). Nele, lia-se “Nós somos pagãos”. A letra “o” de “nós” era um pentagrama contendo as cinco tradições listadas acima como acentos a essa palavra.

A desconfiança gerada pelo primeiro contato institucionalizador com a ABraWicca deixou sequelas na comunidade wiccana. Hoje a ABraWicca é pouco referenciada em conversas entre os wiccanos, apesar de suas lideranças serem constantemente citadas – como Mavesper, atual presidente da entidade. Mas essa desconfiança também é direcionada à UWB.

Muitas pessoas que participam dos eventos da UWB não são associados, mas seguidores de associados ou de participantes dos eventos. Em conversa com uma pessoa no I Seminário sobre Paganismo da UWB, em 2015, pude ouvir a seguinte resposta:

Não sou filiado sabe, nem minha sacerdotisa é. Mas a gente apoia muito o trabalho de divulgação e conscientização que eles fazem. A gente só não precisa de uma entidade dizendo o que somos ou deixamos de ser. Acho que são os Deuses que nos revelam isso, né?! (Gabriel)

Essa frase se junta a de Ligia Amaral Lima no mesmo seminário em 2015, trabalhada anteriormente: “nós não somos os escolhidos, somos os autointitulados. E assim podemos ser o que quisermos em perfeito amor e confiança, pois a Deusa e o Deus nos permitem”. Essa emblemática fala foi pronunciada por uma bruxa fortemente apoiadora e filiada a UWB, mas como uma crítica ao que a sacerdotisa se referiu como “guerra de egos” no paganismo.

Isso não só reflete um medo da perda da autonomia no processo institucionalizador, como também aponta para o eterno dilema da representação. Ser representado por alguém pode resultar em perda da subjetividade e da privatização, e isso pode gerar um colapso no principal atrativo da religiosidade wiccana. Contudo, Sperle salienta que é importante esse caminho para alcançar vitórias políticas e sociais no reconhecimento religioso e no combate a intolerância e ignorância a respeito da Wicca. Mas quando perguntado se a UWB exerce um movimento de institucionalização da Wicca sua resposta foi objetiva:

Não! Não queremos institucionalizar nada. Não estamos aqui para dizer quem é ou deixa de ser wiccano. Não é essa a questão. Estamos aqui para representar política, social e juridicamente a Wicca frente ao Estado do Rio de Janeiro e ao Estado Brasileiro. Estamos aqui para lutar pelo direito religioso dos wiccanos e reduzir o preconceito e desconhecimento a respeito da nossa religião. Não somos uma instituição, mas uma associação, e o que fazemos, fazemos para toda a comunidade pagã, inclusive em prol daqueles que nos recriminam. (Sperle)

As palavras “instituição” e “institucionalização” ficaram estigmatizadas. Em seu lugar surgiu o ideal da representação, que, mais flexível, não visa a produzir bulas comportamentais ou classificatórias, mas meramente a atuar com agendas políticas, sociais e jurídicas. A ideia é tirar a Wicca das sombras, para requisitar espaço social e, principalmente, para gerar conscientização de que não há demônio nela, pois não é uma religião cristã, e para corrigir os romantismos clássicos que são reproduzidos na internet e em filmes, seriados e livros a respeito da bruxaria.

Encontrei ainda outra distinção no interior do campo, quanto às motivações para se aderir à wicca: de um lado, estão aqueles que procuram um

conhecimento profundo sobre as origens, crenças e rituais wiccanos; de outro, os praticantes que utilizam a wicca para fins puramente imediatistas, enfatizando mais a prática mágica do que a experiência religiosa. Esses últimos são chamados pelos primeiros de *pink-wicca*. O termo é pejorativo, sendo utilizado por uma parcela dos praticantes como uma forma de manifestação crítica com relação a um tipo de adesão a wicca, tida como superficial. (RIBEIRO, 2003, p. 12-13, grifo da autora)

É a esse grupo, mais especificamente, que a representação da UWB parece querer combater. Mas, diferente da ABraWicca, a UWB não define claramente o que é ou não wiccano ou pagão. Sua bandeira é a de que as pessoas devem estudar com profundidade e seriedade a respeito da Wicca, e buscar mestres e guias físicos e pessoais que possam orientar os novatos quanto às “inverdades” presentes na internet. Na visão de Sperle, a leitura de livros e manuais wiccanos por si só não deveria servir de base para uma iniciação na Wicca. Isso foi enfatizado nos dois seminários de que participei, em 2015 e 2016 e, mais destacadamente, em 2016 quando Sperle disse que a UWB não encoraja a auto-iniciação.

A iniciação é um processo sério, uma dedicação ao sacerdócio. Não deve ser vista como uma escolha fácil. Muitos livros oferecem rituais de iniciação em sua descrição e o que acontece muito é que as pessoas leem o livro e no final já se iniciam. Não houve um estudo profundo, um conhecimento prático do que é a Wicca, do que ela prega ou faz. E isso a UWB não estimula, somos contra a auto-iniciação. Se você tem interesse, pode procurar pessoas de respaldo na tradição que busca, aprender e então decidir por se iniciar ou não, junto com um sacerdote responsável. Nós tentamos trazer sempre diversos sacerdotes e trazer um link constante entre os novatos e esses sacerdotes, para dar segurança e responsabilidade ao que é feito. (Sperle)

O que se contrapõe aqui, tanto no termo *pink-wicca* quanto na questão da autoiniciação, é a errância pura, típica da Nova Era. A Wicca é um nó nessa rede, uma pertença marcada por um credo e clero. Ainda que a Wicca seja autonômica e privatizada, ela se distingue da errância constante, típica do circuito neo-esotérico. Mas, por sua flexibilidade, holismo e autonomia, provoca uma errância, e, nesse sentido, é confundida com a Nova Era. “Você pode ser bruxo sem ser wiccano, e há muitos exemplos disso e muitos movimentos não wiccanos. Eu, por exemplo, sou da Bruxaria Tradicional. Tenho muitos elos com a Wicca, mas não sou wiccana” (Dayane). Essa frase foi proferida pela bruxa tradicional Dayane Aglius no seminário de 2016, como resposta a esse tema levantado por Sperle. Ela não se posiciona com tom de censura ou disputa, mas em alinhamento ao do sacerdote, mostrando que há mais de um caminho para seguir a magia que não só a Wicca. Ela é bruxa, possui uma respeitada loja virtual de artigos esotéricos, a Old Religion, mas não é iniciada na Wicca. Também não é uma errante da Nova

Era, como ela mesmo disse “sou da Bruxaria Tradicional”, pertence a um credo, a uma denominação do que Russell e Alexander (2008) chamam de “Bruxaria Moderna”.

O dilema da representatividade encabeçado pela UWB não passa, portanto, pela segregação de grupos, mas pela valorização da diferença entre os grupos e modos de pensar e agir religiosamente. Para tanto, é preciso conscientizar e explicar a respeito das várias tradições religiosas que o movimento abarca como um todo e incentivar as pessoas a se pautarem modernamente, ou seja, assumirem uma identidade frente às práticas de que fazem parte (seja formal ou individualmente).

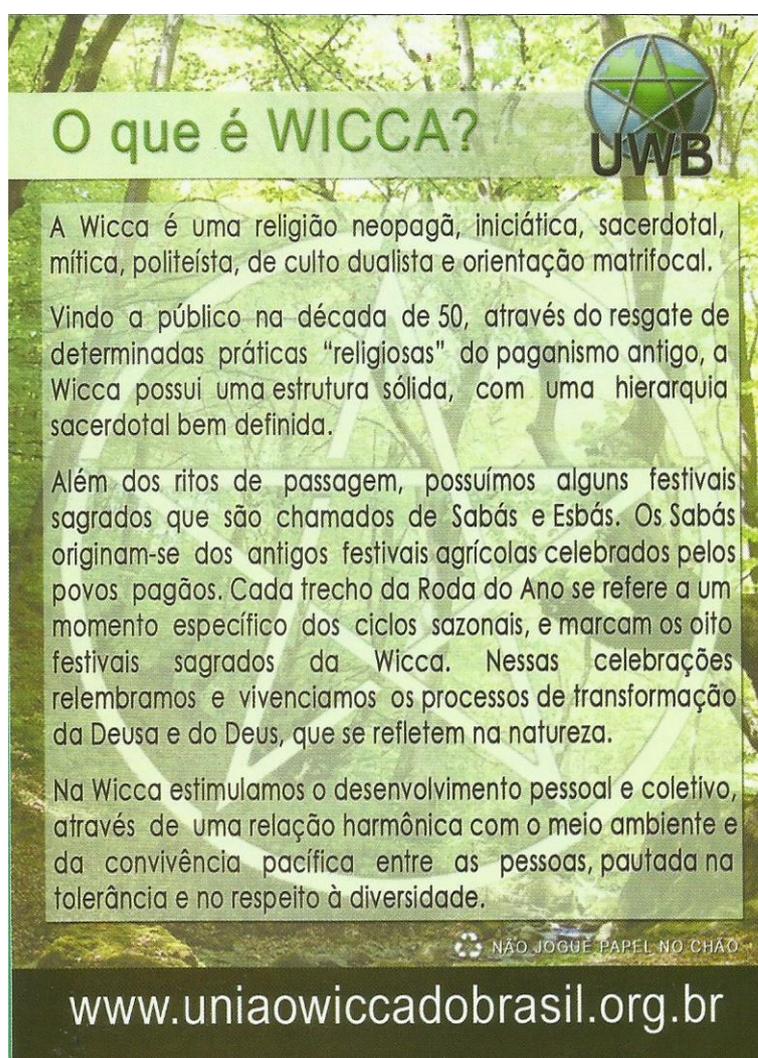


Imagem 16: panfleto informativo distribuído pela UWB na entrada do I Seminário sobre Paganismo, em 2015.

A UWB atua até o presente momento com a promoção de seminários e com a participação em fóruns públicos a respeito das religiões presentes no campo brasileiro. Além disso, seus diretores têm buscado ocupar e participar dos lugares públicos e políticos onde a pauta Wicca pode ser inserida, buscando proteção civil e legal para seus praticantes e

conscientização social de sua religião. A articulação virtual parece ser vital para esse projeto. Em seu fórum (grupo) fechado³⁷ e em sua página no Facebook³⁸, constantemente compartilham chamadas para participação de rodas e de grupos de debates sobre a Wicca e as minorias religiosas no Rio de Janeiro (RJ) e no Brasil. Outras vezes publicam matérias e fotos envolvendo a participação de sua diretoria a espaços públicos e políticos.



Imagem 17: Foto das lideranças religiosas e dos organizadores da Expo Religião 2016, divulgada na página oficial da UWB no Facebook. Og Sperle é o terceiro, da esquerda para direita, na primeira fila de baixo para cima, em pé.

Os seminários tentam criar um ambiente polissêmico entre as tradições wiccanas e pagãs como um todo, encorajando o livre debate a respeito do tema trabalhado. A participação do público é privilegiada o que reduz o tempo de fala dos sacerdotes e pessoas convidadas às

³⁷ Grupo fechado, apenas convidados e membros podem visualizá-lo, mas disponível segundo o link: <<https://www.facebook.com/groups/uniaowiccadobrasil/>>

³⁸ Acessível pelo link: <<https://www.facebook.com/uniaowiccabrasil/?fref=ts>>

mesas. Esses seminários exemplificam a ocupação de espaços públicos, bem como a parceria feita com entidades públicas, a fim de divulgar e difundir informações sobre da Wicca.



Imagem 18: Convite distribuído para divulgação do I Seminário sobre Paganismo, em 2015.

O I Seminário sobre Paganismo aconteceu em 18 de setembro de 2015, em parceria com o Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões (PROEPER) e com o Centro de Ciências Sociais (CCS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O evento articulou quatro temas ou mesas em sua duração: 1) “A importância do Paganismo ao longo da história da humanidade”; 2) “A Importância das religiões Pagãs junto ao Diálogo Interreligioso”; 3) “O Fortalecimento das religiões Pagãs no Rio de Janeiro e no Brasil” e 4) “O enfrentamento da Intolerância Religiosa pelo estado e pela sociedade”. Segundo a página oficial do evento no Facebook³⁹,

através desses eixos, visamos resgatar a importância histórica do Paganismo ao longo dos séculos, dando ênfase à formação da sociedade e suas diversas religiosidades. Para tal, contaremos com a participação de antropólogos, historiadores, pedagogos e pesquisadores com expertise em religiões antigas, paganismo ou correlatos, além de sacerdotes e sacerdotisas de diversas religiões pagãs, que também contribuirão com mais dois temas, durante o seminário, que são: O Diálogo Interreligioso e O Fortalecimento das religiões Pagãs no Rio de Janeiro. Fechando, teremos um painel, onde

³⁹ Acessível pelo link: <<https://www.facebook.com/events/1458108894494668/>>

autoridades do Poder Público e representantes da Sociedade Civil abordarão o enfrentamento da Intolerância Religiosa e como cada um desses setores está tratando o caso. (UWB)

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor
Ricardo Vieira Alves do Castro

Vice-Reitor
Paulo Roberto Volpato Dias

Sub-Reitora de Extensão e Cultura - SR3
Regina Lúcia Monteiro Henriques

Departamento de Programas e Projetos de Extensão - DEPEXT
Nádia Pimenta Lima

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral
Prof. Leo da Rocha Ferreira - Diretor CCS

Comissão Científica
Prof.ª Edna Maria dos Santos - UERJ/PROEPER
Prof.ª Telma Rosina Simoni da Gama - UERJ/PROEPER
Og Sperle - Presidente da UWB

Organização
Diogo Ribeiro - Vice-presidente da UWB
Leo Maciel - Diretor da UWB
Ariadne Pinheiro - Diretora da UWB
Márcia Alcântara - Diretora da UWB

Realização
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões
União Wicca do Brasil

Programa do Seminário

Seminário sobre Paganismo da União Wicca do Brasil

18 de setembro de 2015
UERJ - auditório 11 (1º andar)
das 13 às 21 horas

TEMA:
A importância das religiões Pagãs no Diálogo Interreligioso

ENTRADA FRANCA / VAGAS LIMITADAS
Serão concedidos certificados de participação

INFORMAÇÕES:
PROEPER: Tel. (21) 2334-0281 | proeper_ccs@yahoo.com.br
UWB: Cel. (Vivo) (21) 9 9733-6726 | contato@uniaowiccadobrasil.org.br

REALIZAÇÃO
PROEPER, UERJ, UWB

APOIO
ZOE ZOTS, Prefeitura de Campi, CEPDID, MRE - Ministério Inter-religioso do Rio de Janeiro

Imagem 19: Parte externa do folheto contendo a programação do I Seminário sobre Paganismo, em 2015.

APRESENTAÇÃO

Inicialmente a UWB foi criada para defender apenas a religião Wicca, mas por conta da carência desse tipo de trabalho junto à comunidade pagã, decidimos ampliar nossas ações e assumimos o compromisso de também defender as outras vertentes do Paganismo. Agora, mais madura, a UWB tem convicção da importância de seu papel junto ao diálogo interreligioso, na luta pela equidade, pela manutenção da laicidade e no combate à intolerância religiosa. As sementes da UWB vêm gerando bons frutos, e o que antes era apenas para os wiccanos, já pode ser partilhado com todos os segmentos do Paganismo.

O tema do 1º Seminário sobre Paganismo da UWB é "A Importância das Religiões Pagãs Junto ao Diálogo Interreligioso", onde serão abordados quatro eixos: 1º- As influências do Paganismo ao longo da história da humanidade; 2º- A participação das religiões pagãs no diálogo interreligioso; 3º- O fortalecimento das religiões pagãs no Rio de Janeiro e no Brasil; 4º- O enfrentamento da intolerância religiosa pelo Estado e sociedade. Através deles, visamos resgatar a importância do Paganismo na formação da sociedade e suas diversas manifestações religiosas. Contaremos com a participação de antropólogos, historiadores, pedagogos e pesquisadores com expertise em religiões antigas, paganismo ou correlatos; Bem como sacerdotes e sacerdotisas de diversos segmentos do Paganismo. Finalizando, teremos a presença de autoridades do poder público e representantes da sociedade civil, que abordarão como cada um desses setores vêm tratando a questão da intolerância religiosa.

PROGRAMAÇÃO

13h00 – Solenidade de Abertura

14h00 – 1ª PALESTRA (gravada)
Tema: O papel do Paganismo junto ao Diálogo Interreligioso na Europa e no mundo
Palestrante: Dra. Mariana Vital – Delegada da PFI Portugal para o Diálogo Interreligioso

14h30 – 1ª MESA
Tema: O Fortalecimento das Religiões Pagãs no Rio de Janeiro e no Brasil
Mediador: Sacerdote Diogo Ribeiro (vice-presidente da UWB)
Convidados: Representantes de diversas religiões Pagãs e Neopagãs

15h50 – 2ª PALESTRA (gravada)
Tema: A importância do Paganismo na construção das bases das religiões pelo Mundo
Palestrante: Dra. Isobel Andrade, HPs Gardneriana e Coordenadora Nacional da PFI Portugal (1996), pela Pagan Federation International.

16h20 – 2ª MESA
Tema: A Importância das religiões Pagãs junto ao Diálogo Interreligioso
Mediador: Sacerdote Og Sperle (presidente da UWB)
Convidados: Professores, Mestres e Doutores sobre Paganismo Antigo

PAINEL (O nosso papel junto ao enfrentamento à Intolerância Religiosa)
Mediador: Sacerdote Leo Maciel (diretor da UWB)

18h00 – 1º Momento do PAINEL
Convidados: Representantes dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário

19h10 – 2º Momento do PAINEL
Convidados: Representantes do Poder Público e da Sociedade Civil

21h00 – Encerramento

Imagem 20: Parte interna do folheto com a programação do I Seminário sobre Paganismo, em 2015.

Já o II Seminário sobre Paganismo, realizado entre 10 a 11 de setembro de 2016, ocupou o Centro de Convenções Sulamérica, integrando a programação da Expo Religião 2016. Segundo a organização,

a proposta das palestras, da mesa redonda, da apresentação cultural e do seminário, é enfatizar a importância da participação do Paganismo ao longo dos séculos na história da humanidade, das religiões e das diversas formas de religiosidades, dando ênfase à formação das sociedades e suas diferentes maneiras de enxergar o sagrado. (UWB)

O para o qual fui convidado a integrar uma mesa como druidista, assumindo o nome de Ávillys d'Avalon, teve a seguinte programação⁴⁰:

PROGRAMAÇÃO DO II SEMINÁRIO SOBRE PAGANISMO DA UWB		
Horário	10/09/2016	11/09/2016
11 às 12:00h	Palestra (Auditório 01): O Sagrado Feminino e a Diversidade Religiosa Facilitadora: Alana Morgana (Sacerdotisa Wicca e Matriarca da Tradição Athena Pronaia)	Palestra (Auditório 01): Desmistificando e Resgatando Verdades sobre a Bruxaria Tradicional Facilitadora: Senhora Telucama (Suma sacerdotisa da Tradição Telucama) - Salvador / BA
13 às 14:00h	Palestra (Auditório 01): O Druidismo e o Santo Graal: mistério, poder e soberania Facilitadora: Bandrui de Gergóvia (Druidesa e fundadora da GERGÓVIA - Escola de Druidismo e Cultura Celta - RJ)	Mesa Redonda (Auditório 01): Paganismo – Do Passado aos dias atuais. Bases e Transformações ao longo dos séculos ⁴¹ <u>Mediador:</u> Sacerdote Og Sperle <u>Convidados da mesa:</u> - Druidesa Bandrui de Gergóvia (Rio de Janeiro) - Sacerdotisa Dayne Anglius (Niterói - RJ) - Sacerdotisa Graça Azevedo (Bahia) - Sacerdotisa Ligia Amaral Lima (Rio Grande do Sul) - Ávillys d'Avalon (Druida e Sumo Sacerdote do Leanaí na Ghealach Clann)
15 às 16:00h	Mesa Redonda (Auditório 01): O Sagrado Feminino dentro das Tradições Religiosas <u>Mediadora:</u> Sacerdotisa Ariadne Pinheiro <u>Convidadas da Mesa:</u> - Sacerdotisa Irhia Amana (Wicca) - Alice Gress (Xamanismo - Tradições Nativas) - Sacerdotisa Liliam Sampaio (Bruxaria Tradicional e Wicca)	
16 às 17:00h	Apresentação Cultural ⁴² (Palco Principal): Dança Circular Ancestral	

⁴⁰ Acessível pelo link: <<https://www.facebook.com/events/860037800768508>>

⁴¹ Mesa que fui convidado a compor como representante do Druidismo no Brasil.

⁴² Essa foi a dança espiral descrita no capítulo anterior.

	Facilitadora: Sacerdotisa Lígia Amaral Lima e orquestras de tambores	
17 às 18:00h	Palestra (Auditório 01): O Paganismo e sua evolução Facilitadora: Jussara Gabriel (Suma Sacerdotisa do coven de Wicca, Dança das Estrelas - RJ)	

Tabela 3: Programação do II Seminário sobre Paganismo da UWB

Durante a realização das palestras, estava aberto também o estande da UWB com lojas esotéricas e um altar demonstrativo (o mesmo descrito do capítulo anterior) no primeiro andar, compondo a feira da Expo Religião 2016.

Cabe ressaltar que todas as atividades da UWB são gratuitas. A exceção se deu ao II Seminário sobre Paganismo e à participação na Expo Religião, para as quais houve uma cobrança de três reais ou um quilo de alimento não perecível por dia de participação. A organização do evento justificou, porém, que essa é uma cobrança da própria Expo Religião, onde o Seminário aconteceu. Isso retoma um dos debates mais fortes entre Frazão e a ABraWicca, abordados por Osório:

como a instituição [ABraWicca] cobra mensalidades e os cursos oferecidos envolvem pagamento para os não-sócios, Frazão observa nessa prática um comportamento financeiro, o que não estaria de acordo com suas funções religiosas (2005, p. 132)

A gratuidade das práticas wiccanas seria vista como uma forma de posicioná-la frente ao consumo de bens mágicos e energéticos do circuito neo-esotérico e assim seria recriminada como comercialização religiosa, que não é a finalidade wiccana. Og Sperle mesmo se referiu a esse fato quando o questioneei a respeito dessa gratuidade. Segundo ele

Uma coisa é você cobrar uma contribuição simbólica para participar de um ritual desde que você não precise contribuir com mais nada, a outra é você pagar para aprender. Mesmo nos rituais, sou adepto de que cada um leve um pouco do que pode e assim o ritual será uma construção coletiva.

O processo de representação, portanto, é uma tentativa de pautar uma permanência frente à errância espiritual da Nova Era e um ponto polêmico a respeito do cerceamento dessa errância e autonomia individuais presentes na dinâmica e articulação wiccana no campo brasileiro. Acreditamos ser essa polêmica um movimento pendular pertencente à formulação da Wicca como comunidade emocional nos termos de Hervieu-Léger (1997). Como descreve a autora, nessas comunidades há uma alternância constante entre princípios de encantamento e de secularização. Ritualisticamente pontuada pela formulação de *communitas*, a Wicca alterna entre momentos antiestruturais e estruturais. Por ser uma *communitas* ideológica, ela induz a

vontade subjetiva e a procura constante pela manutenção da *communitas* – marcada pelo primado autonomia, pelo apelo emocional e pela privatização religiosa. Mas, como toda *communitas* espontânea leva a uma *communitas* normativa (através da formulação de credos e ofícios especializados) e toda *communitas* normativa, a um retorno da estrutura, a Wicca, como religião de contracultura moderna, tende a permanecer constantemente nessa dinâmica.

Russell e Alexander dizem que

a bruxaria moderna é uma religião em transição. Considerando o fato de que já teve mais eventos significativos em sua curta história do que muitas religiões registram ao longo de séculos, seria prematuro especular a respeito de seu futuro a partir desse ponto. Mas o movimento presente abriga uma tensão interna que claramente terá de ser resolvida. A aproximação de uma crise está embutida no processo mutável da rejeição para a aceitação social, de ser um culto fechado, sigiloso e iniciático para se tornar uma religião aberta, reconhecida e pública. A questão pode ser colocada da seguinte forma: se a identidade religiosa de alguém, e boa parte de sua motivação religiosa, derivou-se de uma oposição ao sistema dominante, o que vai acontecer quando esse alguém for agregado a esse sistema? De inúmeras formas esse processo já se encontra em andamento, e certamente implicará importantes modificações. (2008, p. 200-201).

Os autores não levaram em conta esse trânsito constante da Wicca como religião de contracultura, fundada sob a premissa de comunidades emocionais e articulada religiosamente como uma *communitas*. Ou seja, é preciso entender que, como uma resposta moderna à modernidade, a Wicca sempre se colocará em ponto de tensão: ora buscando aderir ao sistema, ora se opondo a ele. Enquanto a dinâmica da “institucionalização”, por vias da representatividade, tende a inseri-la no campo religioso como uma religião formalizada, sua prática privatizada e autonômica sempre a colocará como contrária à moderna formulação desse campo. Esse movimento pendular tende a manter-se constantemente.

3.2. A “GUERRA DE EGOS”: A DISPUTA POR LEGITIMIDADE E LIDERANÇA

Um ponto muito debatido em meu campo é o que Ligia Amaral chamou em 2015 de “guerra de egos”. Por esse termo ela designou a disputa por legitimidade e liderança dentro da Wicca e do paganismo como um todo.

Criticada como uma postura contrária ao arquétipo wiccano, essa “guerra de egos” surge quando uma liderança ou bruxo de relativa visibilidade decide agir ou orientar a ação dos wiccanos de uma maneira diferente das que convencionalmente são padronizadas. Essa postura

parece ter começado na relação entre Márcia Frazão e a ABraWicca, conforme descrito por Osório (2005). Nesse primeiro momento a disputa era a respeito de como a Wicca deveria ser praticada no Brasil. Enquanto a ABraWicca criava um modelo institucionalizado e filiativo, Frazão defendia um modelo não-institucional, livre e gratuito, e criticou o modelo adotado pela instituição, o que iniciou um processo acusatório que se prorroga até hoje. A bruxa foi acusada de competir pela liderança do grupo (OSÓRIO, 2005).

Hoje, os protagonistas parecem ser a União Wicca do Brasil – representada por seu presidente, Og Sperle – e Cristiano, ex-presidente da ABraWicca. Conhecido por ser polêmico nas redes sociais, Cristiano faz fortes críticas a wiccanos como um todo, censura práticas e elenca aquelas que considera mais corretas na atuação wiccana. Esses atos geram desconforto e desentendimento com uma comunidade wiccana maior, que acaba por buscar representação e conforto na UWB.

A maioria das lideranças ou pessoas influentes que participam da UWB relatam, em algum momento, ter sofrido censura ou rechaça pública nas redes sociais do bruxo e escritor. E muitos adeptos, então, buscaram a UWB com a finalidade de legitimar seu jeito de ser wiccano. Por outro lado, eventos importantes são atribuídos a Cristiano, como a *Mystic Fair*, de sua organização – uma importante feira mística que acontece anualmente no Rio de Janeiro (RJ), geralmente em maio. Essa feira traz uma gama de artigos esotéricos, palestras, workshops, livros, além de contato facilitado com wiccanos de longa data, e assim atrai pessoas (wiccanas ou não) do Rio de Janeiro e das proximidades. Além da feira, algumas músicas clássicas das ritualísticas wiccanas norte americanas tem sua tradução difundida por Cristiano, que executa o trabalho de tradução, canto, gravação e divulgação. Sua importância como um célebre bruxo wiccano parece estar à altura das polêmicas causadas por ele.

Contudo, os filiados à UWB ou que se aproximam mais de suas lideranças realizam um boicote aos eventos realizados por Cristiano. Da mesma forma, seus seguidores mais ávidos igualmente não frequentam os espaços e eventos da UWB. Cria-se uma arena típica, em cuja linha divisória estão os wiccanos e simpatizantes que, baseados no primado da autonomia, consomem os bens simbólicos de ambos os lados.

Eu frequento tudo. Não vejo diferença. Eu vou, ouço com atenção tudo o que é dito e absorvo o que é bom pra mim, o que considero certo. Não quero ficar entrando em disputa. Acho que os dois lados estão certos e errados. Se eu pegar o certo nos dois lados, eu saio ganhando, não acha?! Mas eu tenho que dizer: o Claudiney é brigão mesmo, ele caça treta com tudo e todo mundo... As vezes cansa. Por isso a gente tem evitado falar o nome dele, até nos espaços que sabemos que ele é bem-vindo. (Bernardo)

Bernardo foi um interlocutor do I Seminário sobre Paganismo, em 2015, com quem pude conversar num intervalo e perguntar o que pensava da “guerra de egos” mencionada na primeira mesa. Sua fala é tipicamente o perfil dos wiccanos que se colocam na linha divisória dessa disputa.

Esse tema foi exaustivamente trabalhado em 2015, no seminário, e mencionado por todos os componentes da primeira mesa. Mas o nome de Cristiano não foi pronunciado. Referiam-se a ele como “aquela pessoa que o politicamente correto me impede de dizer”. Segundo Og Sperle, Cristiano recebeu um convite pessoal para participar do seminário, mas nem ele nem seus seguidores apareceram.

A postura egocêntrica e a disputa por liderança na Wicca foi repreendida no Seminário como atrasada, originalmente derivada do patriarcalismo. Segundo os sacerdotes da mesa, o patriarcado é marcado por disputas pelo poder, por posicionamentos pessoais que expõem uma suposta superioridade em relação aos outros com quem dialogam. Frente a essa fala dos sacerdotes, Ligia Amaral disse, “a Deusa é Mãe! E no colo da mãe cabem todos os seus filhos. Mãe não tem amor diferente, ela ama, e aos olhos dela todos são especiais”. Em seguida, a bruxa argumenta sobre a autointitulação, trecho mencionado nos dois capítulos anteriores.

As religiões cristãs são acusadas pelos wiccanos de introduzirem o patriarcado no mundo, quando o Deus Pai, para adquirir poder, teria suprimido a Deusa e a relegado ao mal, ao demoníaco, ao errado. Com isso, seus atributos também foram sobrepujados: no lugar do equilíbrio, do amor, da liberdade, da igualdade prevaleceu a dominação, a disputa, o cerceamento, o medo e a segregação. Tudo o que era considerado como feminino tornou-se associado ao mal e ao impuro.

De fato esse período de perseguição do feminino existiu, mais visivelmente na Idade Média, como constatam Osório (2002), Ribeiro (2003) e Russell e Alexander (2008). Todavia, é pretencioso dizer que tal ocorrência é exclusivamente culpa do cristianismo. O autor wiccano Claudio Crow Quintino (2002) salienta que o patriarcado já existia nas sociedades antigas, muito antes do advento da Igreja Católica na Europa. Mas, assim como demonstra Osório (2005), a Wicca é uma religião de contracultura, aqui endereçada como antagônica do sistema social vigente, pertencente às minorias sociais e, portanto, reivindicadora de uma nova sociedade alternativa. Como a maioria dos adeptos wiccanos eram inicialmente de confissão cristã, sua conversão representa a negação da confissão anterior (OSÓRIO, 2005). A Wicca devolve seus seguidores ao seio da Deusa, e assim eles passam a rejeitar as antigas práticas desiguais vivenciadas no sistema patriarcal e a se opor fortemente a esse sistema.

Os atributos dos cristãos, sobretudo católicos e evangélicos, são aqueles rejeitados ao comportamento da bruxa e são inversos àqueles atributos definidos como específicos das bruxas wiccanas. O evangélico não é apenas um ator social a ser atacado, é um Outro. Essa categoria simboliza tudo o que uma bruxa não deve ser: ela não deve orientar suas práticas religiosas em função do ganho material, ela não deve ser proselitista, não deve ser machista e preconceituosa, não deve ser manipuladora, deve respeitar o livre-arbítrio e o indivíduo e deve dirigir-se ao divino não apenas pela mente, mas também pela emoção e pelas experiências sensoriais.

Os católicos não sofrem tantas acusações quanto os evangélicos porque são sujeitos vistos como mais próximos ao paganismo. Seriam herdeiros da tradição pagã europeia, superposta por uma roupagem religiosa cristã e pelo pensamento judaico-cristão. (OSÓRIO, 2005, p. 139)

Nesse sentido, as características cristãs – e, por consequência, patriarcais – tornam-se recriminadas por parte dos wiccanos (OSÓRIO, 2005). Tornar-se um wiccano convertido significa, portanto, uma vigilância completa e a transformação desses atributos. Alguns grupos do Sagrado Masculino iniciam seus trabalhos conduzindo os homens a uma reflexão histórica da opressão machista sobre a mulher e sobre eles mesmo, enquanto grupos do Sagrado Feminino buscam empoderar a mulher a partir de seu poder uterino, maternal e transmutador, a partir da ação consciente em combate ao legado patriarcal.

Assim, pessoas que egocêntricas seriam aquelas que ainda possuem a alma presa ao patriarcado, e, portanto, atrasadas espiritualmente. O ego contraria o primado da autonomia e conduz a religião a uma institucionalização, com a emissão de bulas, de comportamentos certos e errados. Por essa razão Ligia Amaral disse que a Wicca é uma religião dos autointitulados e não dos escolhidos. Não há melhores ou piores, ou mais poderosos e menos poderosos, há aqueles que se intituam e os que não; aqueles que buscam o conhecimento e os que não o procuram; aqueles que estão preparados para viverem em perfeito amor e perfeita confiança e os que não estão. Nesse sentido espera-se das lideranças wiccanas um posicionamento mediador, flexível, que conduz o adepto até sua verdade privada, até a Deusa que mora nele, que é ele próprio, e não uma orientação padronizadora e institucionalizadora de seus discípulos.

Conforme Osório (2005) aponta, há categorias de acusações típicas entre os wiccanos. A mais comum é a acusação de “banalizar a bruxaria” ou “vulgarizar o paganismo”. Se essa categoria se referia ao uso das aparições midiáticas ou da exposição na rede da comunidade wiccana, hoje ela também se dirige às pessoas que frequentemente praticam uma Wicca mais Nova Era, sem o devido respeito com a tradição wiccana, os *pink-wicca*. Essa acusação teria se fundido com a de “modismo”, que extrapola o termo *pink-wicca* ao acrescentar que o adepto pratica a Wicca por ela “estar na moda”, para “ser rebelde”, “ser alternativo”. O modismo, costumeiramente, se dirige a um grande número de perfis nas redes sociais. A acusação de

“buscar poder” é preponderantemente relacionada à “guerra de egos”, pois se caracteriza pelo uso da Wicca para se empoderar, tanto magicamente quanto socialmente, e, assim não se cumpre com os desígnios da religião. A acusação de “ser cristão” ou de tal prática “pertencer ao cristianismo” é muito comum, mas tem sido vista mais como uma censura e crítica que como um ato acusativo. Por fim, a inculpação de “interesse econômico” tem reduzido entre os wiccanos, já que algumas lideranças fazem parte das redes terapêuticas da Nova Era e realizam atendimentos privados e especializados – essas pessoas passaram viver dessas atividades. Entretanto, os wiccanos se mantêm tão críticos sobre a escolarização da Wicca, ou seja, aos grupos que fazem verdadeiros cursos iniciáticos, cobrando mensalidades em troca do conhecimento teórico e prático repassado.

Numa religião autonômica e privada, a manutenção de postura egocêntricas anda na contramão, mesmo que justificáveis e compreensíveis pela diversidade interna inerente ao campo. Como salienta Ribeiro (2003), é impossível falar em uma única Wicca. Por sua polissemia é plausível nos referirmos a “Wiccas”, no plural. Contudo, não se pode negar a base ou tronco comum dos vários galhos dessa árvore. Afinal, “a Wicca é a religião da Deusa e nela todos cabem” (Camila).

3.3. A ACADEMIA: UMA RELAÇÃO DE LEGITIMIDADE E DESCONFIANÇA

A antropologia não é, portanto, uma ciência estranha a estes grupos, ainda que sua visão nem sempre seja “*aquela que prevalece nos meios acadêmicos*” (Magnani; 1999: 84). Aradia, minha principal interlocutora no “espaço virtual”, é mestre em antropologia. Ao entrar em contato comigo, passou enfatizar questões do domínio teórico da antropologia em muitas de nossas “conversas” via *e-mail*, tornando-as um assunto relativamente frequente. Embora não exerça a profissão, é visível o modo pelo qual suas perspectivas sobre a wicca são medidas pela discussão antropológica e vice-versa. (RIBEIRO, 2003, p. 16, grifo da autora)

A Wicca é uma religião frequentada principalmente por graduados e graduandos. Muitos deles são oriundos das Ciências Sociais, Filosofia, História, Psicologia, Biologia, Direito e Licenciaturas. Isso implica em um olhar mais crítico e questionador em relação à religião. Nesse sentido, é comum que muitos wiccanos tragam seus conhecimentos acadêmicos e tentem analisar a Wicca por estes parâmetros.

Não posso dizer que fujo a essa regra. Assim como Ribeiro (2003), sou de certa forma, um nativo pesquisando uma confissão religiosa muito próxima à minha, com a qual sempre

mantive contato e relações. Apesar de nunca buscar comprovação ou legitimação da minha crença através dos meios acadêmicos, o anseio de uma compreensão maior a respeito do fenômeno religioso a que me insiro me guiou desde a graduação a estudar a Wicca.

O que destaco de forma crítica aqui é a busca legitimadora que os wiccanos fazem em suas apropriações científicas. Talvez isso tenha origem na contestação do mito fundador de Gardner, que atribuía à Wicca uma linhagem antiga e primordial, enquanto as fontes históricas a apontam, no máximo, como uma reconstrução ou retorno a um passado romântico (RUSSELL e ALEXANDER, 2008).

A busca por legitimação é ampla. Artigos científicos ou reportagens que os comentem, trabalhos acadêmicos que falam de descobertas biológicas ou da eficácia de tratamentos alternativos, servem para levantar discussões presenciais e virtuais e para trazer argumentos de peso e autoridade a respeito daquela prática. Entre as frases que ouvi acerca do tratamento alternativo, uma me chamou a atenção: “eu li esses dias que uma universidade nos Estados Unidos teria comprovado que a energia emitida pelas mãos é capaz sim de curar”. Não houve citação de fontes e não encontrei essa reportagem ou artigo. Esse é um argumento rotineiro entre terapeutas e bruxos ao realizarem atendimentos: “essa eficácia é comprovada cientificamente”.

Nesse sentido, o diploma acadêmico do bruxo serve também para legitimar sua pertença ou autoridade frente a algum assunto wiccano. Um exemplo que vivenciei: formado em Ciências Sociais, fui convidado em 2015 a compor uma mesa no I Seminário sobre Paganismo. O convite veio por indicação de Ligia Amaral e se deu pessoalmente por Og Sperle, mas o sacerdote gostaria que eu dirigisse minha fala de maneira a comprovar a matriz histórica do paganismo e sua apropriação por parte das religiões subsequentes. Respondi que não possuo estudo nem comprovações que me permitissem, enquanto cientista social, atestar a matriz histórica, e que eu poderia concentrar minha fala nas apropriações constatadamente realizadas pela Igreja Católica dos elementos pagãos anteriores. Percebi no pedido uma necessidade de legitimação, aqui endereçada ao mito fundador de Gardner. Ou seja, eu, enquanto antropólogo, poderia legitimar cientificamente o mito de que a Wicca é a mais antiga das religiões, da qual se desmembraria todas as demais, pois é a Religião da Deusa. Essa proposta e necessidade a qual recusei dialoga diretamente com a tensão entre a Wicca e a ciência: enquanto ela foge de seu objetivismo, visa se legitimar cientificamente em um mundo secular.

Hoje os wiccanos não falam ou discutem mais se Gardner foi ou não iniciado por outro grupo de base pagã na Inglaterra. A ausência de comprovação histórica já basta para que o assunto não seja mais citado. É possível que essa iniciação se desse por algum grupo druidista,

uma vez que o movimento existe na Europa desde o século XVIII. Mas não há nenhuma constatação a esse respeito.

Trata-se de afirmar uma continuidade com o passado pagão que na realidade não existia. Forja-se uma tradição antiga por meio de uma recriação recente. A *wicca* procurava reconstruir as crenças pagãs, porém, muitos dos seus rituais e invocações foram diretamente influenciados pelo ocultismo da época [século XX]. (RIBEIRO, 2003, p. 21, grifo da autora)

A herança ancestral, no entanto, sobreviveu às críticas e desconstruções que sofreu recentemente. Se, inicialmente, Gardner dissera que aprendera a Wicca com ancestrais de linhagem pagã, hoje o argumento mudou e o centro tornou-se o culto à Grande Mãe. Doutora Mariana Vital, delegada da Pagan Federation International (Portugal), argumentou em uma vídeo conferência para o I Seminário sobre Paganismo, em 2015, que “o culto à Grande Mãe é o culto ancestral do qual originaram-se todos os outros”. Assim, a linhagem da história das religiões tem um ponto em comum, sucedido pelo aprendizado mágico e pelo patriarcado, por fim. A Wicca retoma o culto à Mãe, ao matriarcado ancestral, ao equilíbrio puro e romântico entre homem, natureza e divino. Enquanto na origem de todas as demais religiões, não seria improvável que a Wicca fosse o mais antigo culto do mundo, revivido ou recriado na atualidade. Portanto, Gardner não estaria errado em alegar-se herdeiro da mais antiga religião do mundo. Esse imaginário histórico é contado e recontado pelos wiccanos, como uma crença passível de comprovação – ou talvez ansiosa por sua comprovação.

A escassez de informações precisa sobre estas tradições permite que crentes contemporâneos projetem nelas quase todas e quaisquer crenças e práticas que possam imaginar. (...) Historicamente essa recuperação do passado deve ser vista com desconfiança, já que os pensamentos e práticas envolvidas são em muitos casos “invenções” dos tempos recentes (CAMPBELL *apud* RIBEIRO, 2003, p. 21).

A importância atribuída à legitimidade científica, portanto, é relativizada pelo olhar religioso e a ela parte da manipulação simples de contextos científicos. Para os wiccanos, a ciência, quando aliada à magia, traz uma visão completa, holística do mundo que lhes é muito cara; já o pensamento e método estritamente científico é visto com profunda desconfiança, pois é considerado racional e linear, ao contrário do global holístico (RIBEIRO, 2003). Nesse sentido, assim como nós olhamos as apropriações que os wiccanos fazem da ciência com desconfiança, eles olham a ciência pura da mesma forma.

Segundo Guerriero (2003), a desconfiança mútua entre ciência e magia se dá pelo advento do pensamento pragmático de cunho científico, que teria questionando o princípio

autoconfirmatório da magia, fazendo-a submergir e não ser mais intelectualmente aceita. “Assim, as críticas e as reações contra a magia não poderiam vir de seus clientes desapontados, mas de uma fonte externa ao sistema que de certa maneira disputava o mesmo espaço – a ciência” (2003: 79). Isso explicaria a necessidade que os wiccanos possuem de uma legitimação científica, ao mesmo tempo em que questionam o método e pensamento racional, linear científico. A legitimidade vem, já que ambos os sistemas funcionam como explicação do mundo, e, se vemos o mesmo mundo, nossas explicações deveriam nos conduzir ao mesmo resultado, independentemente do ponto de vista ou do raciocínio. Já o pensamento sistemático relega a magia à obscuridade exatamente por não conseguir explicá-la (GUERRIERO, 2003).

Apesar de toda essa desconfiança, o diploma e saber acadêmico são bem-vindos quando prestados “a serviço da religião”. Assim, no II Seminário sobre Paganismo, em 2016, fui convidado a integrar uma mesa, agora enquanto representante nativo do druidismo. Mas minha fala (que não perpassaria por questões acadêmicas ou científicas) foi introduzida por uma frase de Ligia Amaral que me colocou a refletir:

Prestem muita atenção, pois é um mestre que vai falar. Eu costumo dizer que mestre é quem tem mestrado. Eu não sou mestra de nada, nem professora. Não sou formada para isso. Mas ele é! Ele está fazendo mestrado em Ciência da Religião e, portanto, é o único aqui que tem diploma para ser chamado de mestre.

Levei um tempo para começar minha fala propriamente dita. Decidi iniciar explicando que, em primeiro lugar ainda não havia concluído meu mestrado para ser mestre e, em segundo, não estava ali enquanto acadêmico, mas como religioso, druidista. Mas só depois de alguns dias fui perceber o que isso realmente implicava.



Imagem 21: foto com a bruxa Ligia Amaral Lima após minha participação como druidista na última mesa redonda do II Seminário sobre Paganismo da UWB, em 2016. A foto foi escolhida pelo gesto que a bruxa faz em minha direção, um olhar legitimador, semelhante ao de sua introdução a minha fala.

Assim como Ribeiro (2003) aponta, os wiccanos não nos enxergam como pesquisadores e acadêmicos. Para eles esses lados são indivisíveis – talvez porque realmente sejam. Mas não existe uma fala enquanto pesquisador e outra enquanto religioso. É a sua fala, e se você possui um diploma específico, então você tem o domínio que aquele diploma lhe oferece sobre aquele assunto, inclusive religiosamente. Ali eu era uma autoridade do conhecimento sobre as religiões, e, por isso, minha fala teria um peso também acadêmico para aqueles que me ouvissem. A relação da Wicca com a academia é apropriativa e holística.

Segundo Guerriero,

temos, portanto, uma variedade de sistemas de crenças complementares. Ao mesmo tempo em que lançamos mão de explicações científicas, adequando o mundo à nossa visão pragmática e científica, utilizamos, também, um sistema de crenças mágico, que procura dar conta dos anseios subjetivos. (2003, p. 79).

Ou seja, convivemos com os dois sistemas de pensamento cotidianamente. A relação que se visualiza na Wicca é, então, uma constatação de que vivemos constantemente no limiar entre a ciência e a magia, e, sendo ela uma religião de caráter profundamente emocional – portanto mágica – e holística, não é de se surpreender que ela faça também a fusão entre os dois modelos de pensamento: enquanto a ciência busca explicar as coisas do mundo físico, a magia busca explicar as coisas do mundo espiritual. Apenas a fusão das duas é capaz, segundo a Wicca, de produzir uma explicação global. Assim, para esta cosmovisão, é indivisível o pesquisador do religioso, seja ele da confissão que for – se for alguém totalmente de fora, será tratado como um curioso, um simpatizante ou um novato, mas ainda assim indistinguível entre os dois lados.

Essa forma de pensar típica dos wiccanos justifica sua profunda aproximação com o meio acadêmico, a exemplo do I Seminário sobre Paganismo da UWB, em 2015, ter acontecido no anfiteatro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a promoção do Programa de Estudos e pesquisas das Religiões do Centro de Ciências Sociais da UERJ. Apesar dessa aproximação por parte dos wiccanos, o mesmo não parece ser visto pelos cientistas como um todo. Ainda hoje poucos trabalhos e pesquisas estudam a Wicca e suas relações. Observa-se um aumento gradativo das pesquisas a respeito da Wicca e paganismo, no Congresso da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) existe um Grupo de Trabalho fixo para divulgação e discussão de pesquisas a respeito da Wicca e Paganismo, contudo, ainda são poucas produções e incentivos emergiram da academia, seja pela relação crítica da ciência com a magia, seja pela novidade que é o fenômeno no mundo todo – mesmo criada em 1951, a Wicca

se tornou popular no mundo a partir da década de 1990 (RUSSELL e ALEXANDER, 2008) e no Brasil o movimento parece ter acontecido a partir dos anos 2000.

Assim, a Wicca vem desenvolvendo seu movimento pendular contínuo, exercendo fascínio e repulsa em relação à ciência, enquanto essa começa a descobrir sua polissemia e a se aventurar por seus vários campos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesse caleidoscópio (AMARAL, 1994) encontramos o tema do reencantamento e da secularização. É fácil, e até sugestivo, dizer que a Wicca parte de uma premissa de reencantamento, ao dizer que esse mundo é mágico e é sagrado e ao abordar os temas de magia e feitiço em um planeta aparentemente científico e desencantado. Mas nos convém atestar que sua fala (ou pregação) vem aliada ao contexto científico e, portanto, moderno em que estamos imersos.

A Wicca é uma religião moderna, criada no seio da modernidade como uma forma de contracultura ou contramodernidade. Esse fato a afirma modernamente na modernidade (AMARAL, 1994 e 2000). As desconfianças que as comunidades emocionais carregam das instituições têm um caráter muito profundo a ser analisado:

todos os movimentos religiosos emocionais contemporâneos fazem da perda da substância emocional da vida comunitária a consequência do ajuste das instituições religiosas à regra do jogo de um campo religioso separado e especializado. [...] [De modo que] o desenvolvimento atual de uma religiosidade de tipo emocional bem poderia acompanhar o esvaziamento simbólico do universo moderno, e constituir, ao mesmo tempo, uma forma de adaptação dos grupos religiosos a este novo dado cultural. Nessa perspectiva, continua possível ler o transbordamento da expressão afetiva da experiência religiosa como expressão de um protesto contra o enquadramento institucional empobrecedor da experiência, tanto pessoal quanto coletiva da fé. (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 40-42).

O que se vê é que a Wicca é uma religião perfeitamente secularizada, e igualmente encantada, o que nos leva a reconhecer Negrão (2010) quando ele aponta para uma não convergência dos conceitos de desencantamento e secularização do mundo.

Segundo o autor, o Brasil nunca foi um país desencantado. Não há em nosso campo religioso nenhum processo que nos leve a essa ideia de desencantamento do mundo, a exemplo do protestantismo da Reforma. Pelo contrário, nossas práticas religiosas sempre foram ricas em encantamentos com nossas novenas, rezas, benzas, simpatias, trabalhos, santos, entidades, orixás e deuses. (NEGRÃO, 2010).

É possível concluir que as diferentes religiões que aqui se enraízam e cresceram, influenciando de alguma forma a vida de seus adeptos, foram religiões encantadas ou segmentos mais claramente encantados dentro de troncos religiosos institucionalizados eclesiasticamente. (NEGRÃO, 2010, p. 149).

Contudo, longe disso devemos pensar em um país não-secularizado ou dessecularizado. Negrão (2010), Hervieu-Léger (1997) e Amaral (1994 e 2000) apontam para uma

compatibilidade entre (re)encantamento e secularização. Nosso povo é secularizado, temos, por exemplo, a separação entre religião e Estado, a garantia constitucional de liberdade de pertença e expressão religiosa (Negrão, 2010). Mas ao mesmo tempo somos um país onde “os deuses nunca se exilaram nem houve uma mudança drástica dentro do universo religioso capaz de provocar o desencantamento de mundo em sentido weberiano, ou algo semelhante” (idem, p. 150).

Nesse contexto, podemos dizer que somos um país no qual a Wicca se ambienta facilmente como religião encantada e secularizada. Secularizada no sentido em que ela se apoia em um discurso técnico-científico de maneira a não rejeitá-lo: aqui a magia não é concebida como oposta a ciência, mas aliada e uma esfera de conhecimento que se coloca à parte – no ponto de vista wiccano, a magia explica o que a ciência não consegue explicar, o mundo espiritual, mas quando se trata do mundo material ambas devem chegar ao mesmo resultado, ainda que por outros olhos. Ela explica o mundo físico através do mundo espiritual, mas não nega sua realidade ou sua cientificidade, pelo contrário, a magia é o mundo como ele é, inclusive sua ciência. Também podemos considerá-la uma religião moderna claramente pautada na modernidade: individualização, holismo, marcada por uma carga de escolha individual, mas atuando igualmente como uma contracultura.

A Wicca é desde seu nascimento moderna e contracultural, secularizada e encantada. O próprio Gardner, seu fundador, tinha temor de que a ciência matasse a magia, mas o caminho wiccano observado foi o de uma “secularização encantada”. Ela traz o (re)encantamento do mundo com sua dinâmica emocional e sua vivência, com o primado da experiência autônoma, visando a retomada da experiência originária de seu mito mais primevo: de que ela é a retomada da religião (da fé) primordial mais antiga e pura do homem, vivida em sua Era de Ouro, quando ele estava conectado com a Deusa, com a natureza e com todo seu cosmos de maneira contínua e perene. E desse processo se ramificaram as várias tradições religiosas que temos hoje, ao passo que nos distanciávamos dessa comunhão, saindo da Era de Ouro (desencantamento). Sua retomada, portanto, é o retorno do homem à Era de Ouro e à comunhão cósmica. Concomitantemente, usa de sua constituição secularizada como meio de atuação no mundo moderno, suas articulações, seu processo polêmico de representatividade e institucionalização, sua maneira de se colocar frente às redes sociais.

E não seria esse o discurso milenarista da Nova Era? Não seria essa “Era de Ouro” uma lembrança de uma experiência fundadora – e ao mesmo tempo de uma *communitas* – que justifica as comunidades emocionais em sua busca pela experiência e transcendentalização a partir do primado da autonomia? Não seria o Círculo Mágico ritualístico uma (tentativa de)

recriação dessa *communitas* a ser vivenciada e durabilizada? Não seria a fé wiccana a própria *communitas* ideológica⁴³? Por fim, não seria tudo isso um reencantamento do mundo pelo primado da autonomia?

A conclusão do presente trabalho parte para essa constatação. Como polissêmica, autonômica, holística, individualizada e emocional que é, a Wicca dialoga com conceitos particulares, viabilizando-os em um mesmo espaço, como acontece com o conceito de *communitas*, de Victor Turner (2013), e o de comunidades emocionais, de Danièle Hervieu-Léger (1997). O primeiro descreve sua relação em um circuito mais prático e ritualístico e a articulação da sua fé em torno do primado da autonomia, sequenciada pela ritualização e instauração de um clero e finalizado por um desejo ou ambição ideológica que a conduz novamente à busca pela situação de *communitas*. Um ciclo constante expressado por seu processo ritual e por sua fé central.

Já o segundo, articula-se claramente na sua formulação social. Seus grupos e *covens*, suas reuniões e discursos. Mostra o movimento pendular que a conduz entre as comunidades emocionais (encantadas, críticas do mundo moderno secularizado), a buscarem sua permanência e assim a se secularizarem – aqui através da institucionalização ou representação político-social. A polêmica constante em torno do tema da representação mostra a igual constante necessidade de se firmar e de manter as comunidades emocionais que se consolidam em torno de seu círculo de crenças.

A bruxa de hoje é uma pessoa que está construindo uma identidade: ser bruxa. Essa identidade não apenas se refere aos atributos tradicionais de mágico, curandeiro, adivinho, mas também a um determinado perfil religioso que indica um processo de afastamento da cultura popular, a uma determinada identidade de gênero – feminino ou masculino –, em alguns casos a uma sexualidade, e a uma determinada opção religiosa. A bruxa de hoje não é um sujeito fora do mundo, ela mantém contato com a realidade vivida, a modernidade. Como sujeito de classe média, com alto grau de escolaridade e amplo acesso a informação, ela lida com o cotidiano da modernidade. Não está autoexilada e um gueto (OSÓRIO, 2005, p. 137).

Nesse sentido, o maior desafio enfrentado pela Wicca no campo estudado tem sido seu reconhecimento como religião detentora de princípios e credo próprio, mesmo de base autonômica, ela possui um tronco único. Muitos olham pra Wicca enxergando apenas sua copa, a diversidade de suas práticas, a multiplicidade de suas tradições. Outros, com olhares mais críticos, enxergam apenas suas raízes, que descem profundamente pelo terreno histórico –

⁴³ Turner descreve a *communitas* ideológica como um “rótulo que se pode aplicar a uma multiplicidade de modelos utópicos de sociedades, baseados na *communitas* existencial [espontânea]” (2013, p. 128).

apesar de suas águas advirem de fontes e interpretações modernas e individuais, até românticas, do passado. Enquanto isso, a União Wicca do Brasil abre a frente de uma luta para que se enxergue também seu tronco, sua base comum. E assim, ao se olhar para a Wicca, poder-se-ia ver a “anciã árvore da senhora” descrita no poema da Rede Wicca (CANTRELL, 2002): segundo a narrativa wiccana, ela seria, portanto, uma antiga árvore de muitos galhos e profundas raízes.

O problema em questão é a pergunta que fica “e quem diz que árvore é essa?”. Eis aqui o ponto chave da institucionalização. Segundo os próprios wiccanos, seriam eles mesmos, em suas vivências emocionais que tocariam e alcançariam a Deusa. Segundo as representações, é preciso limitar o quão íntimo a pessoa se diz do credo em si. É preciso aprender com pessoas que trilham o caminho há mais tempo, para evitar inverdades. O sacerdote Pedro me disse em um dos rituais, quando foi questionado se existe ou não um cerceamento da Wicca por parte dos grupos constituídos:

não há cerceamento. Todo mundo pode ser wiccano. Mas não é todo mundo que vai se iniciar, né?! Se iniciar é dizer seu “sim” a Deusa. Abandonar seu velho eu e sua velha vida, nascer de novo. Para dizer um “sim” você tem que está muito certo do que quer, mais até, você conhecer muito bem onde está se metendo. Ninguém pula num buraco sem antes ver onde ele vai dar. O que nós e o pessoal da UWB somos contra são essas pessoas que leem um dois livros e já se iniciam. Elas não entendem com o que estão lidando, por mais que a Deusa seja boa, ela cobra e muito, ela é mãe, né?! (Pedro)

Essa dinâmica tem seus picos e seus lados: os que são a favor da institucionalização, os que são contra, os que acham que a Wicca deve ter representatividade social por pessoas sérias e reconhecidas, aqueles que pensam que ela não é uma religião para ser vivida dentro do sistema. Ela deveria, então, ser íntima, silenciosa. E nesse contexto o problema da representação é o simples ditado “é difícil agradar a todos”. Campanhas como a “a UWB não me representa”, mostram que há o típico jogo político em torno da representação – se defina ela institucional ou não. Mas isso faz parte do movimento pendular e do circuito constantes descritos por Hervieu-Léger (1997) em relação às comunidades emocionais e por Turner (2013) sobre as *communitas*. Isso torna a Wicca um nó na rede Nova Era.

Uma última reflexão nos leva a pensar: essa contramodernidade marcada pela Wicca não seria um típico resultado da crise de sentido vivenciada pela nossa sociedade moderna? E, assim, nos termos de Berger e Luckmann (2012)?

Para os autores, o pluralismo moderno que avança constantemente sem “muros” conduz a sociedade a uma “crise estrutural de sentido”, marcada pela perda ou declínio da significância

ou sentido por parte do que eles chamam de “instituições formadoras de sentido” (BERGER e LUCKMANN, 2012). Assim, “nenhuma interpretação, nenhuma perspectiva podem ser assumidas como únicas em validade ou serem consideradas inquestionavelmente corretas” (idem, p. 56). Esse processo culmina portanto na inquietude com que o indivíduo enxerga a própria vida, e avalia os parâmetros em que a vivencia – muitas vezes vivencia esse processo com um sentimento de peso.

Há pessoas que suportam esta exigência; e algumas até parece que se sentem bem com ela. Poderíamos chama-las de virtuosos do pluralismo. A maioria, porém, sente-se insegura num mundo confuso e cheio de possibilidade de interpretação e, como alguns desses também estão comprometidos com diferentes possibilidades de vida, sentem-se perdidos. (idem)

Dessa forma, a Wicca parece condensar o pluralismo religioso em torno de um mito ou eixo fundador que, aparentemente, seria comum a todas as religiões: o passado divino, conectado e matriarcal. Mesmo que algumas dessas religiões não reconheçam ou vivenciem isso, essa é uma realidade, uma crença do ponto de vista wiccano, e uma busca também: “estou articulando com várias lideranças para fazermos um seminário em que elas falariam sobre suas apropriações e heranças pagãs”, foi o que Og Sperle disse publicamente no encerramento do II Seminário sobre Paganismo em 2016. Seria essa uma formulação básica de sentido em torno de seu mito histórico que uniria e condensaria sua comunidade, o tronco de sua árvore de galhos polissêmicos.

Contudo, seu processo institucionalizador demonstra um descontentamento de uma parcela de adeptos em relação ao seu pluralismo base, permitido pelo primado da autonomia sob o qual a Wicca se articula. Por outro lado, há os chamados “virtuosos” por Berger e Luckmann (2012) que acreditam que é exatamente pela autonomia e pluralismo que ela deve se articular. Na tentativa de mediar esse processo, surgiu a ideia da representação.

Nas mesmas sociedades cuja estrutura básica criou as condições para o surgimento de crises de sentido e as possibilidades para a difusão delas, formaram-se estruturas em certos processos de direção contrária que se opuseram à difusão desenfreada de crises de sentido e assim impediram uma crise geral da sociedade. (BERGER e LUCKMANN, 2012, p. 83-84)

A Nova Era como um todo parece se beneficiar do pluralismo e ser um ramo fértil para os “virtuosos do pluralismo”. Nesse sentido parece plausível dizer que os nós, ou pontos, fixados em suas malhas poderiam corresponder a algumas das instituições intermediárias a que os autores se referem no trecho acima. Ou seja, seria possível dizer que a Wicca tem atuado de

maneira a se opor à difusão geral dessa crise: a Deusa está em tudo, mas nem tudo o que se faz é a religião da Deusa.

Para Berger e Luckmann (2012), não há como reverter a crise de sentido que vivemos atualmente, mas há como tratá-la “terapeuticamente”. Eles dizem:

não deveríamos ter ilusões sobre a causa principal destas crises, ou seja, a estrutura básica das sociedades modernas. Contra a diferenciação e o pluralismo não há remédio cujo efeito não se tenha mostrado como veneno mortal. As instituições intermediárias só podem ministrar doses homeopáticas. Não podem eliminar as causas, mas podem abrandar as formas de manifestação da doença e fortalecer a resistência contra ela. *Elas conservam as crises de sentido em estado de fogo brando e não deixam que se transformem em chamas vivas.* (BERGER e LUCKMANN, 2012, p. 84, grifo meu)

A sugestão deixada pela presente pesquisa é a reflexão de que a Wicca, como instituição religiosa, produz suas representações ou instituições propriamente ditas, e essas têm atuado como uma “instituição intermediária” na sociedade moderna. A Wicca se pauta, portanto, “contraculturalmente” ou “contramodernamente”. E assim, tem mediado as críticas e transformações inerentes ao sistema moderno a que suas práticas, filosofias e credos se opõem, ao passo que se insere ao sistema em que critica. A manutenção de uma sociedade plural é vital para seu holismo, ao mesmo tempo que seu holismo leva ao retorno encantado do mundo da experiência e da emoção. Seu movimento pendular entre comunidade emocionais e secularização (HERVIEU-LÉGER, 1997) e circular entre *communitas* e estrutura (TURNER, 2012) se justifica perfeitamente quando a entendemos desse modo. “No caso ideal, as instituições intermediárias têm um rosto de Jano: olham ‘para cima’ para as grandes instituições e ‘para baixo’ para a vida do indivíduo” (BERGER e LUCKMANN, 2012, p. 91).

O caso apresentado aqui sobre a atuação da UWB nada mais nos aparenta ser do que a tentativa de fundação de uma instituição intermediária – e talvez até por isso ela já comece flexionando o termo “instituição” em favor da “representação”.

As instituições intermediárias precisam ser apoiadas lá onde não encarnam atitudes “fundamentalistas”, mas onde apoiam os “pequenos mundos da vida” [...] de comunidades de sentido e eventualmente também de convicção e educam ao mesmo tempo seus membros para serem portadores de uma “civil society” pluralista (BERGER e LUCKMANN, 2012, p. 85).

Ou seja, a representação é para aqueles que aderem convictamente a Wicca, que fazem delas seus “pequenos mundos de vida”, que saem do circuito neo-esotérico ou se fixam no nó da rede que se caracteriza a Wicca, para aqueles que querem se iniciar, tornarem-se parte da Deusa, seguirem seu sacerdócio, como salienta o sacerdote Pedro. Os autores continuam,

nos “pequenos mundos da vida” os diversos sentidos oferecidos pelas entidades que os intermedeiam não são simplesmente consumidos, mas são objetos de uma apropriação comunicativa e processados de forma seletiva até se transformarem em elementos da comunhão de sentido das comunidades de vida (idem).

O processo de representação da UWB está em seu início polêmico, na luta para atingir os “pequenos mundos da vida” dos consumidores wiccanos, para então ser apropriado e comungado na comunidade wiccana carioca (e brasileira, já que a intenção da entidade é nacional). Obviamente esse projeto também tende ao fracasso, e quanto a isso o presente trabalho não visa a lançar quaisquer perspectivas, deixamos o encargo da história nos dizer como por fim se sucedeu esse polêmico processo intermediador da Wicca realizado pela UWB no Rio de Janeiro (RJ). O que sabemos é que as instituições intermediárias “são processadas comunicativamente, selecionadas, rejeitadas e adaptadas às próprias circunstâncias” (BERGER e LUCKMANN, 2012, p. 92).

Podemos concluir, por fim, que o cântico wiccano abaixo define com exatidão e de forma sucinta a realidade da Wicca:

*Somos um círculo,
dentro de um círculo,
Sem um começo
e sem um fim.
(Cântico wiccano)⁴⁴*

⁴⁴ Cântico traduzido para o português, provavelmente por Cristiano, mas sem informações precisas sobre a tradução encantada do canto “We are a circle”, sem autoria elencada. “*We are a circle / within a circle / with no beginning / and neverending*”.

BIBLIOGRAFIA:

BIBLIOGRAFIA ACADÊMICA:

AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma**: comunidade essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. Nova Era: um movimento de caminhos cruzados. In: AMARAL, Leila. **Nova Era**: um desafio para os cristãos. São Paulo: Editora Paulina, 1994, p.13-50.

ARAÚJO, Felipe. Gerald Brosseau Gardner. In: **Info Escola** [S. I.]. Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/gerald-brosseau-gardner/>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Miceli S., editor. São Paulo: Perspectiva; 1998, p. 27-78.

CAMPBELL, Colin. A Orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. In: **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 18, n. 1, 1997, pp. 05-29.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Estaria o catolicismo na França do século XXI caminhando em direção a um perfil comunitário? In: **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 30, n. 2, p. 74-89, 2010.

_____. **Espiritismo e Nova Era** – Interpelações do Cristianismo Histórico. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2014.

CAROZZI, Maria Julia. Nova Era: a autonomia como religião. In: CAROZZI, Maria Julia (org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 149-190.

CARVALHO, José Jorge de. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Edições Loyola, 1992, pp. 133-161.

_____. O encontro de velhas e novas religiões Esboço de uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade. In: MOREIRA, Alberto & ZICMAN, Renée (orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 67-99.

CASTRO, Dannyel de. Neopagãos na Cidade: teias e trilhos de uma ecoespiritualidade na metrópole. In: **Visagem** - Revista de Antropologia Visual e da Imagem, vol 1, n.2, 2015. Disponível em <<http://www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem/experiencia-etnografica/>>, acessado em 05 nov. 2016.

_____. Paganismo tropical: as religiões pagãs no Brasil. In: **Neopagãos na cidade** [S. I.]. 2016. Disponível em: <<https://neopagaosnacidade.wordpress.com/2016/09/21/paganismo-tropical-as-religoes-pagas-no-brasil/>>, acessado em 05 nov. 2016.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis: vol.23, n.2, 2015. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/38866/29346>>, acessado em 05 nov. 2016.

_____. The Cult of Afro-Brazilian and Indigenous Gods in Brazilian Wicca. In: **The Pomegranate**. Vol 16, n. 2, 2014. Disponível em <<https://journals.equinoxpub.com/index.php/POM/article/view/26918/24297>>, acessado em 05 nov. 2016.

CORDOVIL, Daniela & CASTRO, Danyel de. Espiritualidades Holísticas na Metrópole da Amazônia: presença e expansão de Religiões de Nova Era em Belém, Pará. In: **Estudos de Religião**, 28, dezembro de 2014. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/5021>>, acessado em 05 nov. 2016.

_____ & _____. Urbe, Tribos e Deuses: Neopaganismo e espaço público em Belém. In: **Plura**, Revista de Estudos de Religião. Vol. 6, n.2, jul-dez, 2015. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1083/pdf_132>, acessado em 05 nov. 2016.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1991.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano** – A essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus Editora, 2003.

HARVEY, Graham & HARDMAN, Charlotte (orgs.). **Paganism Today**. Haper Collins, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? Tradução de Pierre Sanchis. In: **Revista Religião e Sociedade**, vol. 18, n. 1, 1997, p. 31-47.

LANGER, Johnni & CAMPOS, Luciana de. The Wicker Man: Reflexões sobre a wicca e o neo-paganismo. In: **FÊNIX: Revista de História e Estudos Culturais**. _____, Vol. 4, ano IV, número 2, abr/mai/jun. 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Ligia Amaral. **Wicca: a religião dos bruxos**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

MAGNAMI, José Guilherme Cantor. O Neo-esoterismo na cidade. In: **Revista USP**, “*Dossiê de magia*”, n. 31, 1986.

_____. **Mystica Urbe**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os deuses que nunca se foram: somos encantados ou desencantados” In: AUGUSTO, Adailton Maciel. **Ainda o Sagrado Selvagem**: homenagem a Antonio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: Paulinas Editora, 2010, p. 131-154.

NERA. Histórico. In: **Grupo de Pesquisa Neoesoterismo e Religiões Alternativas**. Disponível em <http://www.grupodepesquisanera.com/p/blog-page_6787.html>, acessado em 05 nov. 2016.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. A Nova Velha Tradição Religiosa: a wicca e a sua relação com as tradições pré-cristãs e contemporâneas. In: I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões (PPGCR/UFPB). GT 5: Religião e Mídia. **Pluralismos**. João Pessoa: 2007.

OSÓRIO, Andréa. **Mulheres e Deusas**: Um estudo antropológico sobre a bruxaria wicca e a identidade feminina. 2001. Dissertação de Mestrado. PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. O Corpo da Bruxa. In: MIRIAN GOLDENBERG (org.), **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. Bruxas Modernas na rede virtual: a internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes da Wicca no Brasil. In: **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, jan-jun., ano/vol. 8, n. 001, p. 127-139, 2005.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 3ª edição, 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências sociais e religião: A religião como ruptura. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). **As religiões no Brasil** – Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2011, pp. 17-34.

RIBEIRO, Alessandra Stremel Pesce. **Wicca**: paganismo urbano e religiosidade contemporânea. 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

RUSSELL, Jeffrey B. & ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Tradução de Álvaro Cabral & William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto (orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997, pp. 103-115.

_____. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORHAERT, Eduardo (org.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe**: o debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 81-131.

SILVA, Dartagnan Abdias Silva. **A Bruxa e a Mídia**: uma análise da imagem da bruxa no seriado “The Secret Circle”. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia). Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.

SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: **Sinais dos Tempos** – Tradições religiosas no Brasil. Cadernos do ISER n.º 22. Rio de Janeiro: ISER, 1989.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição – transformações do campo religioso. In: **Revista Ciências Sociais e Religião**. Porto Alegre, ano 3, n. 3, 2001, pp. 115-129.

SCHWADE, Elizete. **Deusas Urbanas**: Experiências, Encontros e Espaços Neo-Esotéricos no Nordeste. 2001. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

TAYLOR, Charles. **As fontes do Self**. São Paulo: Loyola, 1997.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. **Alquimias da cura** – um estudo sobre a rede terapêutica alternativa no Rio de Janeiro. 1998. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

VELHO, Otávio. Religiosidade e antropologia. In: **Mais realistas que o rei**. Ocidentalismo, religião e modernidades tardias. Rio de Janeiro: TopBooks, 2007, pp. 215-246.

BIBLIOGRAFIA NATIVA:

ABraWicca. **Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca** (ABraWicca). Disponível em <<http://www.abrawicca.com.br/>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

ARAÚJO, Felipe. Gerald Brosseau Gardner. In: **InfoEscola** [S. I.]. Disponível em <<http://www.infoescola.com/biografias/gerald-brosseau-gardner/>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

BEZERRA, Karina Oliveira. História do Projeto Orgulho Pagão. In: **Cliografia** [S. I.]. Disponível em <<http://www.cliografia.com/2012/09/19/historia-do-projeto-orgulho-pagao/>>, acessado em 05 de jul. de 2016 (2012).

BLACK, Lady Mirian. **Bruxas**. São Paulo: Ícone Editora, 2012.

BOOK of Shadows: Magnus Edition [ebook]. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=O_jjmWn_yZAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>, acessado em 05 de jul. de 2016.

BOURNE, Loise. **Dançando com feiticeiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CANTRELL, Gary. **Wicca**: crenças e práticas. São Paulo: Madras Editora, 2002.

FACEBOOK, Wica Gardneriana – Manifesto Gardneriano [comunidade]. **Gardnerianos** – os Esnobes da Arte (Snobs of the Craft). Será???. Publicado em 7 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1081143858578699/photos/a.1081528095206942.1073741829.1081143858578699/1198894496803634/?type=3&theater>>, acessado em 05 de jul. de 2016

GARDNER, Gerald B. **A Bruxaria Hoje**. São Paulo: Madras Editora, 2005.

GERALD B. Gardner [S. I.]. Disponível em <<http://geraldgardner.com/>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

GRAVES, Robert. **A Deusa Branca**: uma gramática histórica do mito poético. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 (1948).

HESELTON, Philip. **Witchfather**: A Life of Gerald Gardner. Vol 1: Into the Witch Cult. Loughborough, Leicestershire: Thoth Publications, 2012a.

_____. **Witchfather**: A Life of Gerald Gardner. Vol 2: From Witch Cult to Wicca. Loughborough, Leicestershire: Thoth Publications, 2012b.

LELAND, Charles. **Aradia**: O Evangelho das Bruxas. Florianópolis: Outras Palavras, 2000 (1899).

LIMA, Ligia Amaral. **Wicca**: a religião do bruxos. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

MORRISON, Dorothy. **A Arte** – O Livro das Sombras de Uma Bruxa. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2010.

MURRAY, Margaerth. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras Editora, 2003 (1921).

PFI. What is Paganism? In: **Pagan Federation International**. Disponível em <<http://stichting.paganfederation.org/paganism.html>>. Acessado em 05 de jul. de 2016.

QUITINHO, Claudio Crow. **A Religião da Grande Deusa**: Raízes históricas e sementes filosóficas. São Paulo: Editora Gaia, 2002.

ROCHA, Fernanda & ALONSO, Victor. Gerald Gardner. In **Bruxaria na Serra**. 2009, p. 1. Disponível em <<http://bruxarianaserra.weebly.com/gerald-gardner.html>>, acessado em: 05 de jul. de 2016.

RMGARWIN. As Leis Wiccanas – redigidas por Gerard B. Gardner e com 22 adicionais leis de Alex Sanders. In: **Estudos Pagãos** [S. I.]. Publicado em 09 de outubro de 2010. Disponível em <<http://estudos-pagaos.blogspot.com.br/2010/10/lei.html>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

STARHAWK. **A Dança Cósmica das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.

TUITÉAN, Paul & DANIELS, Estelle. **Wicca Essencial**. Rio de Janeiro: Pensamento, 2004.

UWB. **União Wicca do Brasil** (UWB). Disponível em <<http://uniaowiccadobrasil.org.br/>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

VAREGO, el. Gerald Gardner. In: **La Revista de las Sombras** [S. I.]. Disponível em <<http://www.revista-wicca.com.ar/biografia1-GeraldGardner.htm>>, acessado em 05 de jul. de 2016.

VILHENA, Luís R. *O Mundo da Astrologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ZELL-RAVENHEART, Oberon. **Grimório para o Aprendiz de Feiticeiro**. São Paulo: Madras Editora, 2008.